

REVUE **SPIRITE** |

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



CEI

CONSELHO
ESPÍRITA
INTERNACIONAL

Espírito

Agente da Potência Divina

Editorial



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Panteão de Autores do Mais Além

Quando a alma quer se manifestar

Expressando por vezes a tristeza ou
saudando a natureza

Em cânticos de harmonia, honrando
toda beleza

Vem em forma de poema onde senti-
mos o chorar ou o amar.

Não é sem razão que a obra que inau-
gura a manifestação dos Espíritos
entre nós através da psicografia de
Francisco Cândido Xavier tenha sido
o *Parnaso de Além Túmulo*, uma cole-
tânea de poemas. Seus diversos auto-
res espirituais compartilham conosco
suas experiências, falam da vida no
além, da saudade, das oportunidades
perdidas, das terras amadas que dei-
xaram para trás, mas acima de tudo
louvam ao Criador das belezas, reve-
renciando as oportunidades que nos
permitem progredir.

Neste ano, em que comemoramos 90
anos de seu lançamento, dedicamos
este número da *Revue Spirite* a este
panteão de autores do mais além e ao
médium que lhes serviu de fiel e dedi-
cado instrumento, Francisco Cândido
Xavier, agradecendo-lhes suas estro-
fes sublimes e sentidas, que nos ele-
vam e nos convidam a mais profundas
reflexões.

Revue Spirite**Journal d'Études Psychologiques Fondée par****ALLAN KARDEC le 1er janvier 1858****Propriedade do Conselho Espírita Internacional
(CEI)**Logo et Marque Européenne enregistrée à **L'EUI-
PO** (Office de l'Union Européenne pour la propriété
intellectuelle)® **Trade mark** 018291313Marque française déposée à **L'INPI** (Institut Natio-
nal de la Propriété Intellectuelle) sur le numéro ®
093686835.**Editado por**

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068**Depósito Legal** 403263/15© **copyright 2022****Ano 165****Nº8****CEI | Trimestral | julho 2022****Distribuição gratuita****Direção (CEI)**

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.comwww.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Jorge Daher
22	Espiritismo e Filosofia	André Henrique de Siqueira
40	Espiritismo e Religião	Aluizio Ferreira Elias
56	Revisitando a Revista	Denise Lino
76	Plano Histórico	Adriana Paula Silva
92	A Geração Nova	Ligia Carvalho
112	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Oswaldo Melo
120	Espiritismo e Sociedade	Manuel Costa
136	Entrevista	Vitor Feria
148	Comunicação Social Espírita	André Siqueira & Ismael Moura

Equipa

Revue Spirite



Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das **potências da Natureza**, causa eficiente de uma multidão de fenómenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no **Espiritismo**.²

1. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, "Profissão de Fé Raciocinada", item 29.

2. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, "Introdução", item VI.

Fechamos, com este Número 8 da *Revue*, mais um ano de edição, ao longo do qual convidámos os nossos leitores a debruçarem-se sobre a Imortalidade do Espírito e não só.

"Vontade livre e Inteligente", "Força Inteligente da natureza", "Imortal e Indestrutível" e "Agente da potência divina" são algumas das ideias expostas na Codificação, que ficaram a pairar para reflexões presentes e futuras.

Cumpre-nos agradecer, novamente, a todos os que tornaram possível a concretização deste projeto e nos proporcionaram esta oportunidade de servir: deste os autores que se disponibilizaram, oferecendo-nos a sua maior preciosidade (tempo e conhecimento), até aos vinte e dois países membros que integram o CEI e que de diversos modos apoiam a materialização desta "tribuna livre".

Que a voz de Allan Kardec se possa continuar a fazer ouvir, através de todos os que prosseguem na senda do seu legado à humanidade.

"Quando, num mundo, os Espíritos têm realizado a soma de progresso que o estado desse mundo lhes faculta efetuar, deixam-no e passam a encarnar noutra mais adiantado, onde entesouram novos conhecimentos e assim por diante, até que, de nenhuma utilidade mais lhe sendo a encarnação em corpos materiais, entram a viver exclusivamente a vida espiritual, em que também progredem noutra sentido e por outros meios. Galgando o ponto culminante do progresso, gozam da felicidade suprema. Admitidos nos Conselhos do Omnipotente, identificam-se com o pensamento deste e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos..."¹.

HISTÓRIA DA CAPA

Olhar para o futuro e guardar na alma o sentimento do infinito.

Ligar-se ao Criador à distância de uma olhar íntimo do ser que se desvela.

O poder divino que se manifesta na inteligência cocriadora do Ser, do Espírito, agente no mundo da existência.

O Deus único, criador de seres únicos, com o atributo divino da inteligência.

A nossa escolha de capa remete-nos para o infinito, através do olhar; a visão que nos transporta, que descodifica o mundo, que observa, que analisa.

O olhar que é uma das fronteiras do ser entre o mundo que observa e o seu eu interior.

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta nova edição da *Revue*, artigos cuja redacção obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.



1



2



3

1. **Christopher Burns**, "Agente da Potência Divina" (2017) A nossa escolha de capa para o número 8 de *Revue Sprite*

2. **Fethi Bouhaouchine**, estudo de capa.

3. **Thevaler**, estudo de capa.



Espiritismo e Ciência face a face



*Jorge Daher

Médico endocrinologista, membro da Associação Médico-Espírita do Brasil, pesquisador clínico em Termologia Médica.

JORGE DAHER*

Imortalidade

em

André

Luiz





Resumo

Os estudos sobre a possibilidade de sobrevivência após a morte cresceram de forma exponencial nas últimas décadas, como todos os campos da literatura médica.

Utilizando termos médicos que podem sugerir a imortalidade da consciência, o autor faz correspondência com as obras do Espírito André Luiz, autor espiritual de vigorosa obra espírita conhecida como Coletânea A Vida no Mundo Espiritual.

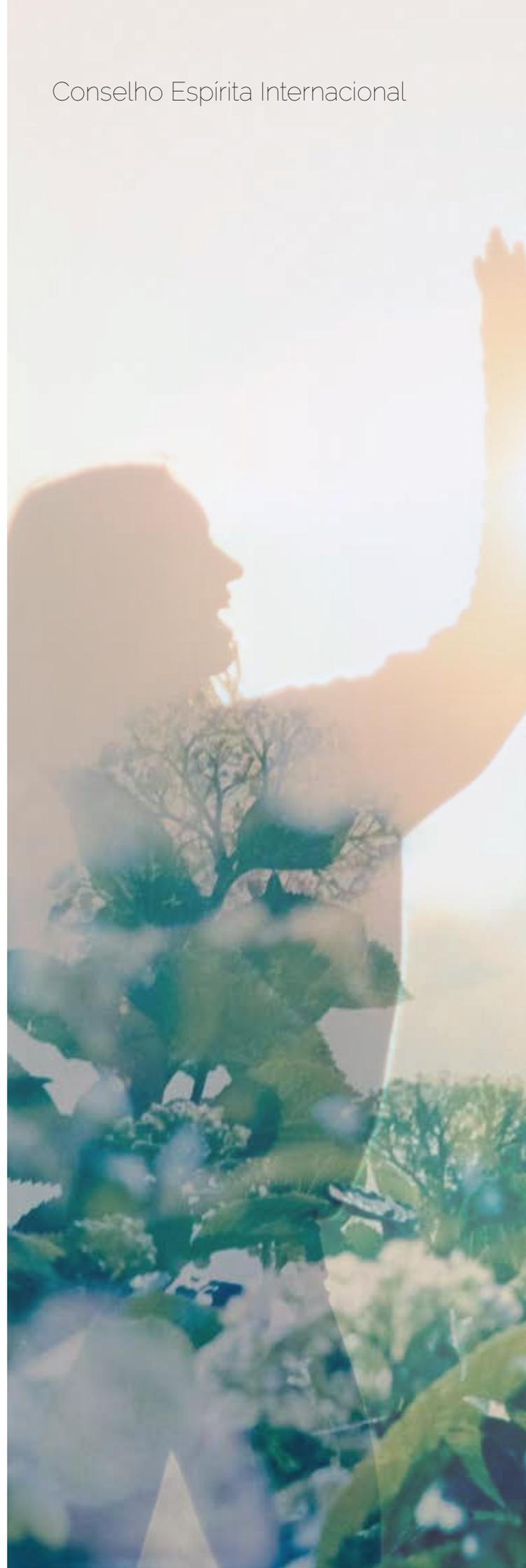
Palavras-chave Imortalidade, André Luiz, Experiência de Quase Morte, Sobrevivência da Consciência, Consciência Espiritual.

Introdução

A sobrevivência após a morte está presente nas manifestações culturais de todos os povos, e falamos de homens que iniciaram a jornada na Terra há mais de 100 mil anos. Rituais mortuários que sugerem indícios de uma consciência espiritual, para estudiosos de nossa era, foram identificados entre Neandertais. Esses ritos sofisticaram-se há cerca de 40 mil anos, a partir do chamado homem de Cro-Magnon (Joseph 2014).

O tema também foi especulado na literatura médica e a primeira publicação científica indexada em bibliotecas online e de acesso público data do século XIX (Daher et al. 2017). O fato de causar interesse para literatura científica da área médica, ultrapassando os limites das ciências classificadas como humanas, demonstra que a possibilidade da sobrevivência deixa de se tornar uma especulação filosófica para assumir evidência científica.

As relações e possibilidade de um mundo no domínio do após morte também foi especulada a partir dos relatos de Experiências de Quase-Morte, ou seja, pessoas que durante determinado período de tempo apresentaram morte clínica e, ao recobrem a consciência, descreveram percepções ocorridas durante aquele momento. O mundo extra-físico da maioria das pessoas que apresentaram Experiência de Quase-Morte foi descrito como repleto de seres anjélicos, pela luz que emitiam, como



se pode perceber em artigo científico que tem por tema a visão de tais seres (Lundahl 1992).

A Moral, termo hoje um tanto criticado pelos relativistas, tem importância para a Medicina. Moral e Ética podem ser considerados termos comuns, principalmente para o objetivo que aqui nos interessa, tratando especificamente da ética segundo a tradição aristotélica. A Moral se manifesta como Lei Natural, presente no homem e foi descrita por C. S. Lewis como "Lei da Natureza Humana" (Lewis 2017). Edmond Pellegrino, médico americano, trouxe para a filosofia médica contribuições inestimáveis a partir de sua visão religiosa (católica) do homem e seu legado foi a abordagem humanizada e moral do paciente (Thomasma 1990).

Daniel Sulmasy, padre e médico, propôs um modelo de compreensão do homem que chamou de biopsicoespiritual que lhe permitiu tratar da dimensão da morte como realidade transcendente do homem (Sulmasy 2002).

O Espírito André Luiz pôde colaborar com a visão espírita do homem através de relatos descritos na coletânea A Vida no Mundo Espiritual (Editora FEB), que é a coleção de 13 livros do autor espiritual, através dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira (participação em 3 dos 13 livros).

Utilizarei aqui categorias de tópicos sobre sobrevivência após a morte, baseado no trabalho científico publicado em 2017 (Daher et al.). Os tó-



**Arrependimento,
expição e reparação**
(...) três condições
necessárias para
apagar os traços de
uma falta e suas
consequências

picos escolhidos no referido artigo foram Obsessão, Experiência Fora do Corpo, Sonhos Lúcidos, Intercessão. Em cada tópico, os exemplos serão limitados a alguns casos, pela numerosa coletânea provida pelo autor espiritual André Luiz.

Sobre André Luiz, o Espírito se apresentou ao médium no início da década de 1940, com o objetivo de descrever aspectos da vida no mundo espiritual. O Espírito, um médico já desencarnado, utiliza dos recursos do médium e traz um verdadeiro diário de um homem que descobre um novo mundo, além de sua perspectiva terrena.

“

O remorso, que advém da percepção de ser culpado por erros cometidos, é inevitável sinal de sintonia com as Leis Morais

Obsessão

Obsessão espiritual é tema assaz conhecido pelos estudiosos do Espiritismo e consiste, ordinariamente, na influência maléfica que um Espírito desencarnado exerce sobre um encarnado, porém tal influência pode ser exercida por um encarnado sobre um desencarnado e entre encarnados e desencarnados.

Na coletânea referida, temos casos de obsessão detalhadamente descritos, como no capítulo 3 do livro *Entre a Terra e o Céu* (Xavier 2006a).

A descrição do processo obsessivo relata o envolvimento da medula espinhal (chamada alongada pelo autor) e do centro coronário (que corresponde ao núcleo energético, ou centro de força, que reflete a ligação do espírito ao corpo) da vítima pelo obsessor. Tal envolvimento teve como manifestação física um processo de grande apatia, com características que podemos identificar com a chamada Depressão Maior. Isso porque a "vítima" encarnada já trazia uma predisposição melancólica a partir de um sentimento de culpa gerado pela omissão nos cuidados do enteado, que terminou com o afogamento e morte da criança.

Outro caso de obsessão com manifestações físicas bem identificadas é descrito no livro *Missionários da Luz* (Xavier 2006c), em que o Espírito encarnado manifesta sinais neurológicos pelo relaxamento do tônus motor e influência sobre todas as glândulas endócrinas. Em suma, a influência obsessiva ocupava todo o organismo, impondo "tremendas reações em todos os centros de energia celular".

Em *Evolução em Dois Mundos*, o autor

espiritual descreve o sentimento do remorso como provocador de consequências mórbidas para as vítimas da obsessão (Xavier 2006b). É importante reforçar aqui que o remorso ocorre após a percepção da culpa e isso se dá pelo desenvolvimento do senso moral e, nesse caso, a culpa não é nociva ao Espírito mas fator de correção importante.

O sentimento de culpa, que muitos tentam descrever como negativo, só o é quando governa um comportamento vitimista, cujo objetivo é unicamente livrar-se da responsabilidade. O remorso, que advém da percepção de ser culpado por erros cometidos, é inevitável sinal de sintonia com as Leis Morais que nos governam, ao propiciarem oportunidade de correção de rumos.

Allan Kardec, em *O Céu e o Inferno*, no capítulo VII da referida obra, descreve o Código Penal da Vida Futura, que é um conjunto de deduções ético-morais obtidas a partir do relato dos Espíritos de diversas ordens e categorias, já no mundo espiritual. No artigo 16º, lemos: "16º O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação.

Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça e não uma anulação." (Kardec 1992, 93)

Experiência fora do corpo

Na obra *Nos Domínios da Mediunidade*, o autor espiritual dedica um capítulo ao estudo de como se processa o mecanismo do Desdobramento, conhecido no meio acadêmico como Experiência Fora do Corpo.

Inicialmente, há necessidade de definições e aqui encontramos o conceito de duplo etérico, rico em “eflúvios vitais”, que, segundo André Luiz, é “formado por emanações neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora” (Xavier 2006d).

João Teixeira de Paula, em seu *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo* (Paula 1970), não distingue o duplo etérico do perispírito e afirma que o termo deriva do espiritualismo inglês.

Continuando a descrição de André Luiz, no desdobramento ocorre também projeção de ectoplasma, que seria responsável pelos fenômenos de exteriorização da sensibilidade, muito estudado nos anais da hipnose e conhecido no meio espírita através das obras de Gabriel Delanne, Cel. De Rochas e António J. Freire.

No caso em questão, o agente em experiência fora do corpo descreve o ambiente espiritual a que é conduzido, ao contrário do relato da literatura científica, onde a descrição, amiúde, é de ambientes de natureza física (ou relativos ao mundo corpóreo).

Em *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz reforça a semelhança entre o Desdobramento e os processos da hipnose, tomando-a como exemplo no Desdobramento no sono artificial (Xavier e Vieira 2017).

Sonhos Lúcidos

Sonhos lúcidos, ou proféticos, constituem elementos que podem servir de evidência para a autonomia da consciência em relação ao cérebro. Tal autonomia é a base filosófica dos espiritualistas para a sustentação da sobrevivência após a morte como realidade passível de ser apresentada em evidências que a sugerem.

Novamente utilizaremos o livro *Entre a Terra e o Céu* para recolhermos o exemplo de um sonho lúcido. Aqui, o caso é com Antonina, encarnada e passando por grande aflição, após abandono do marido e perda de um filho.

A concomitância de processos obsessivos, principalmente em transtornos mentais bem caracterizados e assumidos apenas como de ordem cerebral, é episódio mais frequente do que podemos pressupor, infelizmente não notificada em anais científicos ou propagada nos meios médicos. Em nossa experiência pessoal, atuando num grupo de estudo da desobsessão voltada para pacientes com diagnóstico de transtornos mentais, notadamente esquizofrenia, pudemos relatar vários casos de obsessão agravando a patologia psiquiátrica de base.

O sonho lúcido relatado por André Luiz ocorre pelo desdobramento do sono natural, amparado pela providência do instrutor Clarêncio. Antonina é levada até à presença de seu filho desencarnado. Ao despertar, guarda a certeza de tê-lo visitado, porém sem a lembrança exata da longa conversa que possivelmente tiveram (Xavier 2006e).

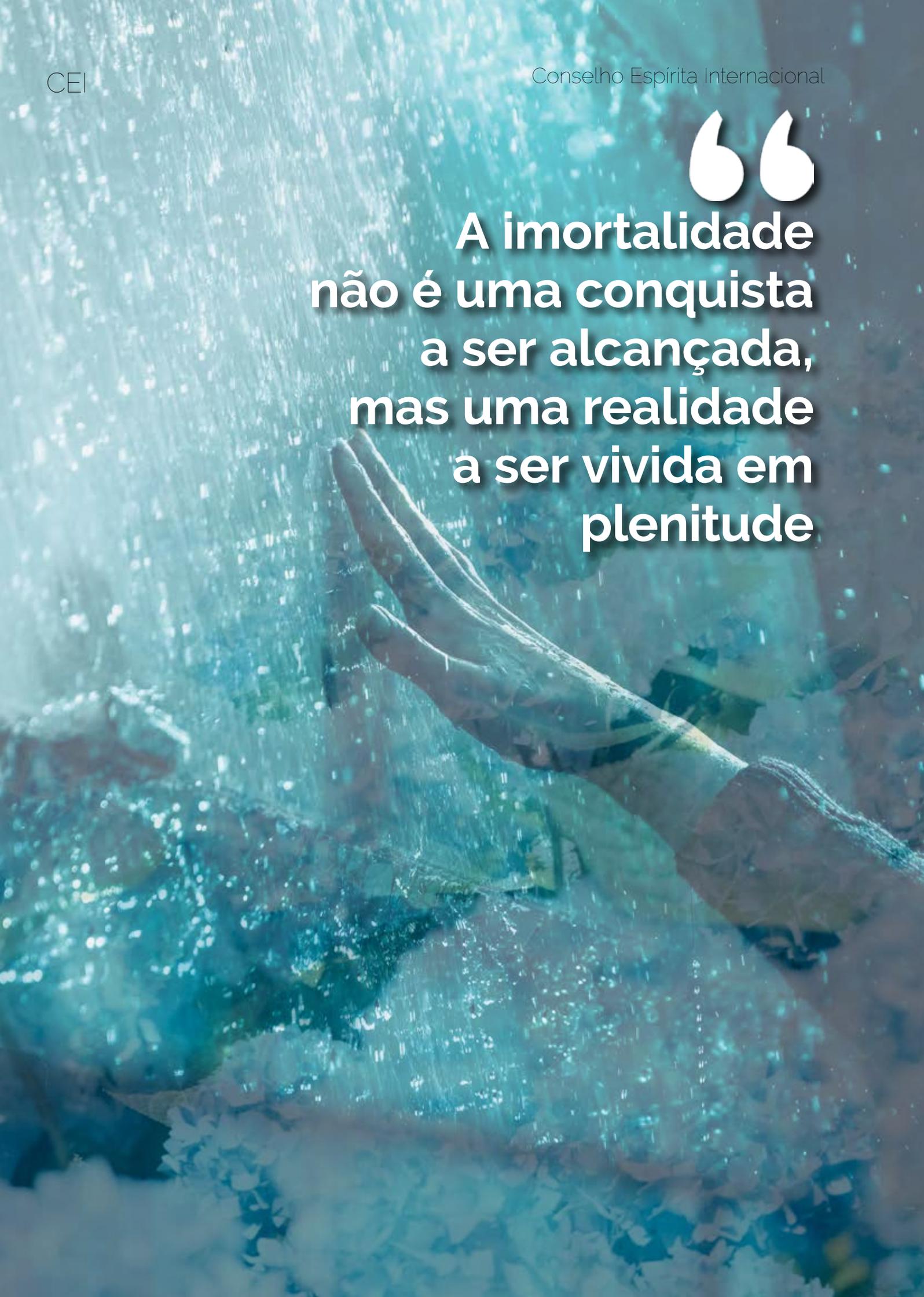
Em *Missionários da Luz*, o Instrutor Alexandre conduz Etelvina até à presença de seu esposo Raul, desencarnado através do suicídio. Ao despertar, ela encontra consolação e renova o ânimo, apesar de não ter sido permitido a Raul revelar a causa de sua morte. (Xavier 2006c).



a possibilidade da sobrevivência deixa de se tornar uma especulação filosófica para assumir evidência científica



**A imortalidade
não é uma conquista
a ser alcançada,
mas uma realidade
a ser vivida em
plenitude**



Intercessão

O exemplo mais marcante de intercessão, na coletânea em estudo, é demonstrado no livro *Os Mensageiros*, através da Prece de Ismália (Xavier 2006e).

Aniceto descreve o processo de benefício através da prece como o de recepção de elementos-força. Cabe-nos especular que tais elementos são de natureza unicamente espiritual, porém capazes de repercussões sobre o corpo físico.

A literatura está recheada de exemplos de ação intercessória. Um dos relatos mais magníficos foi trazido por Alexis Carrel em seu livro *Le Voyage de Lourdes* (Carrel 1949), em que o autor, médico conceituado e agraciado com o Prêmio Nobel de Fisiologia, relata a cura completa de uma mulher com tuberculose sistêmica, sem qualquer perspectiva de sobrevivência, segundo minuciosa análise médica da época.

Em *Ação e Reação* (Xavier 2006), André Luiz nos apresenta a intercessão reparadora a Laudemira, mulher desencarnada que, apesar da ação vigorosa de amigos espirituais, permaneceu vinculada ao mal durante quatro reencarnações consecutivas, demonstrando que, em um plano transcendente, de eternidade, temos, ao lado da intercessão, a misericórdia e a paciência divinas.

Conclusão

Ao buscarmos em André Luiz, um autor desencarnado, evidências da sobrevivência após a morte, já revelamos nossa convicção na imortalidade da alma. Porém, o que efetivamente analisamos é a riqueza de

exemplos que servem para o homem em busca de si mesmo, de sua identidade espiritual.

Ainda que tenhamos publicado, como coautor, a antecipação da obra de André Luiz a respeito da glândula pineal (Lucchetti et al. 2013), não guardamos qualquer intenção de colocar os escritos do autor espiritual no rol da literatura científica. Jamais foi essa a intenção do Espírito, quer pela linguagem utilizada, quer pela forma de descrição dos relatos, quer, ainda, pelo interesse despertado.

A obra de André Luiz se situa, como literatura, no campo dos romances com desdobramentos filosóficos. A imortalidade não é uma conquista a ser alcançada, mas uma realidade a ser vivida em plenitude. Os conceitos cristãos são reforçados, não no campo da manifestação religiosa, mas na prática cotidiana. Longe da característica de auto-ajuda, a literatura da coletânea *A Vida no Mundo Espiritual* é capaz de provocar reflexões profundas, como análise da humanidade que sob as vestes da Modernidade traz conquistas e conforto físico sem que haja, em país algum, preparação espiritual para tal, como vemos na Preleção de Eusébio, em *No Mundo Maior*.

A imortalidade em André Luiz é conceito de renovação necessária, de progresso espiritual, de harmonia mental, para que consigamos cumprir nosso compromisso com o Cristo, vencermos nossa natural resistência e modificarmos a nós mesmos.

Mais que qualquer pretensão científica ou literária, é a interpretação da Codificação Kardequiana em exemplos reais de nossa vida na Terra e no mundo espiritual que nos rodeia.

Bibliografia

CARREL, Alexis. 1949. *Le Voyage de Lourdes*. Paris: editora PLON.

DAHER, Jorge C., R.F. Damiano, A.L.G. Lucchetti, A. Moreira-Almeida, and G. Lucchetti. 2017. "Research on Experiences Related to the Possibility of Consciousness beyond the Brain: A Bibliometric Analysis of Global Scientific Output." *Journal of Nervous and Mental Disease* 205 (1). <https://doi.org/10.1097/NMD.0000000000000625>.

JOSEPH, R. 2011. "Evolution of Paleolithic Cosmology and Spiritual Consciousness, and the Temporal and Frontal Lobes", In R. Penrose, S. Hameroff, & S. Kak (Eds.), *Consciousness and the Universe* (pp. 631-382). Cambridge, MA: Cosmology Science Publishers.

KARDEC, Allan. 1992. *O Céu e o Inferno*. [Tradução de Manuel Quintão]. Rio de Janeiro: FEB.

LEWIS, Clive Staples. 2017. *Cristianismo Puro e Simples*. [s.l.]: Thomas Nelson Brasil.

LUCCHETTI, G., J.C. Daher Jr., D. Iandoli Jr., J.P.B. Gonçalves, and A.L.G. Lucchetti. 2013. "Historical and Cultural Aspects of the Pineal Gland: Comparison between the Theories Provided by Spiritism in the 1940s and the Current Scientific Evidence." *Neuroendocrinology Letters* 34 (8).

LUNDAHL, Craig R. 1992. "Angels in Near-Death Experiences." *Journal of Near-Death Studies* 11 (1): 49–56.

PAULA, João T. 1970. *Dicionário de Parapsicologia Metapsíquica e Espiritismo*. São Paulo: Ex libris.

SULMASY, Daniel P. 2002. "A Biopsychosocial-Spiritual Model for the Care of Patients at the End of Life." *The Gerontologist* 42 (suppl_3): 24–33.

THOMASMA, David C. 1990. "Establishing the Moral Basis of Medicine: Edmund d. Pellegrino's Philosophy of Medicine." *Journal of Medicine and Philosophy* (United Kingdom) 15 (3): 245–67. <https://doi.org/10.1093/jmp/15.3.245>.

XAVIER, Francisco C., (André Luiz, Espírito). 2006. *Ação e Reação*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C., (André Luiz, Espírito). 2006a. *Entre a Terra e o Céu*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C., (André Luiz, Espírito). 2006b. *Evolução Em Dois Mundos*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. e Waldo Vieira, (André Luiz, Espírito). 2017. *Mecanismos da Mediunidade*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C., (André Luiz, Espírito). 2006c. *Missionários Da Luz*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C., (André Luiz, Espírito). 2006d. *Nos Domínios da Mediunidade*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C., (André Luiz, Espírito). 2006e. *Os Mensageiros*. Brasília: FEB.

“

A imortalidade em André Luiz é conceito de renovação necessária, de progresso espiritual, de harmonia mental

Espiritismo & Filosofia

ANDRÉ HENRIQUE DE SIQUEIRA*



***André Henrique de Siqueira**

Diretor de Comunicação na Federação Espírita Brasileira. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília.



Poesia
e **Imortalidade**

Reflexões Sobre o Parnaso de Além Túmulo



Resumo

A primeira edição de PARNASO DE ALÉM TÚMULO, primeira obra do Médiun Francisco Cândido Xavier, é de 1932. Neste ano de 2022, o livro completa 90 anos. Trata-se de uma antologia poética reunindo 60 peças de 14 autores, em sua primeira edição. A segunda edição, em 1935, foi ampliada para 173 poemas e 32 autores espirituais. Foi, no entanto, em 1955, com a 6ª edição, que a obra ganhou sua conformação definitiva: expressar em conjuntos de poemas a estrutura conceitual apresentada por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*. Neste artigo são explorados alguns aspectos do lançamento da primeira edição em sua efeméride marcando 90 anos.

Palavras Chave Espiritismo, Literatura Espírita, Poesia.

*Dessa Castália eterna da Harmonia
Transborda a luz excelsa da Poesia,
Que a Terra toda inunda de esplendor.*

*Hinos das esperanças espargidos
Sobre os homens, tornando-os mais unidos,
Na ascensão para o Belo e para o Amor.*

João de Deus, poeta português,
in *Parnaso de Além-túmulo*.

O Monte Parnaso (Παρνασσός) é uma região montanhosa da Grécia Continental. De fato, é o conjunto das mais altas montanhas gregas (2.457 m). Monte notável por sua sagração simultânea aos deuses Apolo e Dionísio, que se opunham na concorrência pelas mentes e corações da antiga Hélade¹. Supostamente o nome deriva de parnassas, o adjetivo possessivo da palavra "parna" que significaria casa ou templo e expressaria o conceito de "minha casa" - expressão utilizada pelos deuses. Segundo os mitos antigos, Orfeu vivia com sua mãe e suas oito belas tias no Monte Parnaso. Sua arte era a habilidade de encantar todas as coisas. Os gregos clássicos tinham Orfeu como o maior de todos os poetas e músicos. Quando ele conheceu Apolo, o deus lhe deu uma pequena lira de ouro e o ensinou a tocá-la. A mãe de Orfeu, Calíope, o ensinou a escrever versos para cantar. O Oráculo de Delfos, aos pés do Monte Parnaso, era sagrado para o deus Apolo. Então a própria montanha se associou a Apolo.

1. Hélade refere-se à antiga República Grega.

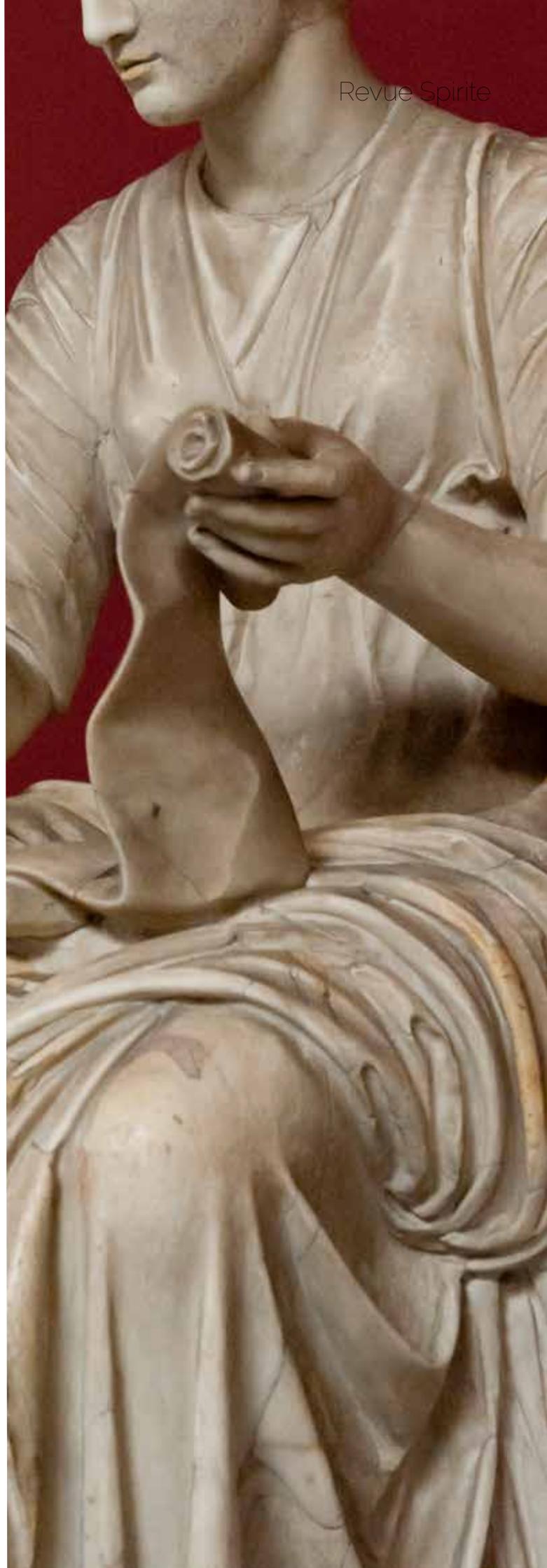
2. <https://www.britannica.com/topic/Castalia>

O Parnaso também albergava a fonte Castália e a casa das Musas, o lar da poesia, da música e do aprendizado. Segundo a enciclopédia britânica², Castália é a fonte de inspiração poética. Era o nome de uma ninfa que se jogou ou se transformou em uma fonte para fugir da perseguição de Apolo. As Musas às vezes eram chamadas de *Castalides* por causa de sua associação com a primavera. A fonte Castália oferecia o gênio

da poesia para aqueles que bebiam em suas águas ou ouviam seu som tranquilo. Suas águas sagradas eram usadas para limpar os templos de Delfos. Em torno da fonte Castália, vagavam as nove musas da arte:

- Calíope, a musa da poesia épica
- Clio, a musa da história
- Euterpe, a musa das flautas e da música
- Thalia, a musa da comédia e da poesia pastoral
- Melpomene, a musa da tragédia
- Terpsícore, a musa da dança
- Erato, a musa da poesia de amor e da poesia lírica
- Polyhymnia, a musa da poesia sagrada e
- Urânia, a musa da astronomia

Curioso destacar a existência de quatro musas para a poesia. De fato, a arte poética representava o ato da criação humana, a reivindicação de uma ligação especial com os deuses. Por meio da poesia (*poiesis*) criava-se a revelação do mundo, de suas origens e de seus propósitos. Antes da chamada Tragédia Ática, a passagem da Grécia antiga para o período clássico, a poesia era concebida como arte revelatória. Entrando em contato com as musas, o gênio poético desvelava o esquecimento que a alma sofria ao cruzar o rio Lete, antes do nascimento. A palavra *Alétheia*, lit. verdade, no sentido de desvelamento, revelação (a-, negação; e lethe, "esquecimento"). A poesia representava a arte de revelar a verdade dos deuses, a realidade como ela era.



“

A poesia

representava a arte
de revelar a verdade
dos deuses

Detail of "The Westmacott Youth" - Roman copy of a Greek bronze. Original about 430 BC. London, British Museum

3. Xavier,
"Parnaso de
Além-túmulo".

Não é portanto aleatória a escolha do título do poema de João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896), eminente poeta português, para intitular a primeira obra psicográfica de Francisco Cândido Xavier: **Parnaso de Além-túmulo**. O poema, inserido na página 152 da primeira edição (1932) é também um resumo programático da obra³:

Além do túmulo o Espírito inda canta
Seus ideais de paz, de amor e luz,
No ditoso país onde Jesus
Impera com bondade sacrossanta.

Nessas mansões, a lira se levanta
Glorificando o Amor que em Deus transluz,
Para o Bem exalçar, que nos conduz
À divina alegria, pura e santa.

Dessa Castália eterna da Harmonia
Transborda a luz excelsa da Poesia,
Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hinos das esperanças espargidos
Sobre os homens, tornando-os mais unidos,
Na ascensão para o Belo e para o Amor.



Outro poeta notável que aparece em Parnaso é o brasileiro Augusto dos Anjos.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, nasceu em 20 de abril de 1884 no município de Pau d'Arco (atual Sapé), no estado da Paraíba, no Brasil. Morreu em 12 de novembro de 1914 vitimado por uma pneumonia fulminante, aos 30 anos de idade. No campo literário, foi algumas vezes identificado como representante do simbolismo ou parnasianismo. Publicou vários poemas numa única obra intitulada "Eu" (1912), carregada de temas mórbidos e sombrios.

Em 12 de novembro de 1914, quinze minutos antes de seu falecimento, Augusto escreveu um poema notável: "*O Último Número*" - no qual assinala o término de sua existência:

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A ideia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o último número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, estranho ao mundo,
Com o reflexo fúnebre do Increado:

Bradei: - Que fazes ainda no meu crânio?
E o último número, atro e subterrâneo,
Parecia dizer-me: "É tarde, amigo!"

Pois que a minha ontogênica Grandeza
Nunca vibrou em tua língua presa,
Não te abandono mais! Morro contigo!"



E, por isso curioso, em *Parnaso de Além-túmulo* (1ª edição), toma emprestada a pena mediúnica de Chico Xavier para revisar suas próprias conclusões no poema "Número Infinito" - este poema foi retirado da antologia desde a sua 6ª edição, em razão de uma readequação temática da obra por Emmanuel e pelos Autores Espirituais (voltaremos a esse ponto):

Sístoles e diástoles derradeiras
No hirto peito, rígido e gelado;
E eu via o Último Número extenuado,
Estertorando sobre as montureiras.

Interregno. Escuridão, ânsia e inferneiras.
Depois o ar, o oxigênio eterizado
E depois do oxigênio o ilimitado
Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a última visão das vistas foscas
O Derradeiro Número entre as moscas,
À camada telúrica adstrito

E eu, vítima dúctil da desgraça,
Vi que cada minuto que se passa
É nova luz do Número Infinito.

Esse mesmo Augusto, surpreenderia os literatos com a afirmação de sua imortalidade com o poema "Ergo Sum" - página 139 da primeira edição:

Eu sou quem sou. Extremamente injusto
Seria, então, se não vos declarasse,
Se vos mentisse, se mistificasse
No anonimato, sendo eu o Augusto.

Sou eu que, com intelecto de arbusto,
Jamais cri, e por mais que o procurasse,
Quer com Darwin, com Haeckel, com Laplace,
Levantar-me do leito de Procusto.

Sou eu, que a rota etérica transponho
Com a rapidez fantástica do sonho,
Inexprimível nas termologias

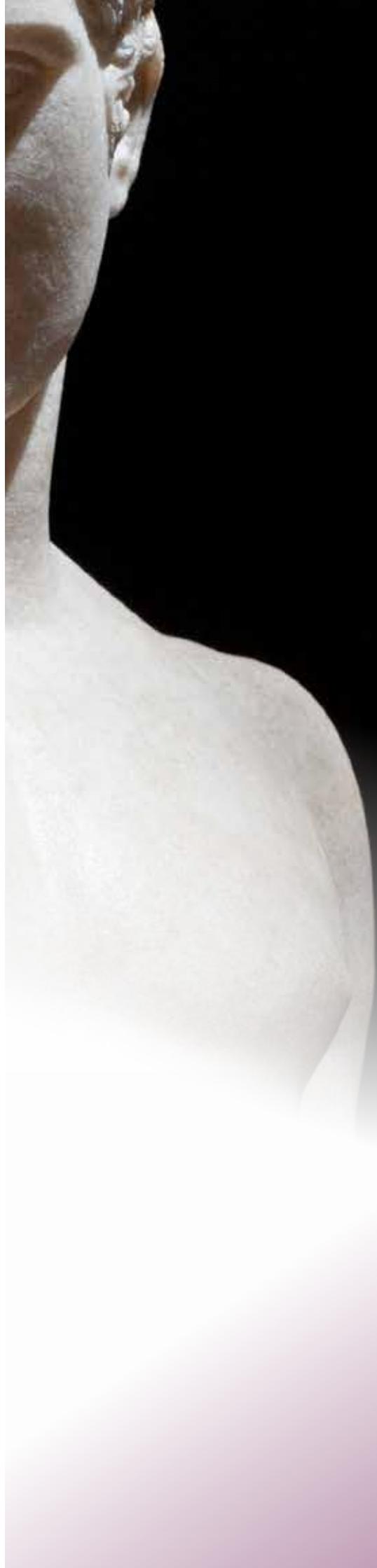
O mesmo triste e estrábico produto,
Atramente a gemer a mágoa e o luto,
Nas mais contrárias idiosincrasias.

O poema cumpre o papel de exprimir a mensagem central da obra: informar sobre a imortalidade a partir da experiência dos imortais. A primeira edição de 1932, que neste ano de 2022 completa 90 anos, é apresentada como uma antologia poética reunindo 60 peças de 14 autores. A segunda edição, em 1935, foi ampliada para 173 poemas e 32 autores espirituais. Foi, no entanto, em 1955, com a 6ª edição, que a obra ganhou sua conformação definitiva: expressar em conjuntos de poemas a estrutura conceitual apresentada por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*.

Francisco Thiesen, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB), em significativo artigo para *Reformador*, revista daquela instituição, expressa a estruturação da obra:

“Quando surgiu, em 1932, o livro continha relativamente poucas peças poéticas e os seus diversos autores não constituíam tão numeroso elenco, como nas edições posteriores. O «Parnaso» nasceu pequeno, incompleto, condicionado a um desenvolvimento cíclico, segundo uma sábia progressividade. [...]”

Emmanuel ia comandando a formação do livro. Até à 5ª edição ele teve aumentado seu número de poesias; inclusive com novas apreciações



“

A imortalidade

a partir da
experiência
dos imortais

introdutórias, por Manuel Quintão (quanto a isto, até à 4ª edição), dentro do critério inicial que norteava o crescimento.

Porém, num certo momento, e isso lá pela altura de 1954, quando circulava a 5ª edição, o «Parnaso» foi considerado adulto e decidida, num esforço entre os dois planos, a execução de sua textualidade definitiva.

Foi assim que, com a 6ª edição, revista e ampliada pelos Autores Espirituais, o “Parnaso de Além Túmulo” ficou acrescido de característico incomum, único no género pelo seu vulto inusitado: não mais apenas o da ampliação, agora definitiva na parte mediúnica da obra, mas o da revisão pelos Espíritos!”

E esclarece sobre a 6ª edição:

“[...] com a mesma 6ª edição, revista e ampliada pelos autores Espirituais, circunstância indicada no frontispício (página de rosto) da obra, surgia também a textualidade poética definitiva.

Definitiva, porém, não significava cumulativa, como se pode pensar desavisadamente. Houve aumento de páginas, novos colaboradores, mas ocorreram também supressões de algumas unidades (sonetos). É que, com a 6ª edição, a obra passou a obedecer a delineamentos estruturais de globalidade unificada, e isto exigiu modificações de variada gama em centenas de versos, estrofes, sonetos, poemas...” (Thiesen 1973, 261–5)

E qual o “delineamento estrutural de globalidade unificada” adotado? A explicação é evidenciada em importante dissertação de Mestrado encetada por Alexandre Caroli (2001), na Universidade de Campinas: **Parnaso de Além-túmulo apresenta o plano de temas de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.**

Caroli afirma:

“Já mencionei que os conteúdos do núcleo temático de Parnaso não são novos, pois versam sobre assuntos presentes na lite-

ratura espírita anterior. Qual seria, a esse respeito, a mais importante matriz da antologia? Ao testar algumas possibilidades, foi *O Livro dos Espíritos* (1857), de Allan Kardec, que se mostrou a fonte com mais pontos em comum com o núcleo temático da antologia.” (Rocha 2001, 45)

Clóvis Ramos, notável espírita brasileiro, destaca sobre *Parnaso*:

“O Parnaso de Além-túmulo não foi, como muitos pensam, o primeiro livro no gênero, nem será o último. Em Allan Kardec (Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação), vol. III, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, às páginas 18 e 19, está o registro: “Estudo acerca da poesia medianímica, por Allan Kardec. In “Ecos poéticos de além-túmulo” — Poesias medianímicas obtidas por Louis Vavasseur, precedidas de um... Paris, Librairie Centrale, 1867, in-12, de XVI-127 pp. (Veja-se *Revue Spirite*, 1867, pp. 30 e 64.)”

“Também em Portugal apareceu, no começo do século, obra semelhante, devida à mediunidade psicográfica de Fernando de Lacerda, em 4 volumes, contendo mais prosa que poesia. Um livro que também deu muito o que falar, com várias edições no Brasil, pelo Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira: Do País da Luz.”

“Mas o Parnaso foi, até hoje, o livro que mais surpreendeu o público, comoveu os leitores, causou impacto e muito contribuiu para a acolhida da Doutrina Espírita por eminentes homens de letras e cientistas, no Brasil.” (Ramos 1982, 51)

De fato, ao ser lançado em 1932, *Parnaso* recebeu um artigo de Humberto de Campos, um dos mais importantes articulistas do Brasil, onde o notável cronista destacava em publicação no *Diário Carioca*, em 10/07/1932:

“Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas





de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos."

Unimo-nos, neste ano, às comemorações dos 90 anos desta obra ímpar, que merece nossa atenção e carinho, abrindo reflexões profundas sobre a vida e a imortalidade e nos convidando a um novo olhar estético sobre a poesia imortal:

"Além do túmulo o Espírito inda canta
Seus ideais de paz, de amor e luz, [...]"

Bibliografia:

RAMOS, Clóvis. 1982. *50 anos de Parnaso*. Rio de Janeiro: FEB.

ROCHA, Alexandre C. 2001. *A poesia transcendente de Parnaso de Além-túmulo*. Dissertação (Mestrado) — Unicamp. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

THIESEN, Francisco. "Nos bastidores de "Parnaso de Além-túmulo". *Reformador*, Setembro 1973.

XAVIER, Francisco C. (Espíritos Diversos). 1932. *Parnaso de Além-túmulo*. Rio de Janeiro: FEB.

<https://www.britannica.com/topic/Castalia>.

Image "Calliope, Elegy and epic poetry Muse". Detail. Rome Vatican Museums





Fé

Inabalável

Espiritismo &

Religião

face a face



***Aluizio Ferreira Elias**

Colaborador do Grupo Espírita
Eurípedes Barsanulfo de Uberaba/
Minas Gerais/ Brasil.

ALUIZIO ELIAS*

A

Reencarnação como meio

A Ressurreição

como

fim

Resumo

O presente artigo aborda as possibilidades de articulação semântica em torno do conceito de ressurreição. Se propõe, sobretudo, a analisar o arranjo teológico possível entre os múltiplos entendimentos do termo que foram detectados nas Escrituras da tradição judaica, judaico-cristã e espírita. Finda por concluir que a ideia de reencarnação proposta pelo Espiritismo abre caminho para o entendimento de que, se há ressurreição, só o poderá ser dentro de uma perspectiva moral.

Palavras-chave Ressurreição. Reencarnação. Evolução. Ética cristã.





“

**O depuramento das
funções morais e,
por isso, a inteligência
emocional se torna mais
robusta a cada
reencarnação vivida**

Um estudo sobre o conceito de ressurreição que sirva a um entendimento espírita da teologia bíblica deve partir, invariavelmente, da análise semântica de seus correspondentes em dois dos mais importantes idiomas antigos: o grego *koiné* e o hebraico veterotestamentário. É que, nesse caso, as bases para qualquer atribuição de sentido estão assentadas sobre o conhecimento desse grego coloquial, que aparece nos códex de datação mais antiga, e no conhecimento do hebraico da antiguidade oriental, que é, por excelência, a língua litúrgica da tradição israelita.

No caso do termo ressurreição, que aqui nos propomos a analisar, importa considerar que seu correspondente grego, (*anastasis*)¹, aparece no texto bíblico 42 vezes; e que o sentido encontrado nessas ocorrências é sempre o de levantar/levantar-se. Assim, é possível dizer que, frequentemente, a imagem que se procura construir é a de um corpo de pé, ou a de um ser que demonstre, pela postura, a sua condição de vivo.

Algo que tenha saído do repouso físico, ou que ergueu-se dentre os mortos, é um significado possível e que está contido na palavra **ανιστημι** (*anistemi*), resultante da união de duas raízes: **ανα** (*ana*), que quer dizer "no meio de", "entre (duas coisas)", somada à radícula **στω** (*stao*) que, por sua vez, significa "fazer ficar de pé", "colocar-se de pé". Dado igualmente importante é o fato de encontrarmos no Antigo Testamento a aplicação de um conjunto de palavras em hebraico que aludem a essa mesma indicação postural, sendo que, dentre elas, a mais empregada é **קום** (*kum*), "levantar-se".

1. Strong 386; TDNT 1.371 (Strong 2002)

Desse modo, é possível concluir que o corpo "posto de pé" é aquele que já não o estava; um que houvera tombado, ou deitado. Também que não fora "colocado de pé" tão simplesmente, mas "no meio de", entre outros e para que seja visto por outros. Tudo isso conduzindo à ideia de *re-viver*; quando o ser que estivera morto se torna uma vida novamente viva. Um vivo que, para ser reconhecido como tal, precisa se fazer vivo ante aqueles que o sabiam morto. Raciocínio esse que é compatível com o *resurgere* da tradição latina, de onde se origina o verbo ressuscitar. Os romanos compreendiam esse "novamente vivo" como aquele que "surgira outra vez" perante os demais vivos.

Assim, fechando todas as pontas soltas dessa trama, compreendemos que Jesus, quando ordena à filha de Jairo² "*Talitha cumi*" (Menininha, levanta-te!), pronuncia frase em aramaico que alcança tanto a ideia do "levantar-se", contida nas palavras grega e hebraica já citadas, quanto o conceito latino de "tornar vivo o que se julgava morto" que encontramos em *resurgere*. Afinal, a ressurreição pode ser bem definida como o movimento, ou fenômeno, que torna ativo, ou dinâmico, o que estava estático, ou inerte. Mas também, pode ser considerada a perspectiva, segundo a qual, o ser inerte e inativo, comumente julgado morto, ao ser erguido, mostra-se vivo para os outros.

Não há absurdo nessa noção, apesar da aparente ambiguidade. Existe, isso sim, duas camadas muito finas de significados complementares e condicionantes. O ressuscitar é, por exemplo, quando um soldado ferido em combate recebe cuidados, se reergue e passa a ser reconhecido como homem "novamente vivo".

2. Marcos 5:41 (Dias 2013)

“

**A vida psíquica
apresenta uma
existência
independente da
vida biológica**



“

O ser é a
consciência autônoma
que, por um período específico
de tempo (do berço ao túmulo),
integra uma estrutura
complexa que o conecta
à engrenagem orgânica

Uma fatídica incongruência entre ciência e religião, no entanto, ocorre quando os religiosos deixam de considerar as sutilezas e possibilidades do campo semântico primordial, atando o significado da palavra ressurreição, exclusivamente, à literalidade da expressão “re-viver”, ou tornar novamente vivo um corpo que já falecera. A esse respeito Allan Kardec se pronunciou em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, articulando uma composição coerentemente alinhada com os apontamentos da ciência moderna:

“As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se; [...] Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos.” (Kardec 1864, 84)

Com as publicações do professor de Lyon, o corpo filosófico espírita deu início a um processo de revitalização do termo ressurreição, distinguindo-o através da proposição de uma nova palavra e de um novo conceito. O fundamento central desse estratagema foi a premissa de que a vida psíquica apresenta uma existência independente da vida biológica. O ser é a consciência autônoma que, por um período específico de tempo (do berço ao túmulo), integra uma estrutura complexa que o conecta à engrenagem orgânica. A reencarnação, portanto, é a palavra que o Espiritismo adota para expressar o retorno do Espírito desencarnado (após a falência orgânica do corpo a que se conectara) ao convívio com os Espíritos encarnados; conectando-se a um novo corpo (gerado em útero materno).

Foi assim, por exemplo, que a didática kardequiana resolveu alguns embaraços bíblicos, colocando em projetos analíticos distintos os casos de Lázaro de Bethânia e João Batista:

"A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado." (Kardec 1864, 84)

Mas a contribuição do Espiritismo para essa discussão não parou por aí. Para além de descomplicar o imbróglio conceitual, houve um adensamento da noção de ressurreição inicialmente proposta. A escrita do autor espiritual Emmanuel agregou ao tema elementos novos que sanaram o desconforto causado por um ponto nevrálgico na relação ciência moderna e religiosidade: a teoria evolucionista.

É que Emmanuel deixa a cabo das ciências da natureza o estudo da evolução biológica, atravessa o conceito de evolução intelectual compartilhado pelas ciências sociais e consolida a evolução moral como principal objeto de interesse dos estudos espíritas. Alcança com suas reflexões uma espiritualidade muito sofisticada, que sabe o seu lugar e que se ocupa com a nossa maior urgência; o aprimoramento da nossa relação com Deus e com os outros.

O princípio é, aparentemente, simples: Reencarnação como meio, Ressurreição como fim. A sucessão de experiências corpóreas, recapitulando o convívio de forma estrategicamente pensada pelos técnicos da espiritualidade superior, oportuniza o depuramento das funções morais e, por isso, a inteligência emocional se torna mais robusta a cada reencarnação vivida. O ser passa a dominar competências que o tornam mais apto à vida comum e, como resultado dessa conquista, ele se sente pronto para estreitar a relação com a própria intimidade, com a sua interioridade.



“

A reencarnação
é a volta da alma ou
Espírito à vida
corpórea,
mas em outro
corpo

“

**A evolução moral
como principal
objeto de interesse
dos estudos espíritas**

Lá, num espaço mais seguro, num tempo mais propício, o homem e Deus, a cria e o Criador, dialogam e, finalmente, se entendem.

A vida distante de Deus, e em constante atrito com os outros, segundo Emmanuel, passa a viver uma aventura horizontalizada, rasteira, colada ao chão. Tudo passa a ser visto com exiguidade, de forma muito limitada e rasa. Aliás, se para este ponto de nosso texto trouxermos as contribuições dos primeiros parágrafos, será possível compreender porque Emmanuel se refere a essa vida “tombada/deitada” como sendo um viver sem vitalidade. Pois, para Emmanuel, muitos jazem mortos, moralmente sepultados:

“‘Ressuscitai os mortos’ — disse-nos o Senhor — mas se é verdade que não podemos ordenar a um cadáver se levante, é justo tentemos o reavivamento daqueles que nos acompanham, muitas vezes, mortificados pela dor ou necrosados pela indiferença.

Não nos esqueçamos. Os verdadeiros mortos estão sepultados na carne terrestre.

Alguns permanecem no inferno do remorso ou do sofrimento criados por eles mesmos, acreditando-se relegados a supremo abandono; outros jazem no purgatório da aflição a que se arrojaram, desprevenidos, em dolorosas súplicas de auxílio; e ainda outros repousam, inadvertidamente, em supostos céus de adoração religiosa, que, em muitos casos, são simples faixas de ociosidade mental.

Aguçai a visão e observemos a infortunada caravana de fantasmas que seguem, vacilantes e enganados, dentro da vida.” (Xavier 1989, 16)

Com o movimento evolutivo protagonizado pelo ser, ocorre, então, a verticalização da consciência (que sela uma cumplicidade com o que há de mais nobre no campo do sentimento e do ideal). Inclina-se, ângulo a ângulo, a percepção; aguça-se o olhar, que contempla um horizonte existencial até então insuspeitado. E o homem, agora de pé, está pronto para caminhar com de-

envoltura espiritual, tornar-se, por fim, uma criatura ressurreta. Sua postura passa a ser a do Espírito vivo, ativo e atento. Aquele que estava moralmente morto, ressurge para uma jornada venturosa. Um coração que, de tanto reencarnar, ressuscitou.

E eis a tese de Emmanuel sobre a participação de Jesus Cristo nesse projeto de humanidade:

"A promessa d'Ele, ao carinho fraternal de Marta, é bastante significativa.

"Teu irmão há-de ressuscitar." — Asseverou o Mestre.

Daí a instantes, Lázaro era restituído à experiência terrestre, surpreendendo os observadores do inesperado acontecimento.

Gesto que se transformou em vigoroso símbolo, sabemos hoje que o Senhor nos reergue, em toda parte, nas Esferas variadas da vida. Há ressurreição vitoriosa e sublime nas Zonas carnis e nos Círculos diferentes que se dilatam ao infinito.

O Espírito mais ensombrado no sepulcro do mal e o coração mais duro são arrancados das trevas psíquicas para a luz da vida eterna.

O Senhor não se sensibilizou tão somente por Lázaro. Amigo Divino, a sua mão carinhosa se estende a nós todos." (Xavier 1952, 157)

Daí a certeza de que os séculos que sucederão o nosso tempo guardam a ocasião alegre em que teremos a nossa personalidade posicionada sobre um supedâneo ético. Um momento mais feliz de nossa caminhada, quando, entre nós, só existirá vida... "e vida em abundância". Seremos seres concluídos e absolutamente vivos. Homens intelectualmente habilidosos, espiritualmente eretos e moralmente sábios.

Bibliografia

DIAS, Haroldo Dutra. 2013. *O Novo Testamento*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 1864. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

STRONG, James. 2002. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1989. *Servidores no Além*. Araras: IDE.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1952. *Vinha de Luz*. Brasília: FEB.





**Seremos seres
concluídos
e absolutamente vivos.
Homens intelectualmente
habilidosos,
espiritualmente eretos
e moralmente sábios**

Revisitando

Concerto

de

Vozes

em

**O Evangelho
Segundo o
Espiritismo**

DENISE LINO*

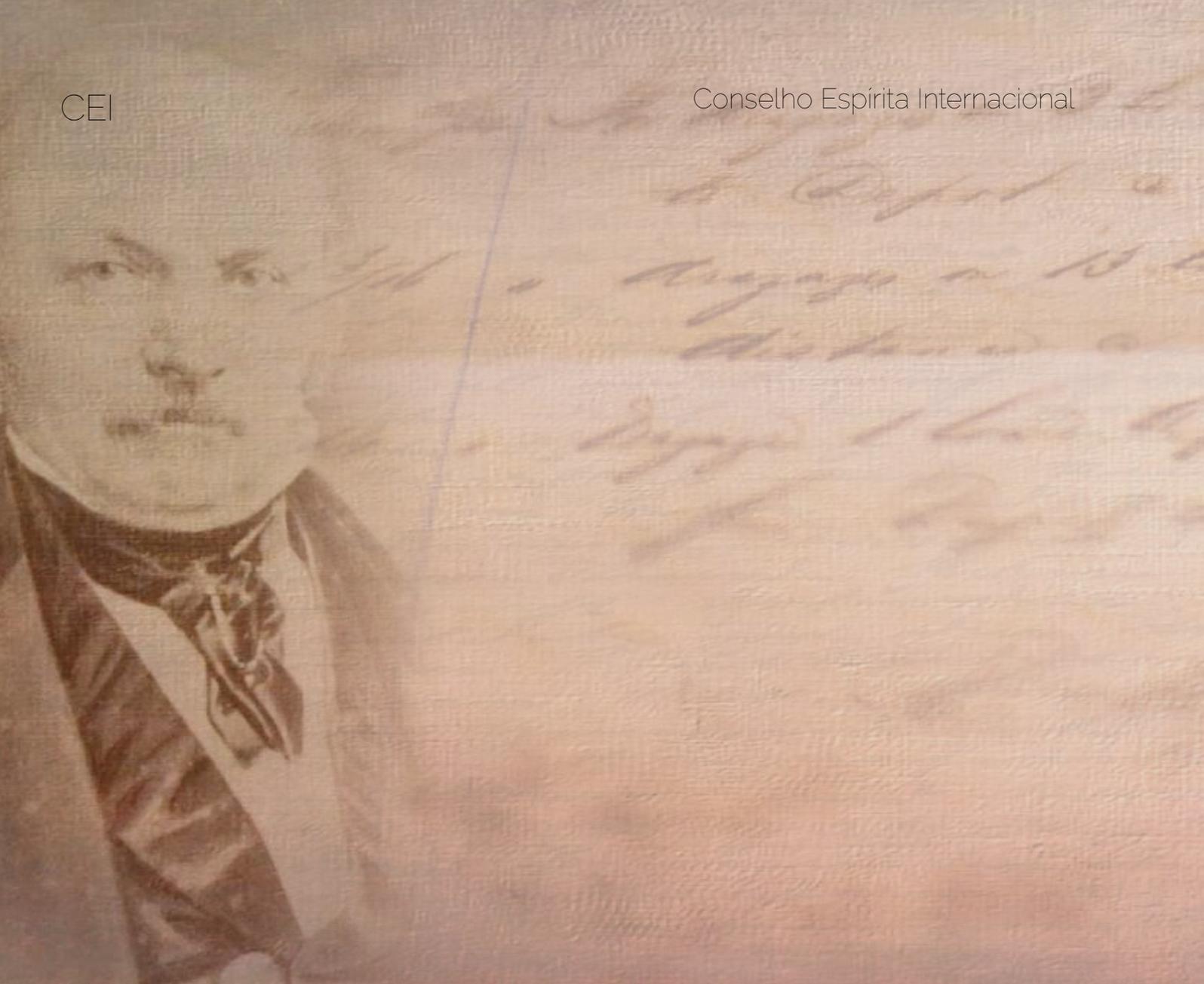


Revista Espírita



***Denise Lino**

Expositora e escritora espírita. Autora do livro *Humano, demasiado humano: a transformação moral de Pedro* – editado em 2020 pela LEAL Editora. Idealizadora e apresentadora do programa Literatura Espírita: prazer em conhecer, veiculado pelos canais do youtube da Mansão do Caminho e Seridó Espírita. Autora do podcast Minutos com Joanna, veiculado pelo Programa Semear, no Spotify. Vinculada à Fraternidade Espírita Luz e Verdade em Campina Grande, Paraíba, Brasil. Professora Universitária na área de Letras.



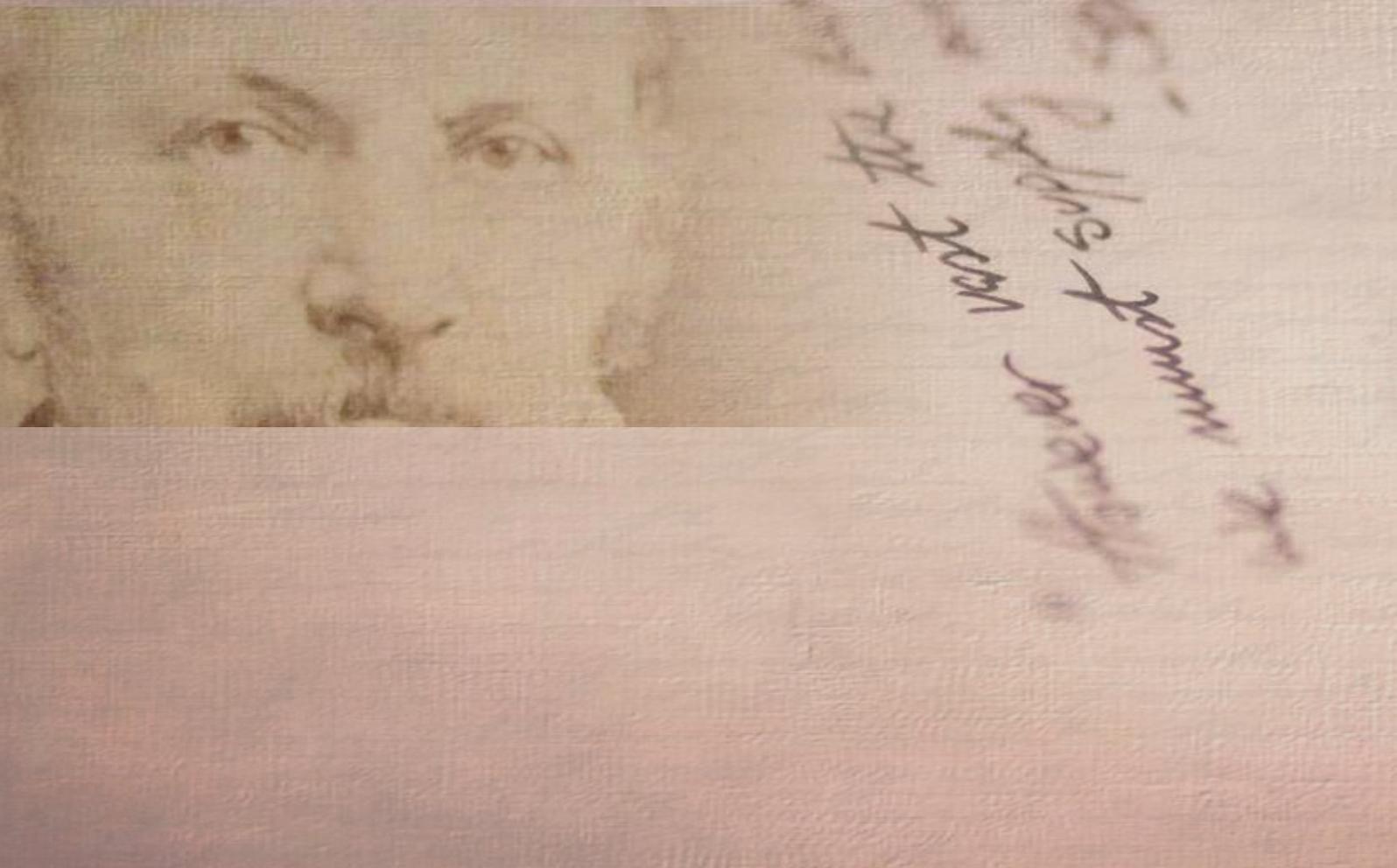
Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um exemplo do concerto de vozes que compõe o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Defendemos esta como uma obra em coautoria, ante o fato de identificarem-se 99 comunicações de espíritos diversos com os quais o Codificador estabelece um diálogo elucidador da moral do Cristo na vida prática. No exemplo destacado, comparamos e comentamos o posicionamento de Lamennais, apresentado no capítulo XI, e o de Allan Kardec, colocado no capítulo XII, sobre o perigo de morte ante o devotamento na defesa da vida de um malfeitor. O resultado desta comparação aponta para duas vozes em relação ao tema – uma denodada e outra prudente. Vozes distintas, mas não divergentes, que revelam a pujança do Espiritismo como consolador prometido.



O Codificador estabelece
um diálogo elucidador da
moral do Cristo na
vida prática

Palavras-chave O Evangelho Segundo o Espiritismo; defesa da vida; moral do Cristo; denodo; prudência.



O lançamento da primeira edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* deu-se em 29 de abril de 1864, com o título de *Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo*, tendo sido esta terceira obra da Codificação anunciada em três textos publicados na *Revista Espírita*, daquele mesmo ano. Em abril, por ocasião do lançamento, o Codificador publicou a introdução do livro como uma espécie de convite à leitura da obra. Em agosto, publicou o suplemento das preces espíritas que pode ser visto, por exemplo, na terceira e definitiva edição, como o capítulo XXVIII – Coletânea de Preces Espíritas. E em dezembro, publicou uma comunicação sobre o livro, dada em Bordeaux, em maio do mesmo ano, no grupo de São João, pelo Médiun Sr. Rul.

Desses três textos, chamamos a atenção para esse último, pelo seu teor, pois, já na primeira linha destaca o aparecimento do livro como um grande evento para a humanidade – “Acaba de aparecer um novo livro; é uma luz mais brilhante que vem clarear a vossa marcha.” Também destacamos a correlação da data da publicação do livro com a da mensagem, respectivamente abril e maio do mesmo ano, tendo sido a segunda publicada na revista somente no último mês de 1864, provavelmente, por que só chegou ao conhecimento do Codificador muito depois de sua recepção no grupo espírita referido. E, por fim, salientamos o relevo que Allan Kardec dá a essa comunicação, informando ao leitor que deixa à sua apreciação concluir se as ideias

“

Jesus

não proibiu a defesa,
mas **condenou**
a vingança

e a linguagem fazem jus à assinatura que lá está aposta que é, nada mais nada menos, a do Espírito de Verdade.

Somando essa comunicação a duas outras que estão publicadas em *Obras Póstumas*, datadas de agosto e setembro de 1863, portanto, um pouco mais de meio ano antes do lançamento citado, temos o tom da importância desse terceiro livro de Doutrina, assim como temos a ideia do empenho do Codificador para traduzir o pensamento do Espírito de Verdade e dos demais mentores da regeneração da humanidade. Em nossa opinião, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* apresenta o cerne desse projeto de redenção.

Analisando essa obra com foco nes-

sas comunicações, identificamos o que aqui chamamos de um concerto de vozes, nas 99 comunicações ali apresentadas, assinadas por espíritos diversos, em diferentes grupos espíritas de diferentes localidades, sendo esses tanto personagens conhecidas na história como espíritos anônimos, a exemplo do Espírito Protetor, Um Espírito amigo, Um Anjo Guardião e Um Espírito Familiar. Aliás, o primeiro desses é responsável pelo maior número de comunicações inseridas no livro, 17 ao total. Cabe também destacar que essas comunicações foram coletadas em diferentes anos (entre 1858 e 1863), em cidades da França, e também em Bruxelas na Bélgica, Cracóvia na Polônia, Karlsruhe na Alemanha, Argel e Constantina na Argélia. Isto nos leva a entender esta

como uma obra em coautoria, posto que, ao longo dos capítulos, o Codificador coloca lado a lado textos seus e de Espíritos. Da correspondência mantida sistematicamente com os grupos espíritas, o Codificador afezriu um significativo e farto material – psicografias –, do qual pôde extrair as comunicações mais representativas sobre os desdobramentos da moral do Cristo, conforme preceituado no prefácio, atendendo ao critério da universalidade do ensino dos espíritos.

Relendo essa obra, por ocasião de seu aniversário de lançamento, observamos que essa pluralidade de autores organiza o citado concerto, que apresenta, desdobra e exemplifica a moral do Cristo. Vozes distintas, mas não divergentes. Isto não traz à obra nenhum demérito, ao contrário, revela a pujança do Espiritismo, a mente aberta do Codificador que, diante do material singular que recolheu, reconheceu a multiplicidade de pontos de vista e acolheu-os, uma vez que não feriam o critério organizador da obra que é o da universalidade do ensino dos espíritos sobre a moral do Cristo.

A título de exemplo, citamos uma demonstração desse concerto no que diz respeito ao tema da defesa da vida, cotejando uma mensagem de um espírito coautor e uma do Codificador. Inicialmente, tomamos para a análise o item 15 do capítulo XI – “Amor ao Próximo”. Nesse item, que discorre sobre o tema “Caridade para com os Criminosos”, encontramos uma mensagem de Lamennais,

ditada em Paris, em 1862. Essa mensagem responde a uma interessante pergunta, a saber: “Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo, é preciso expor-se a própria vida. Mas é sabido que esse homem é um malfeitor, e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve-se, apesar disso, expor-se para salvá-lo?”

Essa nos parece uma questão de grande atualidade, em face dos múltiplos eventos similares ao indicado. De modo geral, a negativa seria a resposta. Ou seja, o raciocínio comum seria o de que não se deve expor a vida por um malfeitor, porém, repetem-se em todos os lugares eventos em que não só policiais mas pessoas comuns enfrentam bandidos e expõem a própria vida, bem como eventos nos quais forças de paz enfrentam conflitos, tentando apaziguar tribos, etnias, grupos políticos, torcidas organizadas, etc. Esses enfrentamentos levam muitos incautos a defenderem a pena de morte, assim como a tentar justificar o extermínio daqueles considerados como perigosos, donde se originam fatos de péssima memória para a história da humanidade.

Confrontado com essa questão, Lamennais, reconhece-a como muito grave e apresenta uma resposta especialíssima, cujo destaque inicial damos para o fato que ele assume que a responderá segundo o seu progresso moral. Para ele, “o devotamento é cego”, ou seja, se se ama ao próximo, por consequência, encontram-se os meios de ajudá-lo. E para o autor o conceito de próximo inclui todos os

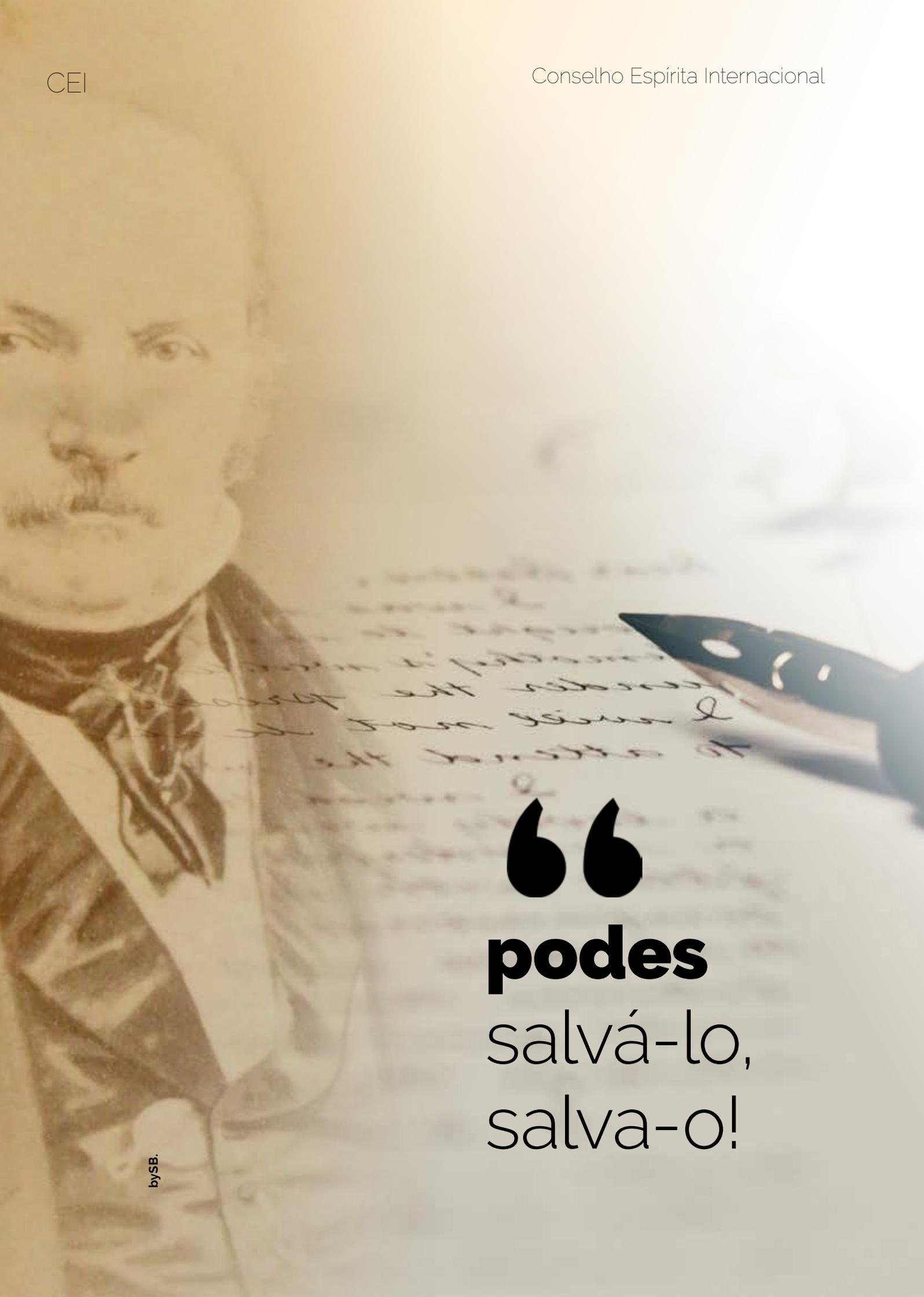
outros, inclusive malfeitores. Prosseguindo em sua argumentação, o autor informa que “o devotamento é cego”, portanto, não escolhe a quem socorrer, acode tanto a um inimigo pessoal quanto “a um inimigo da sociedade”. De acordo, com o seu raciocínio, ao procedermos assim, não apenas da morte arrancaríamos o malfeitor, mas de toda a vida passada. Em sua argumentação, o signatário da resposta em tela, construindo um discurso em favor da misericórdia, exorta, textualmente, aqueles que se esclareceram pelo Espiritismo para arrancar o condenado da condenação, pois, em sua visão, aquele que morreria insultando-nos, irá atirar-se em nossos braços. Para ele, esse não é um tema para reflexão, é um tema para ação e que obedece a um impulso do coração: “podes salvá-lo, salva-o!”

Temos, aqui, uma voz denodada, defendendo o amor ao próximo em toda a extensão do termo. Provavelmente, é uma concepção como esta que inspirou, por exemplo, as ações de Madre Tereza de Calcutá, que recolheu em seus hospitais não apenas doentes, mas muitos malfeitores, dando-lhes morte digna, quando não conseguia fazê-los recuperar a saúde. Da mesma forma, ações como a do educador Anton Macakenco, na Ucrânia, que pela educação libertou malfeitores da ignorância, levam essa concepção de *próximo* em consideração.

Prosseguindo na contemplação desse concerto de vozes, encontramos, no capítulo XII, “Amai os vossos ini-

“

O amor à
humanidade,
próprio dos Espíritos
evoluídos,
começa com o
amor incondicional
à própria
vida



“
podes
salvá-lo,
salva-o!

migos", o item 8, escrito pelo próprio Codificador, a respeito do tema "Se alguém vos bate na face direita, ofereci-lhe a outra". Nesse item, Allan Kardec analisa as razões pelas quais essa sentença evangélica não nos é de fácil assimilação, explica o sentido da expressão "não resistais ao mal", dá uma colaboração decisiva a esse concerto de vozes, bem como ao entendimento da própria sentença de Jesus, quando diz que tal proposta não pode ser levada ao pé da letra, dado que "levada às últimas consequências, seria condenar toda repressão, mesmo a legal e deixar campo livre aos maus, dissipando todo o medo". E continua dizendo que "se não se puser um freio às suas agressões [dos inimigos], logo todos os homens seriam suas vítimas". Por fim, atinge o ponto que nos interessa na contraposição de vozes, quando afirma: "o próprio instinto de conservação, que é uma lei da natureza, diz que não é preciso estender benevolmente o pescoço ao assassino". E para tornar sua argumentação ainda mais convincente, lembra que Jesus não proibiu a defesa, mas condenou a vingança.

Colocando em evidência o ponto de vista kardequiano, vemos sua posição como uma voz que não endossa uma ação impetuosa ou imprevidente. Racionalizando a questão, Kardec defende, como qualquer espírito lúcido, a necessidade da repressão do mal. Ou seja, ele não vê os malfeitores com uma visão romântica, mas os vê sem ilusão de mudança moral repentina. Ademais, invoca a lei de conservação que dita a preservação

da vida. Colocando tudo isso à luz da mensagem de Jesus, lembra que o Mestre não nos proibiu a defesa de nossa vida. Nesse sentido, apresenta-nos uma grande advertência, dizendo subliminarmente que, colocando a nossa vida em perigo, diante da ação de um malfeitor, se o não fizermos por extremo amor ao próximo, ainda que essa ação seja meritória, ela também seria uma ação em desfavor da nossa vida física, que nos cabe preservar e conservar. Em outras palavras, seria algo similar a anular uma ação positiva com uma negativa.

Nesse concerto de vozes, vemos Kardec apresentar uma voz prudente que defende sobretudo a nossa própria vida. Temos aqui uma voz que não endossa o herói ingênuo, cujo heroísmo sem real amor pela humanidade não passa de temeridade. Assim sendo, o amor à humanidade, próprio dos Espíritos evoluídos, começa com o amor incondicional à própria vida.

A resposta de Kardec nesse concerto é profundamente pedagógica e importante, pois, se ela não estivesse no livro, a comunidade espírita poderia tomar a instrução de Lamennais ao pé da letra e entrar num grande conflito quando, por instinto de defesa, não expusesse a própria vida. Essa resposta ensina-nos sobre o grande valor da vida, da sua defesa, sem que para isso precisemos matar quem quer que seja.

Cabe dizer, por fim, que esse concerto de vozes ressalta o caráter plural da obra em tela.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2013. *O Evangelho Segundo o Espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*. [Tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 1978. *Obras Póstumas*. [Tradução de Guillon Ribeiro da 1. ed. Francesa]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2019. "Bibliografia - Imitação do evangelho segundo o Espiritismo". *Revista Espirita: jornal de estudos psicológicos*. [Tradução de Evandro Noletto Bezerra; (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima)]. Brasília: FEB. (Ano VII, N. 4 (Abril 1864): 135-138).

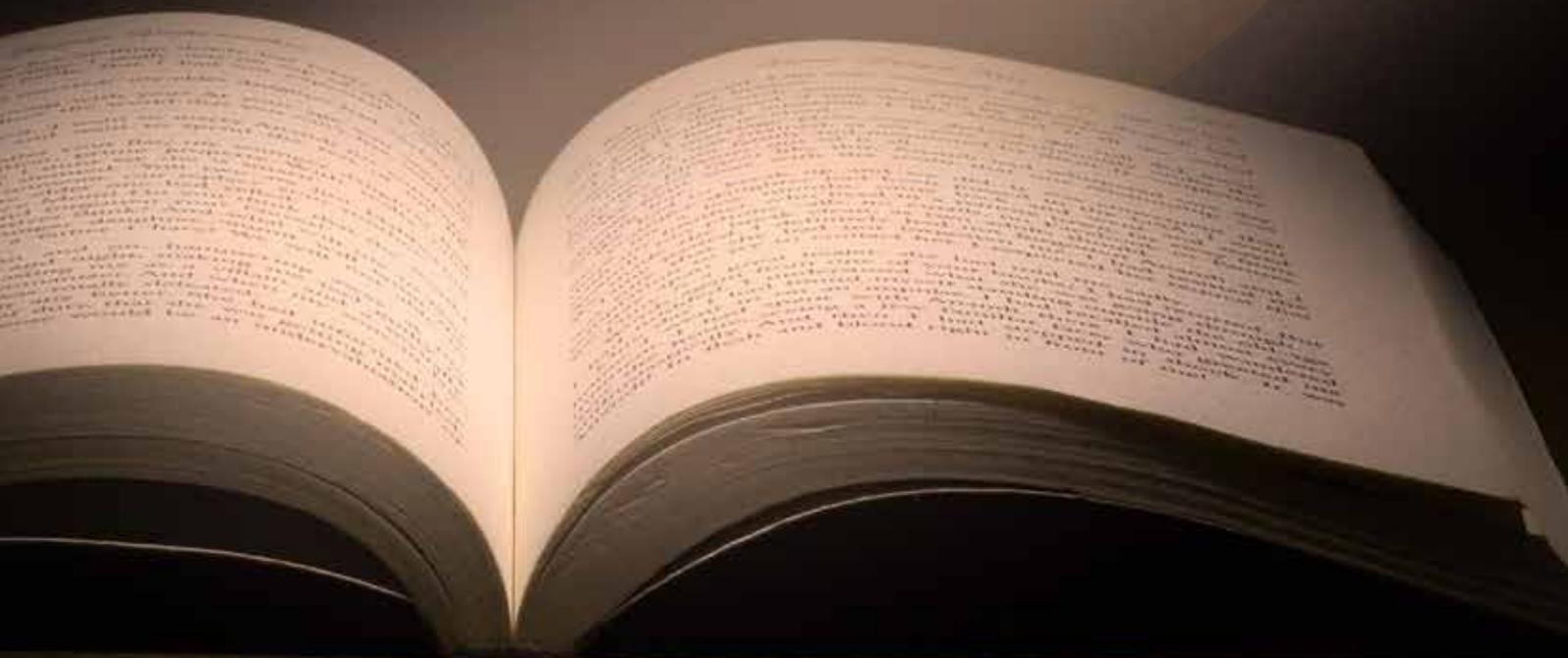
KARDEC, Allan. 2019. "Comunicação espírita A propósito da Imitação do evangelho". *Revista Espirita: jornal de estudos psicológicos*. [Tradução de Evandro Noletto Bezerra; (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima)]. Brasília: FEB. (Ano VII, N. 12 (Dezembro 1864): 519-521).

KARDEC, Allan. 2019. "Suplemento ao capítulo das preces da Imitação do evangelho". *Revista Espirita: jornal de estudos psicológicos*. [Tradução de Evandro Noletto Bezerra; (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima)]. Brasília: FEB. (Ano VII, N. 8 (Agosto 1864): 307-318).

“

Nesse concerto de vozes,
vemos Kardec apresentar
uma voz prudente que
defende sobretudo
a nossa própria

vida



Plano Histórico

*Parnaso de
Além-Túmulo:*

Noventa

anos de

Poesia e

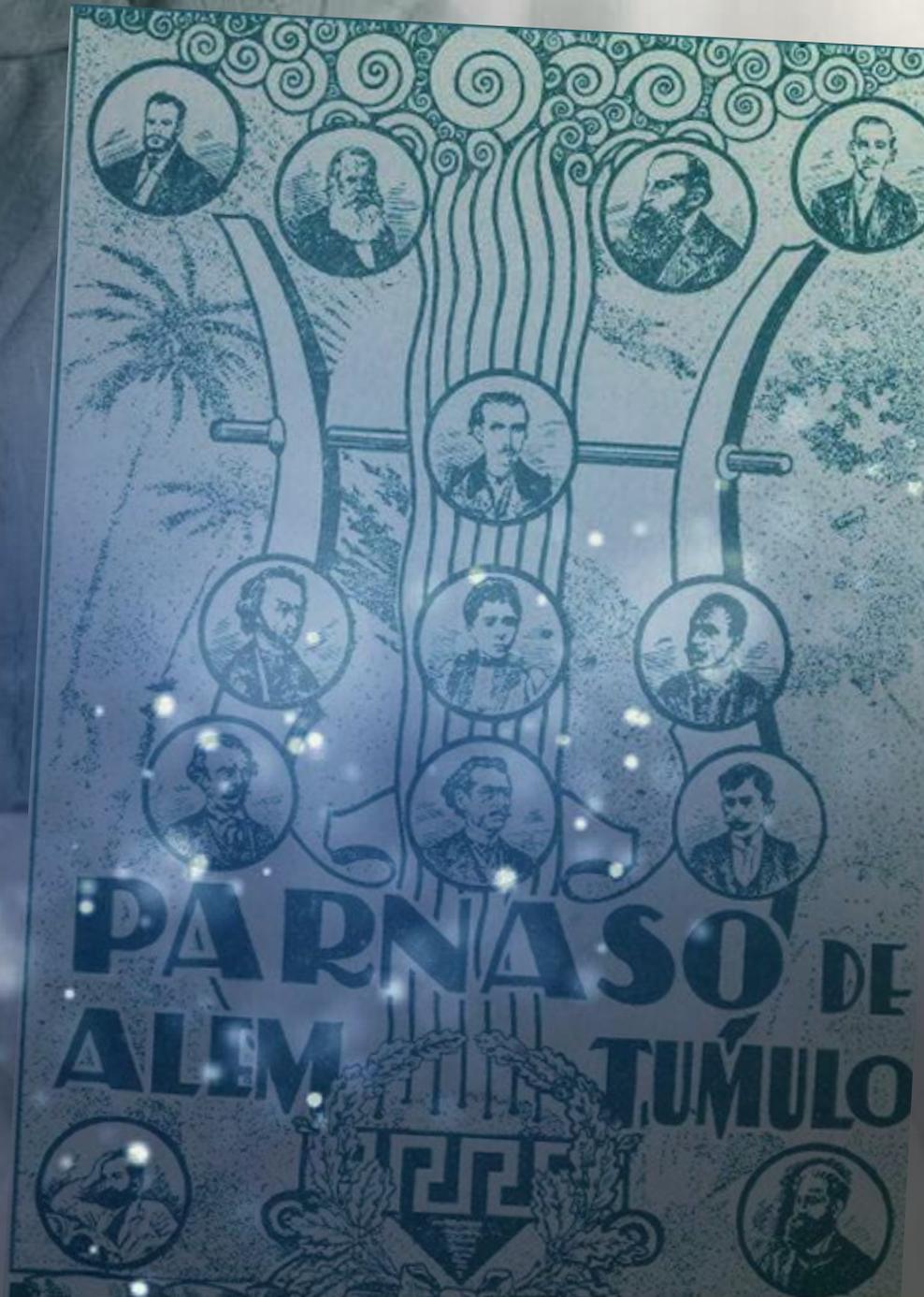
Espiritismo

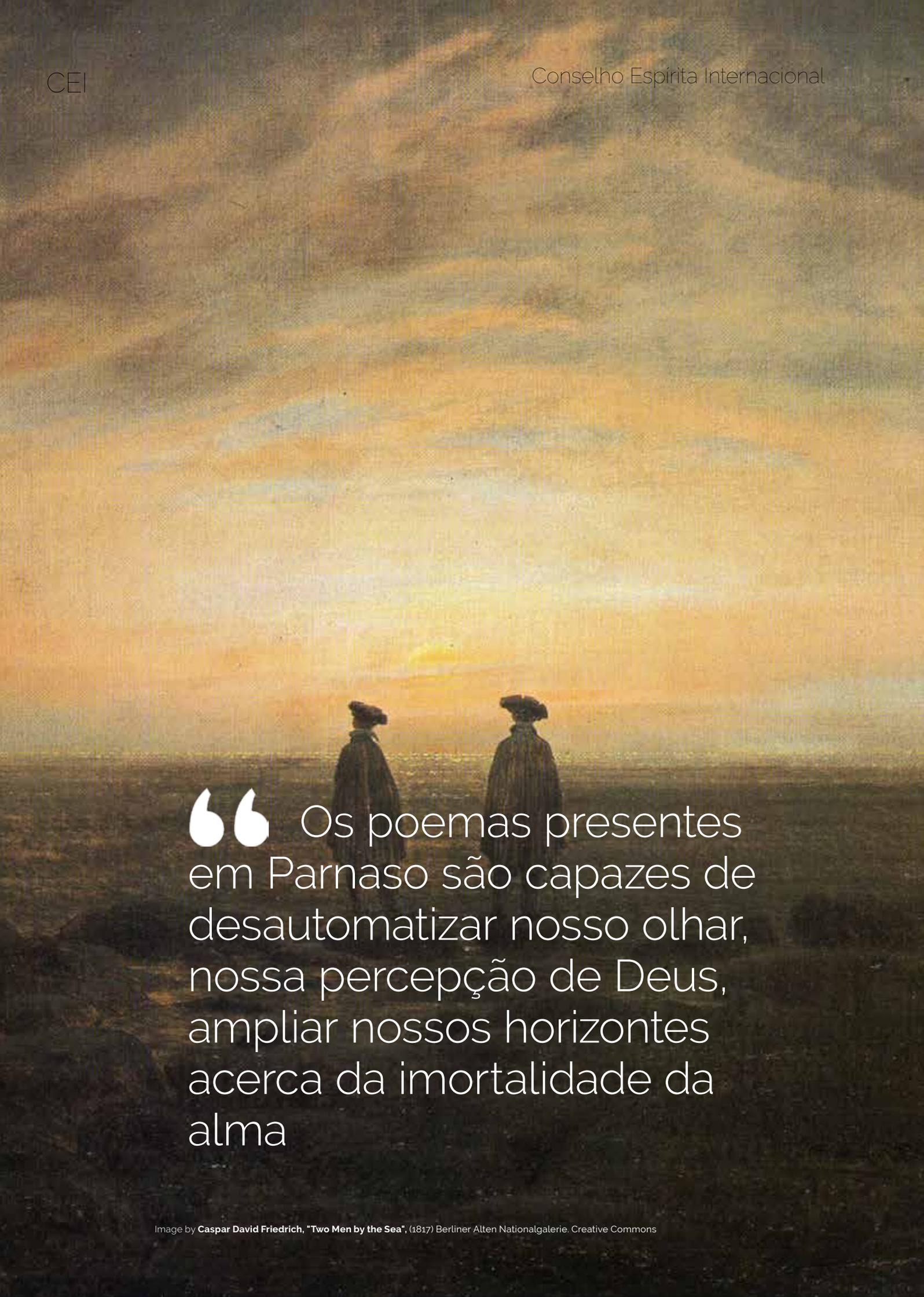


***Adriana Paula Rodrigues Silva**

Espírita há 25 anos, Doutora em Teoria e Crítica Literária, Mestre em Teoria da Literatura, Especialista em Teoria do Texto e Literatura, Graduada em Letras.

ADRIANA PAULA RODRIGUES SILVA*





“ Os poemas presentes em Parnaso são capazes de desautomatizar nosso olhar, nossa percepção de Deus, ampliar nossos horizontes acerca da imortalidade da alma

Resumo

A poesia é a forma mais antiga de manifestação da Verdade e como lembra Novalis, quanto mais verdadeiro, tanto mais poético. *O Parnaso de além-túmulo* não é apenas uma obra poética monumental, configura-se também, como uma apresentação em ritmo, versos, rimas e imagens da verdade trazida ao mundo pelo Consolador prometido por Jesus. É ainda uma síntese da obra fundamental da Doutrina Espírita, a visão de uma viagem, de uma jornada, da nossa jornada evolutiva, cantada em textos esteticamente elaborados pelas mentes dos mais representativos “poetas-mortos” da literatura brasileira e portuguesa. Os poemas presentes em *Parnaso* são capazes de desautomatizar nosso olhar, nossa percepção de Deus, ampliar nossos horizontes acerca da imortalidade da alma, da pluralidade das existências, do mundo espírita, das leis morais e das penas e gozos além da vida. Este despretensioso ensaio objetiva, desse modo, apresentar as relações íntimas dos poemas com a primeira obra do pentateuco kardequiano. Para tanto, recorreremos aos estudos espíritas e àqueles de âmbito acadêmico e teórico que nos possibilitam estabelecer as relações patentes entre *Parnaso* e *O Livro dos Espíritos*.

Palavras-Chave Literatura, Poesia, Espiritismo, Mediunidade, Psicografia, Chico Xavier.

1. Friedrich von Hardenberg, escritor alemão. Novalis, nasceu em 1772 e morreu ainda jovem, em 1801. Importante poeta, romancista e teórico do Romantismo alemão



Image by Caspar David Friedrich, "Der Mönch am Meer", detail. (1810) Berliner Alten Nationalgalerie. Creative Commons

1. Poesia é revelação

A literatura e, por analogia, a poesia, nas palavras iluminadas de Octavio Paz (2012, 21) "é conhecimento, salvação [...], exercício espiritual, método de libertação [...], inspiração". Em outros termos, afirma Paz (2012, 144), "poesia e religião são revelação". Elas se confundem ao longo da história: ambas revelam os aspectos essenciais do ser e os caminhos da transcendência da condição humana. Um grande equívoco de nossa visão materialista foi buscar, ao longo dos séculos, compreender a arte literária apenas pelo viés oferecido pela teoria e pela crítica da literatura.

No entanto, a partir de meados do século XIX, o Espiritismo oferece, pelos canais da filosofia, ciência e religião, uma nova e mais ampla ferramenta de investigação dos elementos que constituem a literatura e, conseqüentemente, a poesia. Surge,

a partir de *O Livro dos Espíritos* (1857), perspectivas e prismas que fornecem instrumentos apropriados para um mergulho mais profundo nos aspectos íntimos da produção literária, especialmente no que se refere aos modos de elaboração do texto e suas temáticas.

Os grandes filósofos, os mais conhecidos poetas da Humanidade falam de gênios inspiradores. Platão define o poeta como um possuído, Sócrates, no *Ion*, apresenta o poeta como ser sagrado, inspirado por emissários divinos que falam por sua boca. Em Aristóteles encontramos, na *Poética*, a poesia como "fruto do encontro entre a natureza animada, dona de existência própria, e a alma do poeta". A poesia, desse modo, nasce da inspiração, de uma revelação, "porque é uma manifestação dos poderes divinos" (Paz 2012, 167-169).

bém **um pacto especial de leitura:** há um médium que materializa uma mensagem de um espírito-autor por meio da mediunidade escrevente.

De grande aceitação pelo público, mesmo os não adeptos à Doutrina Espírita, a última edição de *Parnaso de além-túmulo* reúne poemas atribuídos a 56 poetas brasileiros e portugueses, vários deles espíritas. Cada poeta se apresenta como uma seção da obra. Podemos constatar a presença desses poetas na *Antologia das antologias*, organizada por Maria Magaly Trindade Gonçalves *et alii*; e na 2ª edição do *Dicionário literário brasileiro*, de Raimundo de Menezes, que contém 3.800 verbetes de autores nacionais. Além disso, encontramos outros na *Poética do simbolismo em Portugal*, de Fernando Guimarães e na obra *O romantismo em Portugal*, de José-Augusto França.

1. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Introdução, item VI.

A comunicabilidade dos espíritos¹, um dos princípios fundamentais do Espiritismo, possibilita-nos compreender com mais acerto aquela concepção de inspiração. Literalmente, ela ganha uma outra dimensão: trata-se do intercâmbio entre inteligências encarnadas e desencarnadas, definidas pelos filósofos como gênios e/ou emissários divinos, que permutam, não apenas ideias, pensamentos, mas também sensibilidades.

Fruto desse processo de inspiração, *Parnaso de além-túmulo* (1932), primeira antologia poética mediúnica, tornou-se na história da literatura brasileira um fenômeno. Psicografada por Chico Xavier, a obra, que completa noventa anos, lança no cenário literário, porque não dizer universal, um tipo muito peculiar de literatura: a literatura psicográfica. O princípio da comunicabilidade dos espíritos, que fundamenta a existência da mediunidade de psicografia, estabelece tam-



São eles os poetas brasileiros: Ignácio José de Alvarenga Peixoto (1744-1793) - um poema; Sousa Caldas (1762-1814) - três poemas; Juvenal Galeno (1836-1931) - três poemas; Casimiro de Abreu (1837-1860) - quatro poemas; Fagundes Varela (1841-1875) - um poema; Luís Guimarães Júnior (1845-1898) - dois poemas; Castro Alves (1847-1871) - dois poemas; Artur Azevedo (1855-1908) - um poema; Alberto de Oliveira (1857-1937) - três poemas; Múcio Teixeira (1859-1926) - um poema; Raimundo Correia (1859-1911) - um poema; B. Lopes (1859-1916) - dois poemas; Augusto de Lima (1860-1934) - dois poemas; Cruz e Sousa (1861-1898) - 30 poemas; Luiz Murat (1861-1929) - um poema; Olavo Bilac (1865-1918) - dez poemas; Emílio de Menezes (1867-1918) - dois poemas; Alphonsus de Guimarães (1870-1921) - quatro poemas; Auta de Souza (1876-1901) - 16 poemas; Augusto dos Anjos (1884-1914) - 31 poemas; Hermes Fontes (1888-1930) - três poemas; Raul de Leoni (1895-1926) - seis poemas; Rodrigues de Abreu (1897-1927) - dois poemas; Álvaro Teixeira de Macedo (1807-1849) - um poema; Bittencourt Sampaio (1834-1895) - quatro poemas; José do Patrocínio (1853-1905) - um poema; Leôncio Correia (1865-1950) - um poema; Belmiro Braga (1870-1937) - três poemas; Batista Cepelos (1872-1915) - um poema; Luiz Pistarini (1876-1918) - um poema; Gustavo Teixeira (1881-1937) - um poema; Antônio Torres (1885-1934) - dois poemas; Cármen Cinira (1902-1933) - oito poemas.

Encontramos ainda um grupo de poetas cujas informações foram encontradas apenas no próprio *Parnaso*. São doze poetas e entre eles, sete mantiveram ligação com o Espiritismo. São eles: Cornélio Bastos (1844-1909) - um poema; Albérico

Lobo (1865-1942) - um poema; Valado Rosas (1871-1930) - dois poemas; Abel Gomes (1877-1934) - um poema; Casimiro Cunha (1880-1914) - 15 poemas; Amaral Ornellas (1885-1923) - dois poemas; e Jésus Gonçalves (1902-1947) - um poema. Fora estes escritores, ainda temos cinco pouco conhecidos que não foram espíritas: Pedro de Alcântara (1825-1891) - nove poemas; Lucindo Filho (1847-1896) - um poema; José Silvério Horta (1859-1933) - um poema; Edmundo Xavier de Barros (1861-1905) - dois poemas; e Alfredo Nora (1881-1948) - um poema. Encerrando a lista dos autores, deparamo-nos com mais cinco nomes ou iniciais dos poetas que não remetem a autor ou obra que sirvam de parâmetro. São eles: A. G. - um poema; Alma Eros - dois poemas; Amadeu (?) (*sic*) - um poema; Marta - sete poemas; e Um desconhecido - três poemas.

A coletânea chegou às mãos dos leitores em 1932 causando uma série de polêmicas nos meios intelectuais do Brasil, particularmente no que diz respeito à questão autoral que ela suscita: os poemas seriam de fato dos autores que os assinavam? Este é um dos pontos mais debatidos no âmbito dos estudos acadêmicos, sejam eles críticos, literários ou discursivos, devido aos aspectos éticos, ideológicos e legais que eles encerram.

Polêmicas à parte, já obsoletas pelo passar dos decênios e dos estudos aprofundados e sérios em torno da obra, a leitura dos poemas de *Parnaso de além-túmulo*, que completa 90 anos dia 06 de julho, possibilita um encontro poético com os temas centrais do livro fundamental do Espiritismo: *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec (1857). Os conteúdos temáticos dos poemas podem ser cotejados paralelamente às quatro partes

“

A visão de uma viagem,
de uma jornada, da nossa
jornada evolutiva, cantada
em textos esteticamente
elaborados pelas mentes
dos mais representativos
“poetas-mortos”

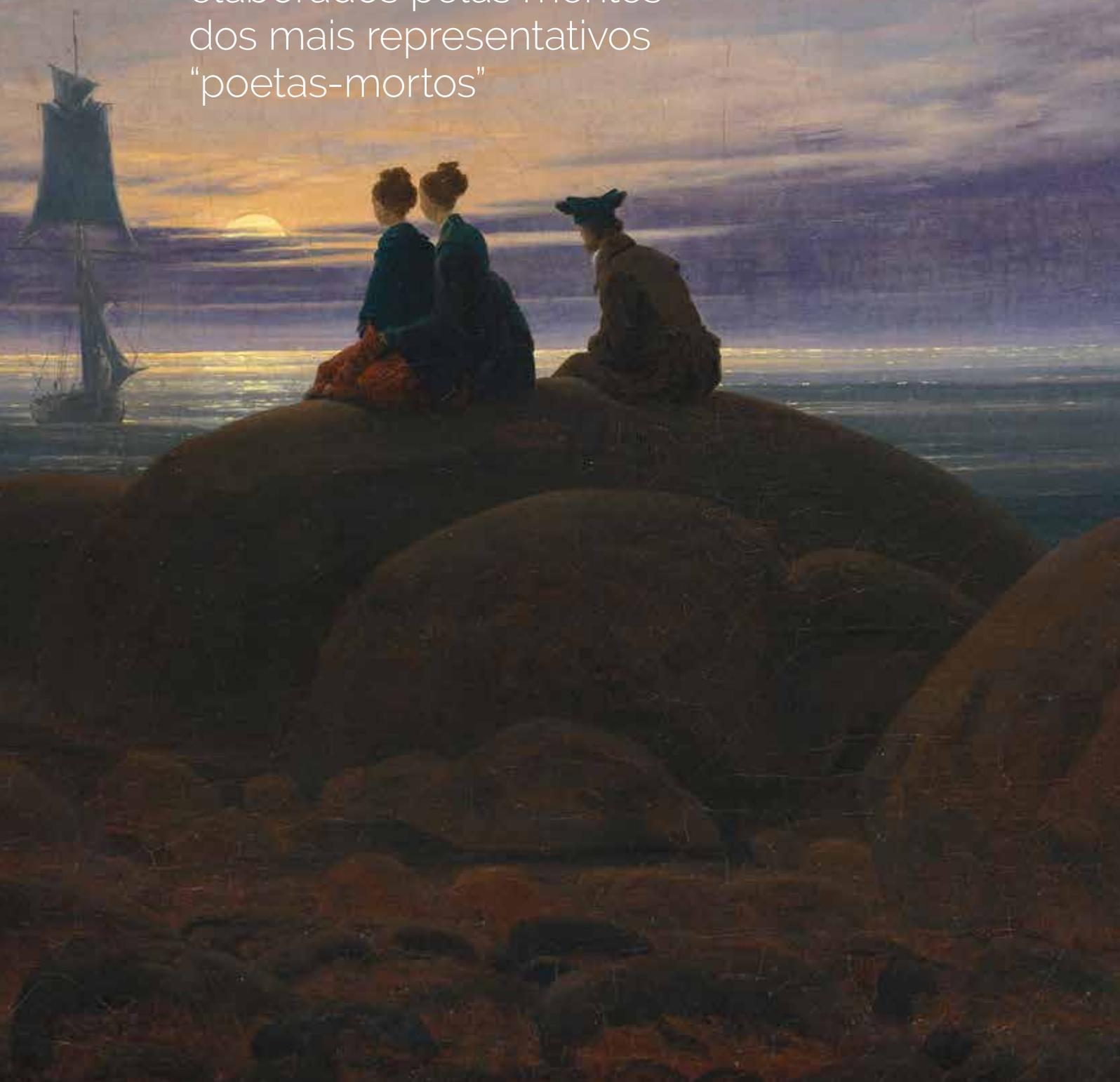




Image by Caspar David Friedrich, "Rocky ravine in the Elbe Sandstone Mountains", detail. (1822) Berliner Alten Nationalgalerie. Creative Commons

da primeira obra do pentateuco kardequiano: *Das Causas Primárias*, *Do mundo Espírita* ou *mundo dos Espíritos*, *Das Leis Morais* e *Das esperanças e consolações*. A comparação permite-nos constatar que houve um planejamento na organização dos poemas.

A dissertação de mestrado de Alexandre Rocha² (2001) apresenta uma proposta de categorização dos poetas presentes na obra, conforme a organização de *O Livro dos Espíritos*. Para que tenhamos uma visão mais didática, eis a seguir a compilação realizada pelo exímio trabalho de pesquisa de Alexandre Rocha (2001), por meio do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas.

2. Rocha, Alexandre Caroli: *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo* / Alexandre Caroli Rocha. - Campinas, SP: [s.n.], 2001.

O estudioso apresenta a transcrição dos títulos das quatro partes e dos capítulos de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, logo em seguida, aponta os poemas da antologia que se aproximam dos respectivos assuntos tratados pelos Espíritos Superiores. Ainda elenca, depois de cada título de *Parnaso*, entre parêntesis, a autoria do poema e a edição em que o poema surgiu no livro de Chico Xavier.

1.1 Parte primeira – Das causas primárias

Capítulo I – *De Deus*: "Deus" (Antero de Quental, 2ª ed.); "Incognoscível" (idem, 2ª ed.). Capítulo II - *Dos elementos gerais do Universo*: "Matéria



cósmica" (Augusto dos Anjos, 2ª ed.); "Espírito" (idem, 2ª ed.). Capítulo III - *Da Criação*: "Raça adâmica" (Augusto dos Anjos, 2ª ed.); "Além" (João de Deus, 4ª ed.). Capítulo IV - *Do princípio vital*: "Alma" (Augusto dos Anjos, 1ª ed.); "Vida e Morte" (idem, 2ª ed.).

1.2 Parte segunda – Do mundo espírita ou mundo dos espíritos

Capítulo I - *Dos Espíritos*: "Soneto" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "Jesus" (Marta, 2ª ed.). Capítulo II - *Da encarnação dos Espíritos*: "Ao mundo" (Antônio Nobre, 2ª ed.); "A um observador materialista" (Augusto dos Anjos, 4ª ed.). Capítulo III - *Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual*: "Soneto" (José Duro, 2ª ed.); "Adeus" (Auta de Souza, 2ª ed.); "No

estranho portal" (Luiz Pistarini, 6ª ed.); "Voltando" (Luiz Guimarães Júnior, 2ª ed.). Capítulo IV - *Da pluralidade das existências* e Capítulo V - *Considerações sobre a pluralidade das existências*: "Soneto" III (Batista Cepelos, 2ª ed.); "Noutras eras" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "Imortalidade" (Fagundes Varela, 2ª ed.); "No Templo da Morte" (Marta, 2ª ed.). Capítulo VI - *Da vida espírita*: "Almas" (Auta de Souza, 2ª ed.); "Almas de virgens" (idem, 2ª ed.); "Não choreis" (Antero de Quental, 2ª ed.). Capítulo VII - *Da volta do Espírito à vida corporal*: "O mau discípulo" (João de Deus, 1ª ed.); "Na Terra" (Raul de Leoni, 3ª ed.). Capítulo VIII - *Da emancipação da alma*: "Alma livre" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "Quanta vez" (idem, 2ª ed.). Capítulo IX - *Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal*: "Mão divina" (Antero de Quental, 2ª ed.); "Almas sofredoras" (idem, 2ª ed.); "Aos espíritos consoladores" (Cármem Cinira, 2ª ed.); "Anjos da Paz" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "Vozes", (idem, 2ª ed.). Capítulo X - *Das ocupações e missões dos Espíritos*: "Parnaso de além-túmulo" (João de Deus, 1ª ed.); "Luta" (Raul de Leoni, 3ª ed.). Capítulo XI - *Dos três reinos*: "Vozes de uma sombra" (Augusto dos Anjos, 1ª ed.); "Poesia" (Júlio Diniz, 1ª ed.).

1.3 Parte terceira – Das leis morais

Capítulo I - *Da lei divina ou natural*: "Ao homem" (Augusto dos Anjos, 2ª ed.); "Na estrada de Damasco" (João de Deus, 1ª ed.). Capítulo II - *Da lei de adoração*: "A Prece" (João de Deus, 4ª ed.); "Ao pé do altar" (Marta, 2ª ed.). Capítulo III - *Da lei do trabalho*: "Soneto", (Hermes Fontes, 2ª ed.); "Honra ao trabalho" (Múcio Teixeira, 6ª ed.). Capítulo IV - *Da lei de reprodução*: "A Lei" (Augusto dos Anjos, 4ª ed.); "Nunca te isoles" (Marta, 2ª ed.). Capítulo V - *Da lei de conservação*: "Carta íntima" (Auta de Souza, 4ª ed.); "O no-



Image by Caspar David Friedrich, "Rocky ravine in the Elbe Sandstone Mountains", detail. (1822) Berliner Alten Nationalgalerie. Creative Commons

bre castelão" (Um desconhecido, 1ª ed.). Capítulo VI – *Da lei de destruição*: "Nas sombras" (Augusto dos Anjos, 4ª ed.); "Atualidade" (idem, 6ª ed.); "Soneto" (João de Deus, 4ª ed.). Capítulo VII – *Da lei de sociedade*: "Consolai" (Antero de Quental, 2ª ed.); "Mensageiro" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "Aos meus amigos da Terra" (Emílio de Menezes, 2ª ed.). Capítulo VIII – *Da lei do progresso*: "Marchemos!" (Castro Alves, 1ª ed.); "A Morte" (idem, 2ª ed.); "Nós..." (Raul de Leoni, 3ª ed.). Capítulo IX – *Da lei de igualdade*: "Pobres" (Juvenal Galeno, 2ª ed.); "De cá" (idem, 2ª ed.). Capítulo X – *Da lei de liberdade*: "Versos" (Casimiro Cunha, 1ª ed.); "Nova Abolição" (José do Patrocínio, 6ª ed.). Capítulo XI – *Da lei de justiça, de amor e de caridade*: "Supremacia da Caridade" (Casimiro Cunha, 1ª

ed.); "Caridade" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "A crucificação" (Olavo Bilac, 2ª ed.); "Soneto" II (Raimundo Correia, 2ª ed.). Capítulo XII – *Da perfeição moral*: "O irmão" (Alma Eros, 4ª ed.); "Estranho concerto" (Antero de Quental, 6ª ed.); "Renúncia" (Cruz e Sousa, 2ª ed.); "Bondade" (João de Deus, 2ª ed.); "A Fortuna" (idem, 2ª ed.).

1.4 Parte quarta – Das esperanças e consolações

Capítulo I – *Das penas e gozos terrestres*: "À Morte" (Antero de Quental, 1ª ed.); "Minha luz" (Cármem Ciniira, 2ª ed.); "Lamentos do órfão" (João de Deus, 2ª ed.); "Angústia materna" (idem, 2ª ed.); "O leproso" (idem, 2ª ed.). Capítulo II – *Das penas e gozos futuros*: "Heróis" (Cruz e Sousa, 1ª ed.);



“Oração aos libertos” (idem, 2ª ed.); “Céu” (idem, 2ª ed.); “Beleza da morte” (idem, 2ª ed.); “Soneto” (Luiz Guimarães Júnior, 2ª ed.).

Observando atentamente o zelo com que a espiritualidade organizou a antologia, tendo como matriz temática o livro primeiro da codificação kardequiana, podemos fazer algumas considerações. Das tantas afinidades com a primeira obra de Allan Kardec, constatamos que “o direcionamento programático dado à antologia foi o de recobrir, em versos, os pontos mais significativos da codificação espírita” (Rocha 2001, 48). Essa é uma possível explicação para a ampliação da antologia, no período entre a 6ª edição, de 1955, e a 1ª, de 1932. É provável ainda que, devido ao planejamento estabelecido para a antologia,

algumas dúzias de outros poemas psicografados por Chico Xavier, antes de 1955, de autores mencionados em *Parnaso*, tenham sido publicados em outros livros, como por exemplo, *Lira imortal*.

2. Uma breve leitura de um poema de *Parnaso*

Quando relacionamos os poetas e os poemas às partes de *O Livro dos Espíritos* (1857), estabelecemos um caminho que nos leva da obra de Kardec à antologia. Agora propomos um outro percurso: dos versos à Doutrina Espírita. Não apresentamos apenas uma proposta de leitura dos poemas, mas buscamos também compreendê-los a partir da lente espírita, porque, “homens e mulheres de nossos dias ainda leem e escrevem poesia, pois, nela encontram a melhor forma de converter em palavra o sumo da sua experiência” (Bosi 2000, 17). E não podemos negar que a experiência da vida após a vida comparece de modo inequívoco nos versos de *Parnaso*.

Selecionamos, desse modo, um poema dos mais representativos da obra, que sob nossa perspectiva, aborda todas as questões apontadas nas partes temáticas de *O Livro dos Espíritos*. São breves considerações em torno dos versos do poeta Antero de Quental. Nosso intuito é possibilitar um caminho de leitura para os poemas presentes na obra. Não desejamos, e nem temos como, esgotar as possibilidades de interpretação dos versos, mas entrelaçar o trabalho estético da poesia com a verdade luminosa do Espiritismo. Escolhemos para essas reflexões “Incognoscível”³, de Antero de Quental. Vamos ao poema:

3. Xavier, “Parnaso de além-túmulo”, 93.

Para o Infinito, Deus não representa
A personalidade humanizada
Pelos seres terrenos inventada
Cheia, às vezes, de cólera violenta.

Deus não castiga o ser e nem o isenta
Da dor, que traz a alma lacerada
Nos pelourinhos negros de uma estrada
De provação, de angústia e de tormenta.

Tudo fala de Deus nesse desterro
Da Terra, orbe da lágrima e do erro
Que entre anseios e angústias conheci!

Mas, quanto o vão mortal inda se engana
Que em sua triste condição humana
Fez a essência de Deus igual a si!

O poeta, tratando da questão primeira de *O Livro dos Espíritos*, "Que é Deus?", desconstrói a percepção medieval e "inventada" do Criador, "cheia, às vezes de cólera violenta", que quase todos nós trazemos arraigada em nossas mais profundas memórias. Os versos partem da perspectiva de "Infinito", "que se estende triunfante no espaço e no tempo"⁴. O poeta, partindo dessa imagem, apresenta para os leitores um Deus que "não castiga o ser", pois é supremo amor, suprema bondade, suprema justiça, "supremo Doador da Vida", como define Emmanuel⁵.

Esse mesmo Deus, "que não possuímos ainda inteligência suscetível de refletir-lhe a grandeza"⁶, é o Pai amoroso que não pune nenhum de seus filhos, pois, compreende que "o homem é um gênio divino em aperfeiçoamento ou um anjo nascituro"⁷. No entanto, como Exímio Instrutor, "não isenta da dor" o ser humano, que "traz a alma lacerada" [...] "de provação, de angústia e de tormenta".

Os versos de Antero de Quental nos fazem recordar as responsabilidades diante da Vida, visto que nos achamos incessantemente sob a orientação das Leis Divinas. Quando inquirindo acerca dessas leis aos Amigos do Alto, na terceira parte de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec nos ensina que "nada ocorre à revelia dos divinos Desígnios"⁸. Para toda causa há sempre um efeito, por essa razão, o ser humano jamais "escapa às consequências de suas faltas"⁹.

E, embora recordando com pesar os "anseios e angústias" que conheceu, admite que "tudo fala de Deus no desterro da Terra". Percebe a presença divina em todas as circunstâncias, mesmo nas mais dolorosas e, com os olhos desvestidos da carne, o poeta lamenta os equívocos cometidos na matéria. Reflete sobre "quanto o vão mortal inda se engana" com os apelos e as ilusões da vida de encarnado. Seu canto de lamentação, da "triste condição humana", leva-nos a recordar nossas próprias vacilações diante das Leis Divinas: cada desequilíbrio, cada falta, cada erro reclama reajuste, que nos aprimora e nos faz avançar.

O poeta, ao lamentar a condição humana, descrevendo-a como tris-

4. Xavier, "Roteiro", 165.

5. Xavier, "Fonte Viva", 169.

6. Idem, 346.

7. Xavier, "Roteiro", 27.

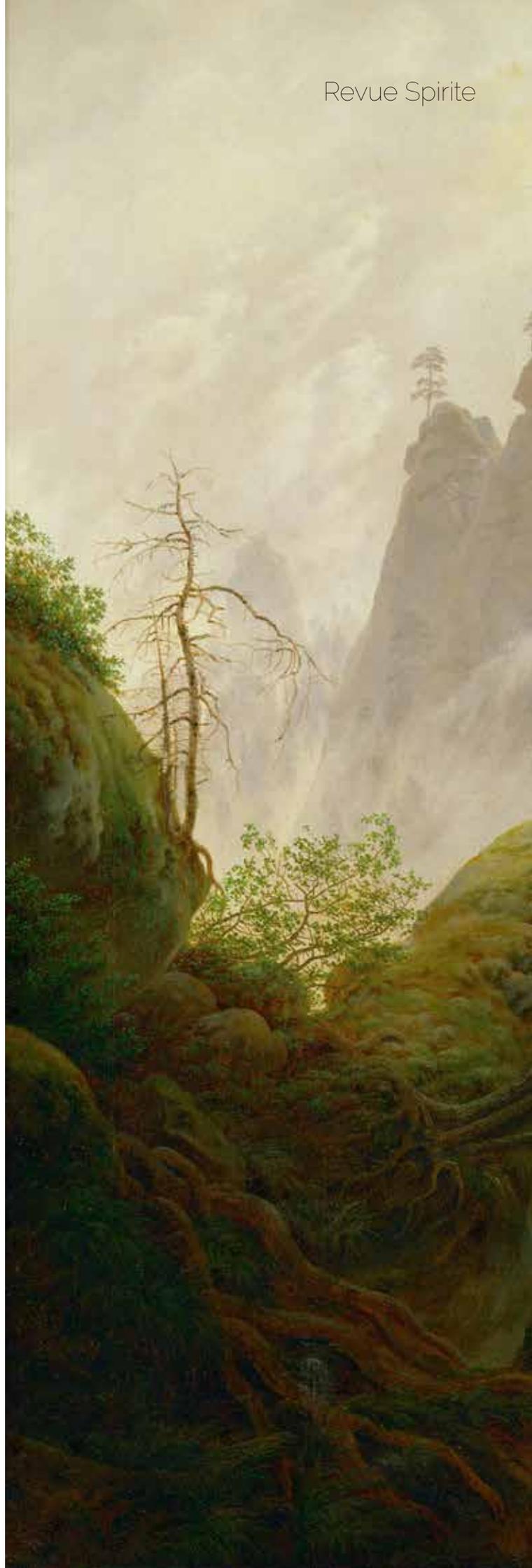
8. Xavier, "Fonte Viva", 346.

9. Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap. V, item 6..

te, não está se referindo à situação de alguém exilado e sofredor: está olhando para a vida como um ser imortal, capaz de perceber-se fora do habitat físico, sem o véu da matéria densa, sem os limites da vida na carne, que se apresenta para nós, na maioria das vezes, como uma sucessão de enganos e equívocos com os quais teremos que lidar ao despertar no mundo espiritual.

Desse modo, devido à estreiteza da nossa visão, afirma o poeta, o homem fez a "essência de Deus igual a si". Talvez porque trazemos na bagagem de nossa caminhada evolutiva muita culpa, remorso e medo, os atavismos da nossa condição de espíritos ainda imperfeitos nos impedem de compreender Deus. Mas, se ainda não conseguimos defini-lo, podemos transformar o coração a ponto de sentir o Seu amor por todos nós.

Concluimos esta breve leitura, recordando que a imagem que o poeta nos apresenta de Deus, por meio dos versos, leva-nos a refletir sobre a infinita misericórdia do Pai. E vemos, espelhados nas estrofes, os instrumentos consoladores da Doutrina Espírita: o livre-arbítrio, a vida após a morte, a lei de causa e efeito, a realidade do mundo espiritual, que comparecem de modo inequívoco em cada linha do poema. Resta-nos marchar na direção de Deus e compreender que a vida "é luta eterna e bendita / Em que o Espírito se agita / na trama da evolução; / oficina onde a alma presa / forja a luz, forja a grandeza / da sublime perfeição". (Xavier 2002, 223)



Referências

- BARBOSA, Elias. 1991. "A literatura espírita na mediunidade de Chico Xavier". In: JACINTHO, Roque. *40 anos no mundo da mediunidade*. São Paulo: Editora Luz no Lar.
- BOSI, Alfredo. 2000. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GAMA, Ramiro. 1932. "Parnaso de além-túmulo", *Reformador*, 16 de setembro de 1932.
- KARDEC, Allan. 1997. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.
- KARDEC, Allan. 1998. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB.
- KARDEC, Allan. 1995. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB.
- LOUREIRO, Carlos B. 1987. "E a fidelidade histórica do Parnaso de além-túmulo?", *O Imortal*, dezembro de 1987.
- LOUREIRO, Carlos B. 1990. "Figuras de palavra e tropos no 'Parnaso de além-túmulo'", *Mundo espírita*, fevereiro de 1990.
- LOUREIRO, Carlos B. 1983. "Augusto dos Anjos", *Suplemento literário* (órgão do jornal Correio Fraternal do ABC), junho de 1983.
- LOUREIRO, Carlos B. 1984. "Castro Alves, o poeta do evangelho", *Suplemento literário* (órgão do jornal Correio Fraternal do ABC), julho de 1984.
- PAZ, Octávio. 1990. *O arco e a lira*. México: Fundo de Cultura Econômica.
- PIRES, J. Herculano. 1973. "Chico Xavier: o homem futuro". *Revista Planetária*, nº 10 (junho 1973): 50-65.
- QUINTÃO, Manuel. 1931. "Casos e coisas", *Reformador*, 1º de novembro de 1931.
- QUINTÃO, Manuel. 1932. "Casos e coisas", *Reformador*, 16 de abril de 1932.
- RIZZINI, Jorge. 1993. *Antologia do mais além*. Goiânia, GO: Editora Espírita Paulo de Tarso.
- RIZZINI, Jorge. 1988. "'Parnaso de além-túmulo': necessidade de nova revisão", *Jornal espírita*, fevereiro de 1988.
- ROQUE, Jacintho. 1972. "'Parnaso': quarenta anos", *Reformador*, outubro de 1972.
- ROCHA, Alexandre C. 2001. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. Campinas, SP: [s.n.].
- THIESEN, Francisco. "Nos bastidores do Parnaso de Além-Túmulo", *Reformador*, setembro de 1973.
- XAVIER, Francisco C. (Vários Espíritos) 2002. *Parnaso de além-túmulo*. Rio de Janeiro: FEB.
- XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2015. *Fonte Viva*. Brasília: FEB.
- XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2012. *Roteiro*. Brasília: FEB.
- ZANARDI, Leopoldo. 2000. "Xenoglossia invertida com o médium de Pedro Leopoldo (MG)", *Revista Internacional de Espiritismo*, novembro de 2000.





A Geração **Nova**
Espiritismo com
Crianças e Jovens



LIGIA CARVALHO*

Evangelização Infanto Juvenil

Ferramenta gerenciadora de
ensinos morais e guiadora de
decisões e atitudes diárias



***Ligia Carvalho**
Centro Espírita Luz Divina
em Newark, NJ, USA.

Resumo

Na tentativa de desenvolver o trabalho de ensinar Espiritismo aos jovens e crianças através da evangelização infanto-juvenil, a metodologia e as técnicas são importantes, especialmente no mundo hodierno onde o avanço tecnológico tem papel de influência muito grande. Mas a importância no trabalho da evangelização não está em certificar que a criança ou jovem memorize fatos, nomes ou datas, e sim que interiorize conceitos de elevação espiritual e desperte para sentimentos elevados que os nortearão na vida fazendo com que ajam como pessoas de bem. Para atingir efetivamente este objetivo, se faz imprescindível o trabalho colaborativo com as famílias e a compreensão da função primordial da evangelização como ferramenta gerenciadora de ensinamentos morais, e guiadora de decisões e atitudes diárias, baseadas em conceitos cristãos.

Palavras-chave Evangelização infanto-juvenil, Educação, Família, Reforma íntima, Reencarnação.





O mundo hodierno enfrenta constantes mudanças resultantes de vários avanços tecnológicos e científicos. Os mesmos influenciam direta e indiretamente, e de maneira rápida, a vida dos indivíduos e suas relações sociais. Essas mudanças muitas vezes trazem com elas pressões e exigências que tornam a vida do ser humano mais complexa e rigorosa. Essa reflexão se aplica ainda mais às nossas crianças e jovens que nasceram em um período de avanços acelerados e de acesso imediato a informações e notícias, sendo este tipo de existência o normal, sem referência a um momento em que a vida era, talvez, mais tranquila e simplificada. Essa perspectiva pode nos levar a indagar se para atingirmos efetivamente essa nova geração, esses jovens e crianças nascidos em um mundo tecnológico, interconectado e de mais conhecimento, precisamos dispor no trabalho da evangelização infanto-juvenil de novos métodos ou conceitos aos quais eles sejam mais receptivos, para assim lhes conquistar o interesse no estudo e conhecimento da Doutrina Espírita.

Os Espíritos superiores nos informam que o “progresso moral e intelectual do Espírito” (Kardec 2000, 31) são o objetivo maior de nossa existência. Isso nos faz refletir na necessidade de primeiramente melhor entender os objetivos principais do trabalho de ensinar Espiritismo, para depois considerarmos o papel que as metodologias e técnicas desempenham nesse processo. Quando estudamos a pergunta 919 de *O Livro dos Espíritos*, aprendemos que este processo de aperfeiçoamento se realiza através do ensinamento de Santo Agostinho, que responde à questão com o direcionamento: “Conhece-te a ti mesmo”. Esta resposta nos vem revelar o propósito principal de nossa encarnação, e da evangelização, independentemente da época ou do crescimento que tenha acontecido na sociedade.

Nesse ensino, Santo Agostinho deixa claro a estipulação de que o trabalho de Auto-Educação, ou seja de Reforma Íntima, é o meio mais prático e eficaz para o nosso aperfeiçoamento, dando-nos os recursos necessários para nos melhorarmos nesta vida e resistir às nossas tendências inferiores. Vinicius, em seu livro *Nas pegadas do Mestre*, vem reforçar este aprendizado quando diz que “Ser cristão não é uma questão de modo de crer; é uma questão de caráter – caráter íntegro, firme e consolidado através de longo e porfiado trabalho de auto-educação” (Vinicius 1995, 287) nos lembrando novamente da necessidade de, não só pensarmos o bem, mas agirmos no bem. Mas a dificuldade está justamente no fato de que, por não nos conhecermos o suficiente e por nos faltar melhor entendimento das leis divinas, frequentemente não sabermos qual o caminho a seguir, e nos perdermos na busca do melhoramento pessoal. É justamente nesse momento que

o Espiritismo vem ao encontro das necessidades espirituais dos seres, com o papel de transmitir o conhecimento espírita e a moral evangélica pregada por Jesus, que são “a expressão mais pura da lei do Senhor” (Kardec 2011, 346), nos mostrando o melhor caminho a seguir e nos explicando o porquê das coisas. Compreendemos assim que devemos buscar hoje ser melhores do que fomos ontem, e que isso acontece através do acúmulo de escolhas que fazemos diariamente. “O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam” (Kardec 2003, 309), descortinando a verdade para que possamos finalmente ver. Mas este processo não se deve iniciar na maturidade, quando os hábitos e as tendências já estejam enrijecidos e laboriosos, e sim desde os momentos iniciais da vida corpórea, quando o Espírito reencarnante está adormecido de seu passado





Photo by Edi Libedinsky on Unsplash



Educar é
desenvolver os
poderes do
Espírito

e é influenciável pelos pais e educadores por estar "mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e fazê-lo progredir." (Kardec 2003, 163) Estes lhes apresentarão conceitos, ensinamentos e terão a oportunidade de criar uma base sólida para quando o Espírito readquirir a lembrança intuitiva de seu passado, conforme o corpo físico for amadurecendo, de modo que ele possa ter novos hábitos e perspectivas que o motivem a escolher um outro caminho, um melhor caminho. Esta oportunidade de criar uma base sólida, pode ser adquirida através da evangelização infanto-juvenil, que lhes oferece uma perspectiva diferente da vida, uma que seja vista através das lentes de Jesus Cristo, ao invés das exigências da modernidade, que andam de mãos dadas com as leis dos homens, sempre mutáveis e imperfeitas, mas sim com as leis de Deus, imutáveis, amorosas e justas.

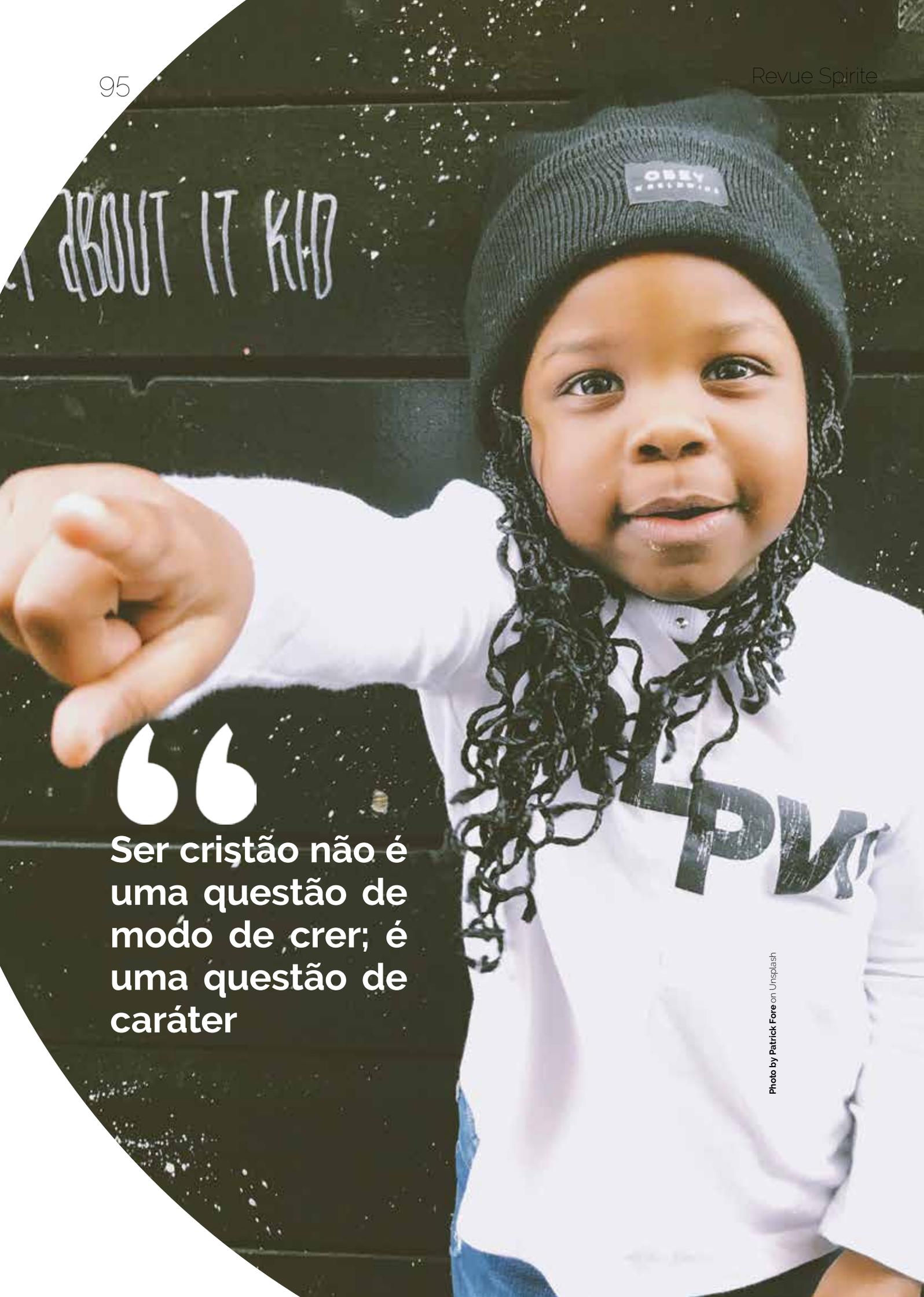
Este processo consiste na "arte de formar os caracteres, a que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos (...) e com esse conjunto de hábitos adquiridos (...) o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis" (Kardec 2011, 371), lhe dando a certeza de um futuro feliz. Assim fazendo, estamos oferecendo aos nossos jovens e às nossas crianças, os meios de desenvolverem a capacidade de discernir e escolher, de sentir e de se expressar, tendo como meta os horizontes pacificadores da felicidade espiritual e não das transitoriedades sensoriais da vida material.

Mas para realizar este objetivo, se faz necessário entender que este processo é o de educar e não o de instruir! Vinicius em seu livro *O Mestre na Educação* vem nos ensinar que "a instrução é setor da educação, na qual os valores do intelecto encontram necessário cultivo. Instruir é ilustrar a mente com certa soma de conhecimentos sobre um ou vários ramos científicos. A educação, porém, abrange uma área muito grande, na quase totalidade da vida. Educar é desenvolver os poderes do espírito, não só na aquisição do saber, como especialmente na formação e consolidação do caráter." (Vinicius 1997, 63) Veja então que evangelizar é priorizar as

necessidades do Espírito, de moralidade e perfectibilidade, nos tornando pessoas de bem. E “o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que deseja que lhe fizessem.” (Kardec 2003, 307) Sendo assim, a importância no trabalho da evangelização não está em certificar que a criança ou jovem memorize fatos, nomes ou datas, e sim que interiorize conceitos de elevação espiritual e desperte para sentimentos elevados que a nortearão na vida, fazendo com que ela aja como pessoa de bem.

Mesmo entendendo a necessidade de eleger o trabalho de vivenciar a moral cristã em primeiro lugar, repetidamente vemos a escolha equivocada, mesmo que com o intuito de acertar, em priorizar o ensino escolar e profissional, em detrimento do ensino moral e religioso, não dando a ambos a importância que merecem, e muito frequentemente sacrificando o segundo. Vinicius nos elucida que “demasiada importância se liga às várias modalidades do saber, descuidando-se do principal, que é a ciência do bem (...) Daí o grande surto de progresso verificado no plano utilitário e material, contrastando escandalosamente com a barbárie e brutalidade reinantes em todas as camadas sociais.” (Vinicius 1997, 66) Isso nos traz a reflexão de que, no nosso tempo atual, época em que as conquistas profissionais e do conforto material se tornam frequentemente a meta principal da existência, as dificuldades em inspirar interesse ou

comprometimento com a evangelização não estão associadas a uma questão de metodologia ou conceito mais evoluído ou tecnológico. Estão sim associadas à falta de melhor entendimento e apreciação da premissa básica do trabalho de evangelização infanto-juvenil, tanto pelas Casas Espíritas, como pelas famílias, que classificam este trabalho como de apoio, quando deveria ser de sustento. Grande parte das pessoas ainda não compreenderam que a evangelização espírita infanto-juvenil não se trata de um grupo de estudo somente, mas sim de uma ferramenta gerenciadora de ensinamentos morais e guiadora de decisões e atitudes diárias, baseadas em conceitos cristãos, que auxiliam de forma definitiva e positiva na definição dos destinos e dos caminhos escolhidos por nossos jovens e crianças, caminhos estes que definirão o futuro individual e coletivo na sociedade em que participamos, com os quais todas as outras coisas serão mais facilmente conquistadas e suportadas. Bezerra de Menezes nos diz “que a tarefa da Evangelização Espírita Infanto Juvenil é do mais alto significado dentre as atividades desenvolvidas pelas Instituições Espíritas” (Dusi 2015, 13) nos lembrando da importância de priorizar este serviço e saber valorizar o seu papel em nossas vidas. Enfatizamos também que seus benefícios vão além dessa vivência familiar, se estendendo a toda a comunidade, já “que a preparação das mentes infanto-juvenis à luz da evangelização espírita é a melhor programação para uma sociedade feliz e mais cristã.” (Dusi 2015, 21) Desta forma, cada trabalhador, voluntário ou participante da tarefa de evangelização, as famílias e os próprios evangelizadores se tornam instrumento de colaboração para um mundo melhor.



“

**Ser cristão não é
uma questão de
modo de crer; é
uma questão de
caráter**



**A evangelização
auxilia o ser em
desenvolvimento a
entender o seu
potencial e a sua
característica como
Espírito eterno**

Mas a técnica e a metodologia são de extrema importância para que o ensino do Espiritismo seja relacionável e crie um ambiente de interesse e aprendizado. Além da utilização imprescindível dos recursos tecnológicos disponíveis, uma metodologia, ou técnica, que se pode aplicar no trabalho de evangelização, (para preencher esse papel de despertar o evangelizando para a sua realidade de espírito imortal, trabalhar para o crescimento moral através da autoeducação e auxiliar o jovem e a criança a incutir novos hábitos), é a aplicação dos ensinamentos básicos do Espiritismo integrando o conceito intitulado “unidade educacional encarnação/reencarnação”, apresentado por Ney Lobo em o livro *Espiritismo e Educação*. Nesta proposta, o trabalho de evangelização enfatiza o processo de autodescobrimento na exploração do conhecimento espírita por dois ângulos, o primeiro no conceito da encarnação do espírito perguntando-se “para que” encarnamos, e o segundo no conceito da reencarnação perguntando-se “por que” reencarnamos.

Na primeira proposta, almejamos o entendimento do ‘para que’ encarnar, mas não se trata de entender a primeira encarnação do Espírito, e sim em descobrir a prioridade da encarnação presente e seus objetivos para o futuro, no que se refere ao trabalho de evolução moral através do “aflorescimento das perfeições que jazem no acervo potencial do espírito de cada encarnado” (Lobo 1995, 22), ou seja, o trabalho de despertar as perfeições latentes do Espírito, fazendo desenvolver características da perfectibilidade. Neste aspecto, a evangelização auxilia o ser em desenvol-

vimento a entender o seu potencial e a sua característica como Espírito eterno, criado por Deus, fadado à perfeição e à felicidade plenas, a compreender que “Deus impõe a encarnação aos Espíritos com o fim de fazê-los chegar à perfeição” (Kardec 2011, 123). Assumindo este compromisso consigo mesmo, o ser trabalha o seu potencial anímico, na emergência de todos os potenciais que Deus depositou em seu Espírito, buscando o seu melhoramento diário. Aqui, o jovem e a criança adquirem conhecimento e aceitação de serem um Espírito imortal em processo de evolução, capaz de desenvolver qualidades e aptidões, de criar seu futuro e de atingir metas, e mais importante, esses propósitos são objetivados dentro de uma perspectiva moral cristã que nos direciona sempre para o caminho do bem.

Na segunda proposta, trabalhamos as indagações que nos levam a responder ‘por que’ reencarnamos, aprendendo sobre a lei de Causa e Efeito e Justiça Divina, adquirindo melhor entendimento e aceitação do passado projetado no presente. Neste roteiro, não se trata de trabalhar os potenciais intrínsecos do ser, mas sim de fazer o trabalho de aceitação dos infortúnios ou limitações atualmente presentes, como consequência de desvios pretéritos, estimulando o ser a assumir um comportamento de responsabilidade e predisposição à reparação desses equívocos, aprendendo que “todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser.” (Xavier 1997, 254)

Nessa visão, o ser encontra a motivação e a coragem para trabalhar as dificuldades e não desanimar diante dos empecilhos ou dos muitos embates que a vida inevitavelmente apresenta, promovendo a interiorização de uma consciência de responsabilidade e não de vitimização, e despertando os sentimentos de autonomia e controle, juntamente com assentimento e resignação. As dificuldades se transformam em oportunidades, pois compreende que “a reencarnação é a volta do Espírito à vida corpórea” (Kardec 2003, 91) tantas vezes quantas se tornem necessárias para o autoburilamento, libertando-se das paixões e adquirindo experiências superiores. Trabalhando esses dois ângulos, o de desenvolver potenciais latentes e o de corrigir equívocos pretéritos, o ser eterno pode crescer de maneira sinérgica, potencializando a sua capacidade individual. Desta forma, o Espírito imortal cria o esforço íntimo de autopromoção, e esse processo educativo nada mais é que o trabalho de Reforma Íntima, já citado como sendo o caminho mais seguro e veloz para o melhoramento espiritual, já que a “criança que se evangeliza é adulto que se levanta no rumo da felicidade porvindoura.” (Dusi 2015, 123)

Desta forma a evangelização espírita tem um papel importante, não só com os jovens e as crianças, mas principalmente com a família, auxiliando-a a melhor compreender o seu papel perante o ser imortal, sem o qual fica incerto um trabalho de maior sucesso. Veja que “nasce a criança trazendo consigo o patrimônio moral que lhe marca a individualidade antes do renascimento no plano físico; no entanto, receberá os reflexos dos pais e dos mestres que

lhe imprimirão à nova chapa cerebral as imagens que, em muitas ocasiões, lhe influenciarão a existência inteira.” (Xavier 2008, 34) Isso faz com que no trabalho de evangelização seja imprescindível a participação atuante da família, e o trabalho com as crianças e os jovens se torna um trabalho em conjunto já que “os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes uma tarefa.” (Kardec 2011, 160) Nesse intercâmbio, a evangelização também deve se comprometer em apoiar o lar e seus familiares, os ajudando a desenvolver uma visão espiritual, já que “a constituição de uma família não é resultado de acidente biológico, mas de uma programação que lhe precede a estrutura física e social” (Franco 2000, 89) e no lar experienciamos dificuldades e sofrimentos que são desafios muitas vezes difíceis de serem compreendidos, vivenciados e principalmente superados.

A família em si tem uma função predominantemente moralizadora, pois “quase sempre, o espírito se encontrará numa família com a finalidade de trabalhar pela sua própria purificação” (Xavier 2004, 145) e o Espiritismo veio nos trazer uma compreensão mais profunda desses ensinamentos que nos possibilitam uma visão ampliada dos acontecimentos em nossas vidas. Podemos assim ter uma visão que vai além do ponto de vista atual, materialista, para uma visão espiritual e reencarnacionista, e entender que “na interdependência existente entre os membros da família, envolvendo pais e filhos, marido e mulher, irmãos e irmãs, opera-se um fenômeno prodigioso: aprendemos a conjugar o verbo de nossa ação não mais na primeira pessoa do singular



**O Espírito imortal
cria o esforço íntimo
de autopromoção,
e esse processo
educativo nada mais é
que o trabalho de
Reforma Íntima**

“

Educa e
transformarás a
irracionalidade
em inteligência,
a inteligência
em humanidade
e a humanidade
em angelitude

(eu); usamos a primeira pessoa do plural (nós)." (Simonetti 1993, 76) Dessa forma o Espiritismo estabelece as bases de uma fé raciocinada que acaba com o materialismo através da fé no futuro. E o trabalho da evangelização espírita possibilita o entendimento desses conceitos, com o que as famílias podem fortalecer o seu discernimento, aplicando uma lei de justiça e amor que as orienta, e assim desenvolvendo maior segurança em suas decisões, no trabalho cotidiano de guiar seu lar.

Vemos que "se o Espiritismo deve, assim como está anunciado, ocasionar a transformação da Humanidade, isso não pode ocorrer senão pelo melhoramento das massas, a qual não chegará, gradualmente e pouco a pouco, senão pelo melhoramento dos indivíduos". (Kardec 2003, 442) Desta forma vemos que o Espiritismo é ferramenta valiosa que nos oferece um mapa para a conquista de uma vivência verdadeiramente feliz e criadora de um futuro melhor, e essa ferramenta nos mostra inequivocamente que "é pela educação mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade." (Kardec 1998, 384) Dessa forma, faz-se proposta de emergência, não só a implementação do trabalho de evangelização infanto-juvenil, mas também o trabalho de sua divulgação e melhor compreensão, para que esta possa atingir seus objetivos de alcançar não só os jovens e as crianças, mas as famílias, trabalhando unidos para um futuro melhor.

Reconhecemos o valor e a importância das palavras, das estratégias, da

tecnologia e dos recursos que servem para nos manter em dia com o mundo e criar um ambiente educacional apropriado e estimulador, mas não em detrimento de enfatizar o aspecto moralizador da filosofia espírita, buscando melhor enxergar o ser espiritual eterno e perfectível, inspirando consolo, auto-amor, perdão e fé no futuro, para que tenhamos resistência moral para enfrentar com dignidade as provas de crescimento e correção que a vida física nos apresentará. Sem o aprofundamento dos conceitos que transformam e fazem o ser crescer e ter esperança, entendendo o seu estado de ser eterno, qualquer recurso, por mais didático e moderno, resultaria improfícuo, pois não atingiria a necessidade real do Espírito. Que busquemos viver no mundo, sabendo que estamos nele mas não somos dele e assim buscando, cada dia mais, deixar penetrar os ensinamentos de Jesus Cristo, a exemplo de Paulo de Tarso, quando afirmou que "já não sou eu que vivo, é o Cristo que vive em mim." (Gálatas 2:20).

Que possamos a partir dessas reflexões, quando pensarmos na evangelização infanto-juvenil, reconhecer o seu potencial incomparável de ocasionar a felicidade e o crescimento espiritual do ser eterno, lembrando das palavras de Emmanuel quando disse "educa e transformarás a irracionalidade em inteligência, a inteligência em humanidade e a humanidade em angelitude" (Xavier 1996, 40) trabalhando e advogando pela evangelização infanto-juvenil para que possamos fazer a nossa parte no trabalho de criar um mundo melhor!

Bibliografia

DUSI, Miriam (coord.). 2015. *Sublime Sementeira*. Brasília: FEB.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 2000. *Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda*. Salvador: LEAL.

KARDEC, Allan. 2000. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2003. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2011. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan, 2003. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 1998. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB.

LOBO, Ney. 1995. *Espiritismo e Educação*. Vitória: FESPE.

SIMONETTI, Richard. 1993. *A Constituição Divina*. Bauru-SP: Gráfica São João Ltda.

VINÍCIUS. 1997. *O Mestre na Educação*. Rio de Janeiro: FEB.

VINÍCIUS. 1995. *Nas pegadas do Mestre*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito), 1997. *Ação e Reação*. Rio de Janeiro: FEB.

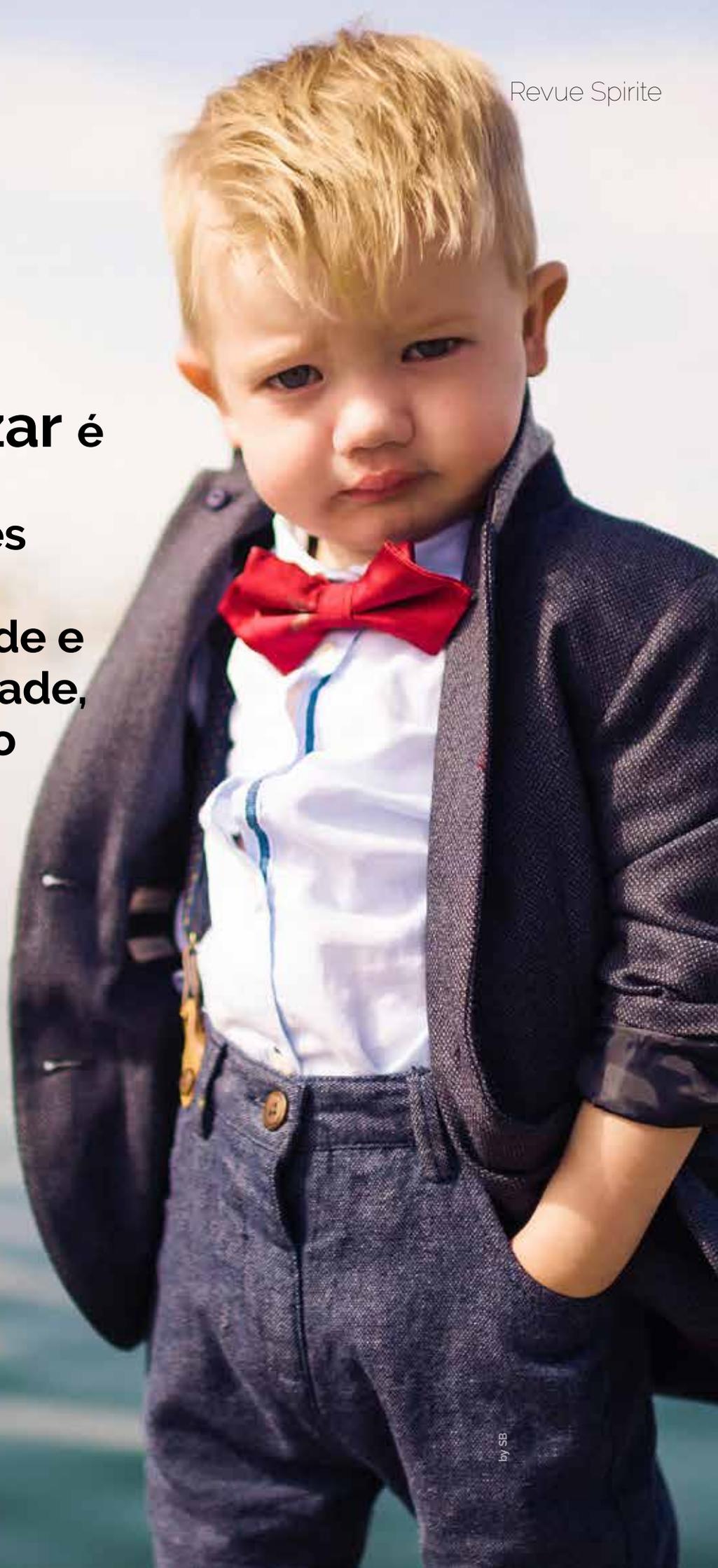
XAVIER, Francisco C. (Espíritos Diversos). 2004. *Entre Irmãos de Outras Terras*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1996. *Fonte Viva*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2008. *Pensamento e Vida*. Rio de Janeiro: FEB.

“

**Evangelizar é
priorizar as
necessidades
do Espírito,
de moralidade e
perfectibilidade,
nos tornando
pessoas de
bem**





Palestras Familiars de Além-túmulo **Hoje**

A pencil and a pen resting on a notebook. The pencil is sharpened and has a wooden body. The pen is silver and has a textured grip. The notebook has a brown cover and a white page.

Carta aos

Médiuns

Mensagem psicofônica recebida em reunião privativa do Grupo Espírita Bezerra de Menezes, na cidade de Goiânia (GO), Brasil

Médium **Jacobson Sant'Ana Trovão**

Espírito **Oswaldo Melo**



“ era esperado, que quando o Espiritismo se difundisse, os embates, as contrariedades surgissem com maior evidência, pois, quando o bem cresce incomoda aqueles que são os inimigos do progresso humano

Que as bênçãos do Pai Celestial estejam em nossos corações.

Irmãos e amigos, seareiros da mediunidade cristã, é premente que a mensagem do Cristo pela ótica do Espiritismo atinja, com a maior fidelidade e simplicidade possível, todos os corações. Premente para nos referirmos às vossas responsabilidades pessoais, pois, conquanto aqueles que vieram antes de vós deram a cota de contribuição que a eles cabia na propagação da Doutrina Bendita, compete aos seareiros de agora dar continuidade à sementeira do Evangelho, daí encarecemos a vós outros, porque agora é o vosso momento de contribuir com a tarefa que em verdade é do Cristo de Deus.

Médiuns que sois, segui com prudência, mas com destemor, com humildade, mas com firmeza de propósitos, buscando a harmonia, mas evitando concessões perigosas. Sois os intérpretes na atualidade das vozes imortais, que em verdade, nunca se calaram.

É natural, e era esperado, que quando o Espiritismo se difundisse, os embates, as contrariedades surgissem com maior evidência, pois quando o bem cresce incomoda aqueles que são os inimigos do progresso humano.

Vós estais postos num enfrentamento contra as trevas permanentemente, no entanto, que vossas armas sejam a perseverança, paciente e compreensiva, o conhecimento sem vaidade, o trabalho sem tréguas, fugindo das disputas por destaque, dos falatórios improdutivos, para que a luz que foi acesa nos vossos caminhos e nos vossos corações não se apague.

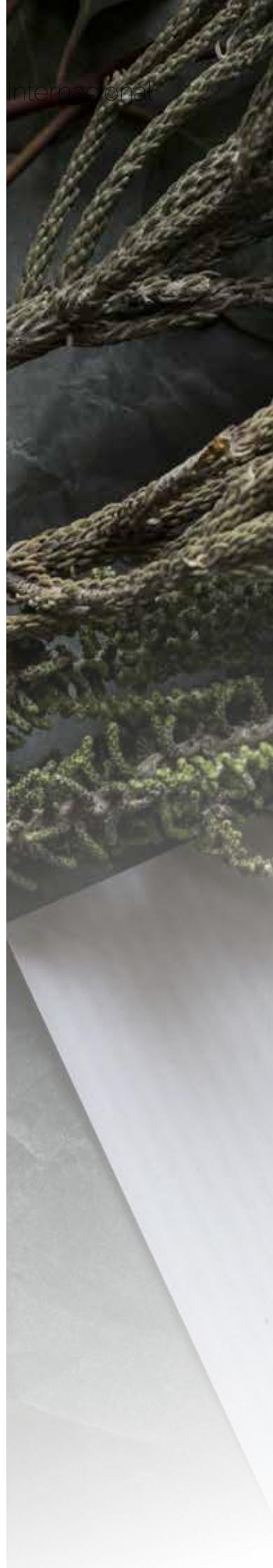
O Espiritismo ainda sofrerá grandes críticas.

O movimento de unidade ainda sofrerá tremenda incompreensão.

Contudo, a vós outros, cumpre tudo superar no silêncio da oração, com a certeza de que cumprem em vossos caminhos o compromisso anteriormente assumido. Esse esforço que se vos pede na propaganda do Evangelho pela mediunidade sublimada, não está além de vossas possibilidades. Então, segui avante! Estamos juntos, os vivos na carne e os vivos em Espírito. O Pai Celestial está conosco.

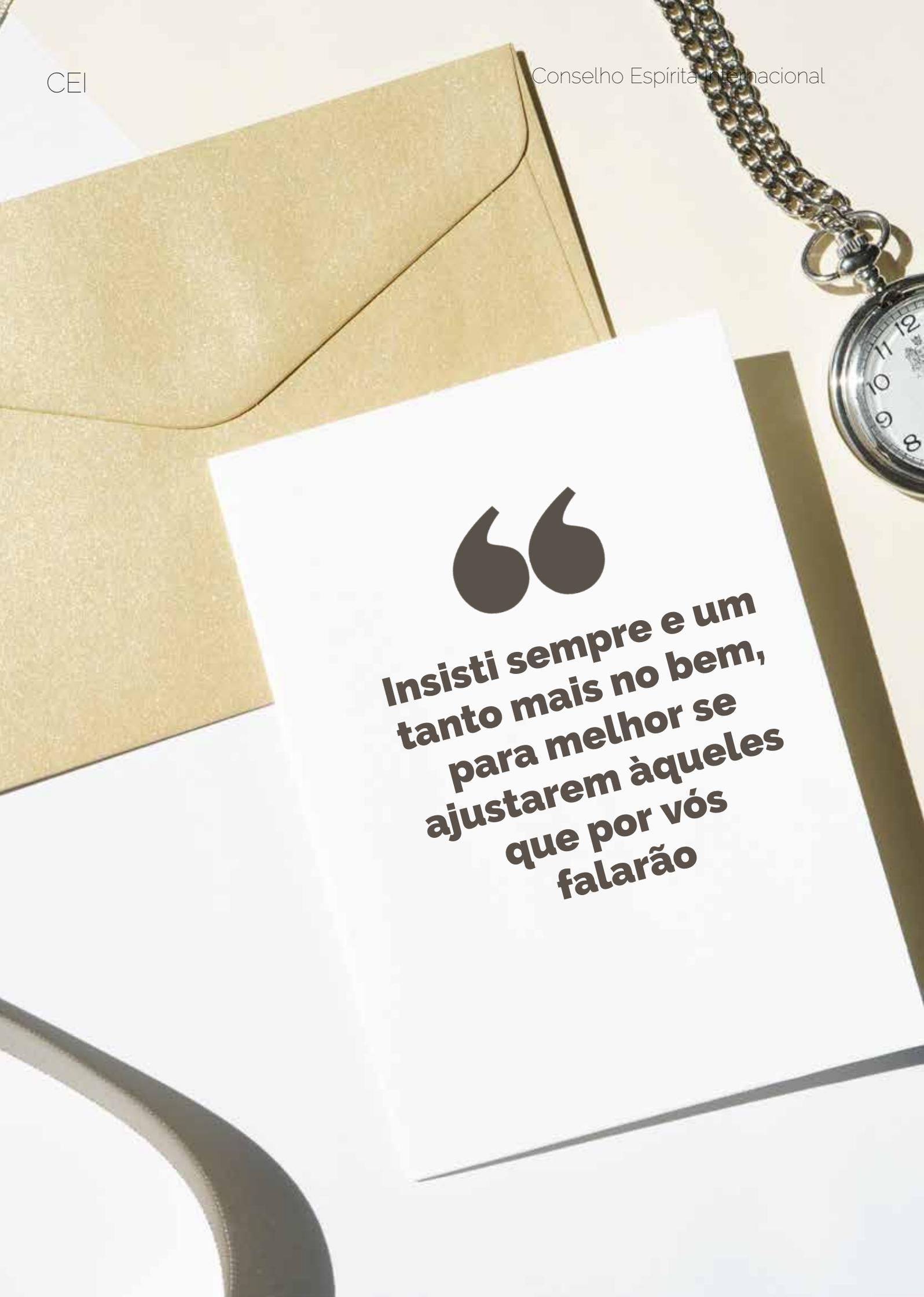
Meus irmãos e minhas irmãs, meditai sobre o vosso papel de intermediários anônimos e diligentes, nesse instante ímpar que a humanidade atravessa. Agradecei a Deus a oportunidade de servir, trabalhadores da hora derradeira. Insisti sempre e um tanto mais no bem, para melhor se ajustarem àqueles que por vós falarão.

Esse o desejo do vosso irmão, Osvaldo de Melo.¹





“ que vossas armas sejam a perseverança, paciente e compreensiva, o conhecimento sem vaidade, o trabalho sem tréguas, fugindo das disputas por destaque, dos falatórios improdutivos, para que a luz que foi acesa nos vossos caminhos e nos vossos corações não se apague

A photograph of a white card with a quote, a brown envelope, and a pocket watch. The card is the central focus, featuring a large black quotation mark icon at the top. Below it, the text is written in a bold, black, sans-serif font. The card is placed on a light-colored surface. To the left, a brown envelope is partially visible. To the right, a silver pocket watch with a chain is shown, its face partially visible. The lighting is soft, creating gentle shadows.

**Insisti sempre e um
tanto mais no bem,
para melhor se
ajustarem àqueles
que por vós
falarão**

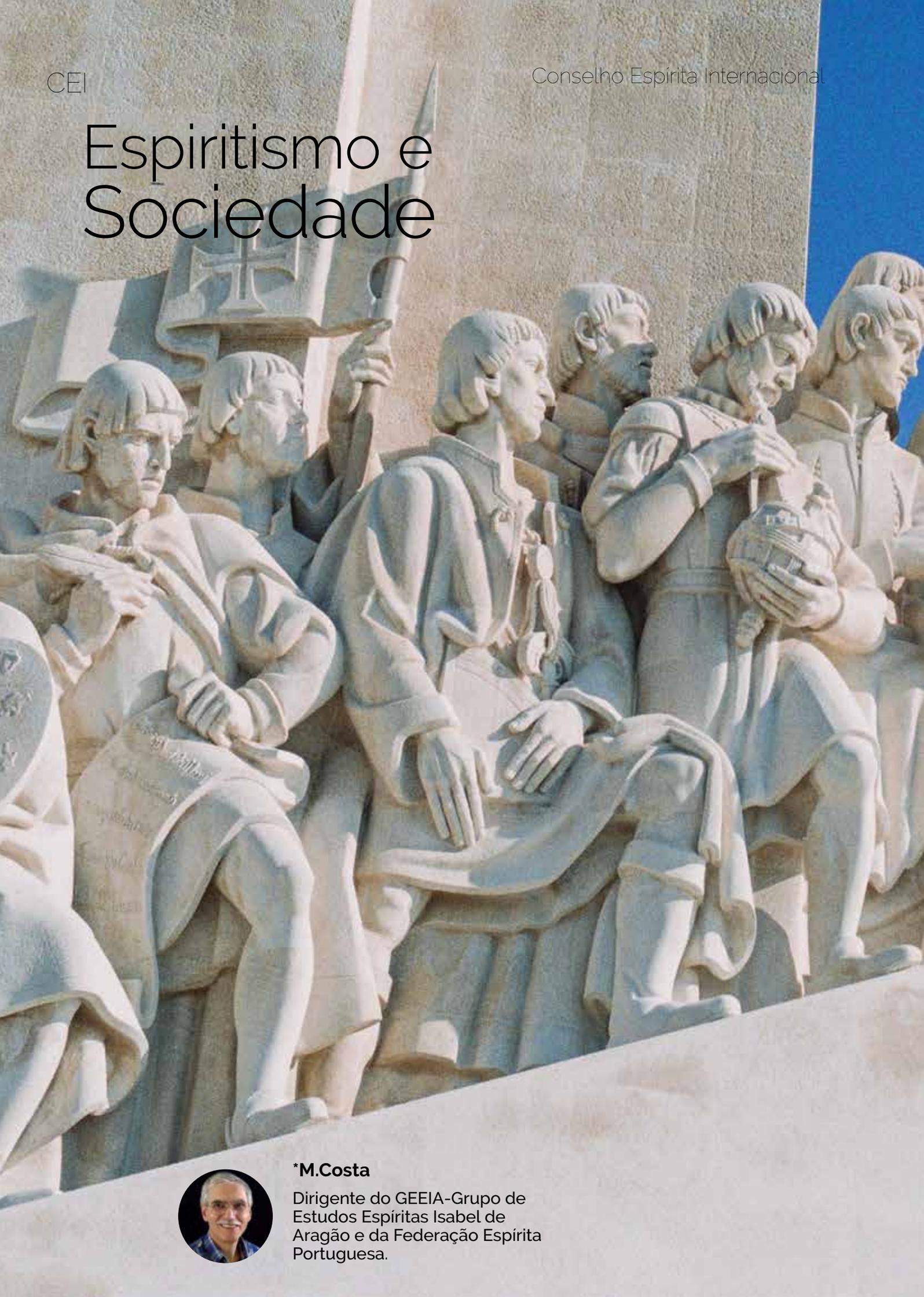


¹ **Luís Osvaldo Ferreira de Melo** (1893/1970) foi o fundador da Federação Espírita Catarinense em 24 de abril de 1945, na sede do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo, em Florianópolis, Santa Catarina (BR) e Secretário que lavrou a ata do Pacto Áureo da FEB, sendo um de seus signatários. Durante sua existência sempre assinou seus escritos como Osvaldo Melo e não Osvaldo de Melo. No entanto, o nome completo do comunicante era desconhecido do médium. O aparente "erro" no nome leva à compreensão de que o médium não se influenciou pelo nome popular da entidade por demais conhecida no Movimento Espírita Brasileiro, que poderia estar em seu subconsciente. Ao escrever seu nome original, a entidade deu a confirmação de quem realmente era, para se afastar de possíveis alegações de mistificação inconsciente.

² O autor espiritual fala da contribuição do médium na propagação da Doutrina Espírita e dos esforços que deve empreender para perseverar no trabalho do bem.

³ A mensagem foi recebida na antevéspera de um encontro de trabalhadores da Federação Espírita Catarinense, em 2016, agora revisada pelo autor espiritual.

Espiritismo e Sociedade



***M.Costa**

Dirigente do GEEIA-Grupo de
Estudos Espíritas Isabel de
Aragão e da Federação Espírita
Portuguesa.

M. COSTA*



Espiritismo em Portugal



Resumo

Depois de ter sido confrontada a partir de 1840 com o magnetismo de Mesmer, eis que a sociedade portuguesa se vê envolvida, a partir de 1853, com o fenómeno das mesas girantes. Após as primeiras experiências, percebeu-se que a vida continua e é possível a comunicação entre os dois mundos. Vislumbrando os novos horizontes criados pela filosofia nascente, estudam-se as leis que estão na origem dos fenómenos e unem-se esforços no sentido de se criar um movimento associativo organizado. Criam-se as primeiras Associações e Centros. Prolifera a publicação de periódicos doutrinários. Funda-se a Federação onde Centros e Associações se podem congregam e fomentam-se relações com as congéneres internacionais. Embora travado esse progresso num período de contenção política, eis que duas décadas depois ressurgiu com todo o vigor o Movimento que tem como finalidade implantar a Doutrina Espírita no seio dos homens, cabendo à Federação Espírita Portuguesa o grato papel de unificação e divulgação.



Palavras-chave Espiritismo, Movimento Espírita, Portugal, Federação Espírita Portuguesa, História.



Dr. Manuel José de Arriaga

1. José Maria Latino Coelho foi Eng.º Militar, escritor, jornalista e político.

2. José Vicente Barbosa do Bocage foi um zoólogo e político

3. António Bernardo da Costa Cabral foi Grão-Mestre da Maçonaria e político português, nomeado 1º Conde de Tomar em 1845 pela Rainha D. Maria II de Portugal.

Os fenómenos mediúnicos são tão antigos como a própria humanidade, e encontramos-os presentes em todos os tempos e em todas as culturas. No entanto, assume-se nos meios espíritas, que o marco inicial do espiritualismo moderno é o dia 31 de março de 1848. Foi na noite desse dia que a jovem Kate Fox desafiou a força invisível, que provocava “raps” (pancadas secas) em sua casa, a repetir as batidas que ela dava com os dedos, ao que foi de imediato atendida. Embora tenham ocorrido em lugares e datas diversas muitos casos esporádicos de fenómenos mediúnicos, é nesta data que ocorre a primeira manifestação pública de “diálogo” com os Espíritos.

Pouco tempo depois, em fins de 1850, os próprios Espíritos indicaram nova maneira de comunicação. Bastava simplesmente que os participantes se colocassem ao redor de uma mesa, em cima da qual poriam as mãos. Levantando um dos seus pés, a mesa daria (enquanto se recitava o alfabeto) uma pancada toda a vez que fosse proferida a letra que servisse ao Espírito para formar as palavras. Este processo, ainda que muito lento, produziu resultados excelentes, e assim se chegou às mesas girantes e falantes. Rapidamente, nasce uma onda de manifestações

espíritas espontâneas e provocadas, que se espalhou inicialmente pelos Estados Unidos da América, e pouco depois chegava às demais Américas e à Europa.

Em 1853 o fenómeno das mesas girantes já tinha chegado a Portugal. São vários os periódicos que relatam as experiências a que se dedicavam pessoas das mais diversas classes sociais, entre os quais se encontravam homens ilustres como José Maria Latino Coelho¹, José Vicente Barbosa do Bocage², e muitos outros académicos, deputados e pares do reino. Porém, analisando uma descrição das experiências levadas a cabo pelo próprio Barbosa do Bocage, publicada na *Revista Universal Lisbonense* de 19 de maio de 1853, percebe-se claramente que, pelo menos no início, não se cogitava que os Espíritos, aproveitando-se da mediunidade de alguns, eram a causa dos fenómenos observados.

Não temos, ainda, dados concretos de quanto tempo a causa do fenómeno foi desconhecida. Mas analisando um artigo publicado na revista *Ilustração Portuguesa* do primeiro semestre de 1906, com o título "O Espiritismo em Portugal", o articulista dá-nos conta que a primeira sessão mediúnica foi levada a cabo no



José Maria Latino Coelho



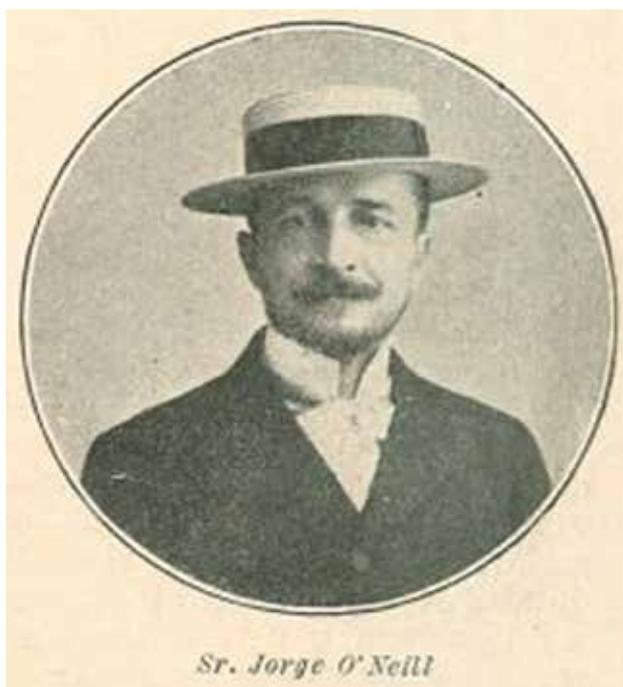
José Vicente Barbosa do Bocage



D. António Pessanha



Maria Falcão

*Sr. Jorge O'Neill*

ano de 1860 pelo conde de Tomar³, no Palácio do Poço Novo em Lisboa. Nesse período, já se interrogavam os Espíritos, que se manifestavam de tal forma que era possível vê-los e até tocar-lhes. Alguns anos depois, chegou a ser criado um clube que foi presidido por D. António Pessanha⁴, e cujos sócios a dado tempo se dividiram em duas correntes distintas. Uma liderada por D. António Pessanha, que foi uma espécie de Patriarca do ocultismo, mais voltado para os trabalhos de culto caracteristicamente espíritas, e, a outra, pelo Eng. Ângelo de Sárrea Prado⁵, homem muito culto e talentoso que defendia um espiritismo mais científico, e que dirigia com verdadeiro brilho os trabalhos magnéticos. Numa das paredes da sala desse clube estava emoldurada uma carta que tinha sido autografada e enviada por William Crookes a D. António Pessanha, na qual aquele investigador falava da fotografia espírita de Katie King que, entretanto, se tornara um dos Espíritos familiares do clube.

Foram notáveis as experiências conseguidas com o médium de incorporação e psicógrafo Alberto Pessolo, tais como outras posteriormente obtidas com uma jovem que, sendo franzina, passou a receber a atenção de D. António, que durante as sessões lhe sugeria atitudes comportamentais com vista a melhorar a sua postura, e, isso permitiu que a jovem franzina se transformasse numa formosa senhora que se tornou atriz, e que ficou conhecida como Maria Falcão⁶. Com esta e outros médiuns,

alguns vindos do estrangeiro, assim continuaram as sessões e experiências mediúnicas que tiveram como palco, por algum tempo, o Teatro D. Maria II, em Lisboa. Numa dessas reuniões, realizada em 11 de fevereiro de 1882 e presidida por D. António Pessanha, o Espírito de D. Sebastião⁷ apresentou-se e revelou que seria implantada a República em Portugal e que o seu primeiro presidente seria o Dr. Manuel de Arriaga, o que de facto aconteceu vinte e nove anos depois. Este facto, muito curioso e improvável, dado que à época o Dr. Manuel de Arriaga era monárquico e nada fazia prever que viesse a defender a república, foi publicado em vários jornais da época tais como: *O Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, e, mais tarde, lembrado em jornais diários como é o caso de *A Capital* de 04 de outubro de 1913.

Mas se é certo que, quer o Eng. Sárrea Prado, quer D. António Pessanha ensaiaram e conseguiram bons resultados de valor científico e até de cura, também não deixa de ser verdade que os assistentes, embora quase sempre pessoas de cultura, bem colocados na sociedade de então, não levavam as sessões muito a sério, vendo nelas acima de tudo um foco de distração.

Entretanto, em janeiro de 1879, tinha sido publicada em Ponta Delgada - Açores, a revista semanal *A Aurora D'Além Túmulo*, sendo seu administrador e proprietário, Manuel Maria da Câmara. Terá sido a primeira publicação periódica espírita em território português.



Madalena Frondoni Lacombe



4. D. António Pessanha foi presidente de um clube onde se realizavam experiências mediúnicas

5. Ângelo Sárrea de Sousa Prado foi Eng. Civil de primeira classe do Ministério de Obras Públicas.

6. Maria Falcão foi atriz e médium

7. D. Sebastião foi o Rei Sebastião I de Portugal.



Fernando de Lacerda



Dr. Gilberto Marques



Dr. Sousa Couto

Em 1888 realiza-se em Barcelona o Primeiro Congresso Espírita Internacional, e, em 1889, realiza-se em Paris o Segundo Congresso Espírita e Espiritualista Internacional.

As notícias destes Congressos, chegadas a Portugal, agitaram as massas. Pouco tempo depois começam as experiências mais sérias com a entrada em cena do Sr. Jorge O'Neill, uma figura das mais influentes da época. Além de amigo pessoal do Rei D. Carlos, foi um dos Administradores do Banco de Portugal, era Cavaleiro da Soberana Ordem Militar de Malta e também Cavaleiro de outras Ordens. Foi neste período que Madalena Frondoni Lacombe, uma ilustre e talentosa senhora, filha do Maestro Italiano Frondoni, viajando a Itália, contacta com a grande médium Eusápia Paladino e no regresso dedica-se à investigação mediúnica.

Em 1896, surge no Porto a Revista Espírita do Porto, que era orientada pelo médium curador Claudino Neto. No fascículo 2 dessa revista, foi publicada uma notícia com o título Médium Extraordinário, onde se informa que um redator do jornal Novidades, de Lisboa, estando em Paris, foi convidado pelo escritor brasileiro Eduardo Prado a assistir a uma sessão Espírita, na qual estava presente aquele que viria a ser o grande escritor Eça de Queiroz, que ainda descrente, passaria a acreditar na imortalidade da alma, face ao que observou nessa e em outras reuniões a que assistiu posteriormente em sua própria casa, em Paris, onde estava estudando.

A partir do final do Século XIX e passagem para o Século XX, as sessões ganham contornos ainda mais sérios. Aparecem alguns dos

grandes vultos do Movimento Espírita português que já tinham objetivos mais amplos, reconhecendo na nova Doutrina um campo imenso de trabalho com vista ao benefício individual e coletivo. Entre eles se encontravam o grande homem e médium Fernando de Lacerda (06/08/1865 - 06/08/1918), o Dr. Sousa Couto (16/03/1855 -?) e o Dr. Gilberto Marques (?-?).

Fernando de Lacerda também fez parte das primeiras experiências e sessões mediúnicas. No início do Século XX, começa a receber enriquecedoras mensagens dos Espíritos que foram os expoentes da literatura portuguesa, e também de outros Espíritos que são expoentes da humanidade, como o próprio Allan Kardec, Teresa de Jesus e Teresa de Ávila. Essas mensagens foram publicadas em quatro volumes, com o título *Do País da Luz*. Com a implantação da República, Fernando de Lacerda, que era monárquico, teve de exilar-se no Brasil onde continuou a receber mensagens mediúnicas que ia publicando em diversos periódicos brasileiros, e que mais tarde foram resgatadas e compiladas pela pesquisadora portuguesa Manuela de Vasconcelos, e publicadas em livro com o título *Mistérios de Além-Túmulo*⁸.

O Dr. Sousa Couto iniciou as suas atividades espíritas em 1898, e, em 1900 foi representar Portugal no Congresso Espírita de Paris, para, seguidamente, no regresso a Portugal, se lançar ardorosamente na propaganda do Espiritismo, estudando e divulgando os seus fenómenos. Em 1905 fundou a revista mensal *Estu-*

dos Psychicos que publicou até maio de 1909. Torna-se grande amigo de Fernando de Lacerda e publica na sua revista um longo estudo sobre a extraordinária mediunidade de Lacerda.

Em 22 de Janeiro de 1903, o jornal O Mundo, sob a pena do articulista "Ameri", tinha iniciado um minicurso sobre Espiritismo, no qual eram referidos Allan Kardec, Gabriel Delanne e outros.

Em 1906 chega a Lisboa, vinda do Rio de Janeiro, uma médium italiana que foi apresentada a um grupo de espíritas entre os quais se encontravam Fernando de Lacerda e o Dr. Sousa Couto. Como ninguém entendia a língua italiana, lembraram-se de chamar Madalena Frondoni Lacombe para servir de intérprete. Ficou-se assim a saber que esta médium recebera uma mensagem do Espírito Víctor Emanuel II de Itália, na qual este lhe pedia para falar à sua filha, D. Maria Pia, prevenindo-a do iminente perigo em que estava o Rei D. Carlos I de Portugal (filho de D. Maria Pia e do Rei D. Luís I de Portugal). Mas até então ainda não tinha conseguido entrar no palácio e como ninguém acreditava que o Rei pudesse estar em perigo, não deram grande valor a esta médium. Mais tarde, Fernando de Lacerda, que era na época Inspetor da Polícia de Costumes e tinha fácil acesso ao Palácio Real, ali terá dado notícias da mensagem trazida pela médium, mas, aparentemente ninguém terá valorizado o conteúdo de tal mensagem e o desfecho foi o que se constatou no dia 01 de fevereiro de 1908, e que resultou no regicídio.

8. Livro editado pela Federação Espírita Portuguesa, em 2014.

Pouco Depois, Gilberto Marques⁹, no início de 1910, na ânsia de conhecerem os mistérios das ciências psíquicas, passou a reunir-se, mais um grupo de estudantes seus amigos à volta de uma mesa de pé de galo.

Durante longo tempo, embora perseverantes, nada conseguiram, até que ao fim de oito longos meses, a mesa principiou a mexer-se com extrema agilidade, para lhes anunciar que não necessitavam dela para comunicar com o Além, porque quase todos eles eram médiuns escreventes. Experimentaram. Assim era!

Gilberto Marques desenvolveu a mediunidade de psicografia intuitiva, mas uma nova surpresa lhes estava reservada. O sócio do grupo, em casa de quem se reuniam, adoeceu gravemente, o que os impossibilitava de continuarem a reunir-se. Mas os seus guias prontamente solucionaram a dificuldade. Disseram-lhes que passassem a reunir ao ar livre, em plena rua. E assim fizeram. Num banco do jardim de Campo de Ourique, em Lisboa, sentavam-se os médiuns. Os restantes, de pé, formavam um círculo à sua volta... e assim se realizavam as sessões. Os guias submetiam-nos a um treino moral, que era quotidiano. Provas várias lhes eram dadas para desenvolverem as suas qualidades morais. Algum tempo depois, este pequeno grupo espírita, com sede num banco de jardim e com sessões ao ar livre, no primeiro dia de janeiro de 1911, instalava-se em sede própria e criava um modesto Instituto com vista ao estudo do Espiritismo, que pouco tempo depois se desmembraria. Na ânsia de mais aprender, em 1913 Gilberto Marques vai para o estrangeiro e conclui o Curso de Hipno-Magnetismo e Psi-

coterapia do «New-York Institute of Science» e outro curso similar do «National Institute of Science» de Londres. De regresso a Lisboa, conclui o Curso Superior do Comércio. Devido aos seus esforços e contactos em França, é nomeado Delegado do Bureau du Spiritisme International em 5 de Julho de 1911, colocando, assim, Portugal no mapa da vida espírita internacional.

Entretanto, o Bureau Internacional principiava a preparar o 2.º Congresso Espírita Universal, a realizar em Genebra, de 9 a 13 de Maio de 1913. Era necessário que Portugal tivesse uma Associação nacional, exclusivamente Espírita. Mas como a designação de «espiritismo», naquela época em Portugal, era qualquer coisa equivalente a «idiotismo» ou pior, «charlatanismo», Gilberto Marques reúne alguns elementos espíritas e funda em Lisboa, em 27 de Janeiro de 1912 a Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa. Chamava-lhe a Federação dos Espíritas Portugueses - e ali eram realizados os estudos e a prática do Espiritismo. No dia 1º de Março de 1913, fazia aparecer o primeiro número da Novos Horizontes, quinzenário espírita. O Movimento Espírita em Portugal, entrava numa fase nova. Graças às démarches do Dr. Gilberto Marques, Portugal fez-se representar pela primeira vez num Congresso Espírita Internacional. De 09 a 13 de Maio de 1913, estiveram, então, presentes no II Congresso Espírita Internacional de Genebra, os seguintes Centros: Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa; Instituto Internacional de Psicologia e também o Centro Espírita Amor e Caridade, da ilha de S. Vicente, Cabo Verde.

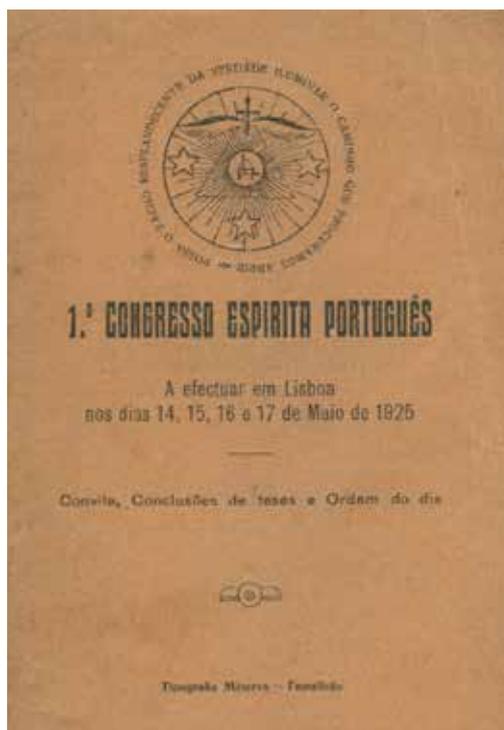
^{09.} O Dr. Gilberto Sousa Marques é considerado um dos pioneiros da implantação do Espiritismo em Portugal.

Com a chegada da I Grande Guerra, as atividades desenvolvidas por Gilberto Marques e seus companheiros foram suspensas, bem como a revista *Novos Horizontes*. Em meados de 1919, o Dr. Gilberto Marques embarcava para os Estados Unidos da América.

Entretanto, começam a proliferar os Centros Espíritas. Fora fundado em 1913 o já referido Centro Espírita Amor e Caridade em S. Vicente – Cabo Verde; em 1916 foi fundada a Empresa Literária Luz e Caridade, em Braga, a primeira a comercializar livros espíritas, uns de edição própria, outros importados do Brasil e, em 1917 é fundado o Centro Espírita Luz e Caridade, também em Braga. Mas é no Algarve que o Espiritismo terá tido maior expansão.

Em 09 de Maio de 1917 foi fundada a Federação dos Espíritas Portugueses, mas o seu funcionamento foi interrompido logo em 19 de Junho do mesmo ano.

Finalmente realiza-se no Ateneu Comercial de Lisboa de 14 a 17 de Maio de 1925, o Primeiro Congresso Espírita Português, que foi largamente publicitado em diversos jornais diários profanos, bem como em outras publicações. Várias individualidades da sociedade portuguesa deram o seu contributo para que este Congresso se realizasse. Lembramos aqui apenas alguns dos nomes mais sonantes, tais como: Viriato Zeferino Passaláqua (general); Acácio Martins Velho (advogado e escritor); António Joaquim Freire (médico e escritor); João José da Silva (magistrado); Leonardo Coimbra (filósofo, professor e político); Amélia Cardia (médica e escrito-



Dr. António Freire



General Passaláqua



Maria O'Neil



Horácio Inglês Tavares



António Lobo Vilela



Amélia Cardia

ra); Adolfo Sena (docente da Faculdade de Ciências de Lisboa); Maria Veleda (professora, jornalista, tradutora, feminista e ativista republicana); Maria O'Neill (docente da Faculdade de Ciências de Lisboa); Pedro Cardia (jornalista); António Lobo Vilela (matemático e escritor); Artur Sangreman Henriques (major); João Catanho de Menezes (advogado e político).

Embora tenha existido uma Federação Espírita, neste Congresso optaram por criar uma nova e, assim, foi criada uma Comissão, cujo objectivo tinha como base a criação da nova Federação.

A 24 de Maio de 1925, seis dias depois de ter terminado o 1.º Congresso Espírita Português, realizou-se a primeira reunião da Comissão Pró-Federação. Nesta reunião o Dr. António Freire propôs a criação de uma Comissão para redação dos Estatutos da FEP, constituída por: General Pásaláqua, Prof. Dr. Adolfo Sena, Capitão Eurico de Castro Zuzarte e Professor Horácio Inglês Tavares, proposta que foi aprovada por unanimidade, sendo também agregado a essa Comissão o Dr. António Freire.

A Federação Espírita Portuguesa ficou oficialmente constituída, tendo sido os seus Estatutos entregues no Governo Civil de Lisboa em Setembro de 1925 e por este órgão aprovados legalmente em 26 de Maio de 1926.

Em Julho de 1926, o Dr. António Freire conseguiu obter uma modesta sala no velho palácio da Murça, na Travessa de André Valente, N.º 7 – 1.º, em Lisboa. Ali foi inaugurada a primeira sede da Federação, no dia 31 desse mesmo mês. Nesse ato solene estiveram presentes 300 pessoas.

A Federação, no início de seu exercício, criou como seu órgão noticioso oficial a Revista de Espiritismo, iniciada em janeiro de 1927 e com uma periodicidade bimestral, tendo sido publicada entre 1927 e 1938. Em 1928 foi criado o Mensageiro Espírita, também bimestral, alternando com a publicação anterior. Ainda em 1927, a Federação Espírita Internacional convidou a Federação Espírita Portuguesa a aderir a esta instituição internacional, e elegeu a Revista de Espiritismo para seu órgão de divulgação em Portugal. Entretanto, são criadas Comissões Federativas em várias cidades do país, que passam a colaborar regularmente com a FEP, divulgando a Doutrina e angariando fundos e sócios.

Mas as instalações da FEP eram demasiado exíguas e era necessário arranjar outra sede. Graças ao valioso auxílio da Senhora D. Maria O'Neill¹⁰, a FEP transitou, em Abril de 1927, para a Rua da Assunção, em Lisboa, ocupando um quarto andar, sem elevador, tendo sub-alugado alguns dos compartimentos, pois a renda mensal era superior a um conto de reis.

Após a passagem para a Rua da Assunção, o número de sócios da FEP cresceu muito. Pretendia-se uma sala com a capacidade de pelo menos 700 pessoas. Em 26 de Agosto de 1928, o Conselho Superior da FEP aprovou uma proposta da Direção que visava adquirir um terreno para futura construção de uma sede própria. Tendo sido ali nomeada uma Comissão Pró-sede da Federação, com poderes de nomear as Sub-Comissões nacionais e estrangeiras, e angariar os respectivos donativos para a construção da nova sede. Entretanto, criam-se Comissões Brasileiras

10. D. Maria O'Neill foi uma escritora, poetisa, feminista, jornalista, e espírita

Pró-FEP, em Alagoas, Pernambuco e Baía. Nesse mesmo ano, entre 7 e 13 de Setembro, a FEP faz-se representar no Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres. Foi seu representante, o Sr. Hubert Forestier, ilustre Secretário Geral da Union Spirite Française, que representou também a Federação Espírita Brasileira.

Nas Colónias Ultramarinas o Movimento vai também ganhando adeptos.

Em 03 de Fevereiro de 1929 realizou-se a escritura pública de compra do terreno para a sede da FEP, e em 01

de Junho foi aprovada, pelo seu Conselho Superior Deliberativo a planta da construção. Em 1930 a Dr^a Amélia Cardia, escreveu propositadamente o livro Na Atmosfera da Terra, para que o produto da sua venda fosse aplicado à construção do edifício da sede social da FEP. Essa obra viria a ter grande êxito por todo o país, sendo vários os periódicos espíritas e profanos a enaltecer o valor da obra literária em pauta.

Iniciada a construção da nova sede da FEP, esta foi finalmente inaugurada no dia 01 de Janeiro de 1934, na Rua da Palma, nº 251 a 263 em Lis-



Sede da FEP, em 1934, na Rua da Palma, nº 251 a 263 em Lisboa



« Aspecto do salão da F. E. P. durante a conferência »

boa, à qual acorreram várias centenas de pessoas. Mas como o legado de Firmino Teixeira não fora suficiente para pagar todas as obras, a Direcção de então ficou com um encargo que não podia suportar apenas com a receita de quotas e de pequenas dádivas que iam surgindo, pelo que, após a inauguração, deliberaram alugar o imóvel à empresa do Cinema Rex e alugar uma casa mais modesta, na Rua de S. Bento, para onde se transferiu a FEP.

Entretanto, começam os primeiros alertas sobre as sombras que ameaçavam a Federação e o Movimento Espírita Português. Em 1934, António Castanheira de Moura, na altura tesoureiro da FEP, escreve uma carta dirigida à direcção alertando para a necessidade de revisão urgente dos Estatutos. Na sua opinião os Estatutos então em vigor não defendiam suficientemente a FEP de qualquer assalto que os inimigos (ou mandatários dos inimigos) do Espiritismo quisessem fazer-lhe.

E os problemas realmente surgiram. Em 1935 é eleito para a presidência da FEP o Sr. João de Sousa Carvalho,

professor de surdos mudos da Casa Pia de Lisboa que, no cargo em que foi colocado, cometeu várias arbitrariedades, entre as quais a de não dar contas do legado de Firmino Teixeira, o que provocou desentendimentos que levaram à debandada de muitos sócios.

Dos mais de 1200 sócios individuais da Fe-

deração, em quatro anos restavam apenas 250! O Sr. João de Sousa Carvalho, aos sócios colectivos que se mostravam desagradados, aumentava o valor da quota de tal maneira que eles deixavam de a poder pagar, sendo de seguida demitidos.

Quanto à FEP, como a maioria dos sócios debandaram, não se pôde manter somente com o seu rendimento para suprir as despesas e amortizar o débito da hipoteca que tinha sido contraída para terminar as obras. As lutas intestinas recrudesceram, tendo-se formado uma Comissão, de que faziam parte o Prof. José Francisco Cabrita, Eduardo Matos e mais três elementos que muito lutaram para salvar a Federação, mas sem os resultados desejados.

Em janeiro de 1949, a FEP publica a Revista de Metapsicologia, sob a direcção do Coronel Faure da Rosa, tendo como editor o Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa. Com a desencarnação de Faure da Rosa em 1950, assume a direcção o Dr. Estêvão da Silva, secretariado por Adelaide Ivone de Sousa e Manuel Caetano de Sousa.

Em 1950, num artigo publicado na Revista de Metapsicologia assinado por Adelaide Ivone de Sousa, António Castanheira de Moura e pelo Dr. António Joaquim Freire é feito um apelo aos sócios da FEP, a fim de patrocinarem a lista eleitoral por eles proposta, para que a Federação pudesse reatar as nobres tradições dos antigos fundadores. Esse apelo recebeu o apoio que lhes permitiu ganhar as eleições para o triénio de 1951 a 1953, dezasseis anos depois de João de Sousa Carvalho ter chegado à direcção.

Em 1952, esta direcção entretanto eleita, procurando servir o mais eficientemente que lhe era possível a verdade da sobrevivência e da comunicação entre os dois mundos, e no desejo de documentar cientificamente as afirmações e os factos espíritas, toma a decisão de propor a criação de um Laboratório de Estudos e de Investigações Psíquicas. Com a criação deste laboratório, tal como defendia António Castanheira de Moura, apoiado em vários vultos do Movimento Espírita português, tais como: Dr. Lobo Vilela, Dr. António Freire, Dr. Acácio Martins Velho, etc., a FEP abriria amplas e novas diretrizes ao Movimento Espírita português, considerando que a sua fundação tornaria possível um constante estudo e investigação das faculdades supranormais.

Assim, a partir de Maio de 1952, a Revista de Metapsicologia começa a publicar o Regulamento das Sessões Espíritas. Em Janeiro de 1953, a FEP, através desta revista, informa que submeteu já à superior aprovação de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, os Estatutos da Federação (que já existiam, mas tive-



Firmino Teixeira



Prof. José Francisco Cabrita

ram que ser alterados dada a criação do Laboratório). E este foi o despoletar dos trágicos acontecimentos que viriam a seguir.

Na sequência do despacho de 18 de Novembro de 1953, em que foi recusada a aprovação do Regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, o Ministério do Interior mandou, de imediato, proceder ao encerramento da sede da FEP, com base no indeferimento dos novos Estatutos, por entender que a Instituição se encontrava a funcionar sem legalidade, mandando lacrar os seus bens. Com o encerramento da FEP, dá-se o encerramento de todas as Instituições Espíritas em Portugal.

Nove anos mais tarde, em 1962, o referido Ministro decidiu que a FEP não tinha existência legal e que, por conseguinte, os seus bens fossem arrolados, confiscados e vendidos em hasta pública, revertendo o produto da venda para a assistência pública.

Quando em 25 de abril de 1974 se deu a revolução militar que derrubou o regime ditatorial que vigorava há várias décadas em Portugal, nasceu nova esperança para os Espíritas Portugueses. Por toda a parte cresceu o interesse na união e preparação para a abertura de Centros, começando também o movimento que

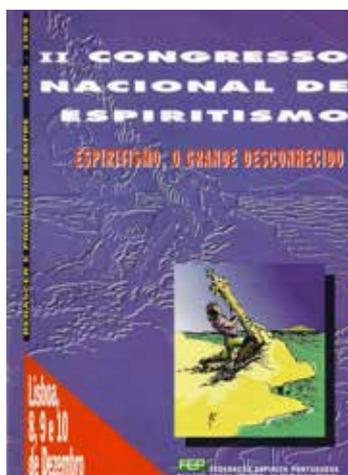
se propôs reabrir a Federação Espírita Portuguesa.

Depois de várias consultas e conversações efetuadas com autoridades governamentais, foi finalmente presente ao Senhor Ministro da Administração Interna, todo o processo reivindicativo do património da FEP.

Mas em 11 de Março de 1976, a FEP recebeu do Gabinete daquele ministro um documento que dá conta de que, apesar da constatação de muitas irregularidades, que estiveram na origem da espoliação dos bens desta Instituição, a nulidade ou anulabilidade do despacho só poderia resolver-se por via contenciosa ou legislativa, dado que o Ministério da Administração Interna não tinha competência para revogar o ato.

Em Assembleia Geral de 16 de Dezembro de 1977, são aprovados novos estatutos da FEP e passam a constituir lei orgânica da Federação Espírita Portuguesa, revogando os Estatutos anteriores. Ficaram assim, sem efeito os Estatutos de 1926!!!

Em Maio/Junho de 1985, o Círculo Cultural de Juventude Espírita Meimei comunica a realização de um Mini Congresso, a realizar em 27 e 28 de Julho nas instalações do Centro Espírita Cristão, de Fiães da Feira. É com este Mini Congresso que se ini-



ciam os Encontros Nacionais da Juventude Espírita, que se mantêm até hoje.

No dia 06 de Março de 1986 formalizou-se juridicamente a nova Federação Espírita Portuguesa. Com a formalização desse ato, tornou-se impossível reaver os bens da FEP, dado que todas as demarches posteriores já estariam a ser levadas a cabo por uma entidade que não era a real proprietária dos bens confiscados em 1953 e arrolados em 1962. Essa, aliás, foi a razão invocada pelo tribunal ao chumbar os processos judiciais que mais tarde foram encetados pela nova FEP para tentar reaver os bens confiscados.

Em Dezembro de 1992, numa Assembleia Geral realizada em Leiria para eleição dos novos Corpos Sociais, foram eleitos os primeiros jovens para os Corpos Diretivos da FEP. Foi esta Direção que promoveu o 2º Congresso Espírita Nacional, realizado em Lisboa, de 8 a 10 de Dezembro de 1994, nos salões do Hotel Meridien, com lotação esgotada.

Nos dias 30 de Setembro e 1, 2 e 3 de Outubro de 1998 realizou-se o 2º Congresso Espírita Mundial, entregue pelo C.E.I. – Conselho Espírita Internacional, ao Movimento Espírita Português, representado pela FEP.

Compareceram a este Congresso 3047 pessoas de vinte e sete países. De Portugal eram cerca de mil. O evento foi largamente noticiado nos Órgãos da Comunicação Social. Entre as diversas individualidades presentes destacam-se, Raul Teixeira, Divaldo Pereira Franco, e Jorge Andreia.

E com este evento, fechamos o levantamento dos factos que consideramos mais relevantes do Movimento Espírita em Portugal até ao final do Século XX.

Como vimos, acompanhando o que estava acontecendo em outros países na Europa, Portugal desde cedo se interessa em estudar a nova doutrina. Percebendo que se tratava de assunto de interesse para a humanidade, criam-se condições para que se possa fazer a divulgação organizada das novas luzes. Proliferam as agremiações associativas que incentivam a publicação de periódicos noticiosos. Aproveitando o pioneirismo de alguns, foi possível, apesar de alguns contratempus, criar em Portugal um Movimento que hoje se encontra representado a nível Internacional, contribuindo, assim, para o fortalecimento da união entre os homens de boa vontade.



Bibliografia

(periódicos)

Jornal *A Capital*, 04 de outubro de 1913.

Jornal *A Capital*, de 15-05-1925.

Jornal *Diário de Lisboa*, de 15/16-05-1925.

Jornal *Écos do Além*, de 15-01-1925.

Jornal *O Espírita*, de junho e julho de 1925.

Jornal *O Mundo*, 22 de janeiro de 1903.

Resenha Completa, Primeiro Congresso Internacional Espírita.

Revista *A Verdade*, junho, julho e agosto de 1920.

Revista *Além*, de maio junho de 1939.

Revista *Além*, setembro e outubro de 1941.

Revista *de Espiritismo*, julho e agosto de 1928.

Revista *de Espiritismo*, setembro e outubro de 1932.

Revista *de Espiritismo*, janeiro e fevereiro de 1927.

Revista *de Espiritismo*, maio junho de 1927.

Revista *de Espiritismo*, maio junho de 1928.

Revista *de Espiritismo*, julho agosto de 1928.

Revista *de Espiritismo*, setembro e outubro de 1928.

Revista *de Espiritismo*, janeiro fevereiro de 1929.

Revista *de Espiritismo*, julho e agosto de 1929.

Revista *de Espiritismo*, maio junho de 1930.

Revista *de Metapsicologia*, de maio de 1952.

Revista *de Metapsicologia*, de maio de 1952.

Revista *de Metapsicologia*, de janeiro de 1953.

Revista *Espírita do Porto*, fascículo 1 de 1896.

Revista *Espírita do Porto*, fascículo 2 de 1896.

Revista *Estudos Psíquicos*, junho de 1905.

Revista *Fraternidade*, outubro de 1977.

Revista *Ilustração Portuguesa*, primeiro semestre de 1906.

Revista *Reformador*, de 01/06/1917.

Revista *Universal Lisbonense*, 19 de maio de 1853.

(livros)

COSTA, Júlio S. 1955. *Ramalho Ortigão - Memórias do Seu Tempo*. Lisboa: Edição Romano Torres.

DOYLE, Arthur Conan. 2011. *História do Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento.

LACERDA, Fernando. 1985. *Do País da Luz*. Braga: Edições Luz no Caminho.

LEITE, Orlando, Raquel Oliveira e Sónia Trigueirão. 2012. *A Vida Louca dos Presidentes da República*. Lisboa: Editora Presença.

LUCE, Gaston. 1989. *Léon Denis - o Apóstolo do Espiritismo sua Vida, sua Obra*. Rio de Janeiro: CELD - Centro Espírita Léon Denis.

VASCONCELOS, Manuela. 2014. *Mistérios de Além-Túmulo*. Amadora: FEP.

WALLACE, Alfred R. 2016. *Defesa do Espiritualismo Moderno*. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos.

WANTUIL, Zêus. 1978. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB.

(outros)

SGMAI-Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna, Archeevo do SGMAI.

Diário do Governo nº 51 - 1ª série de 02 de março de 1946.

Fotos gentilmente cedidas pela Federação Espírita Portuguesa

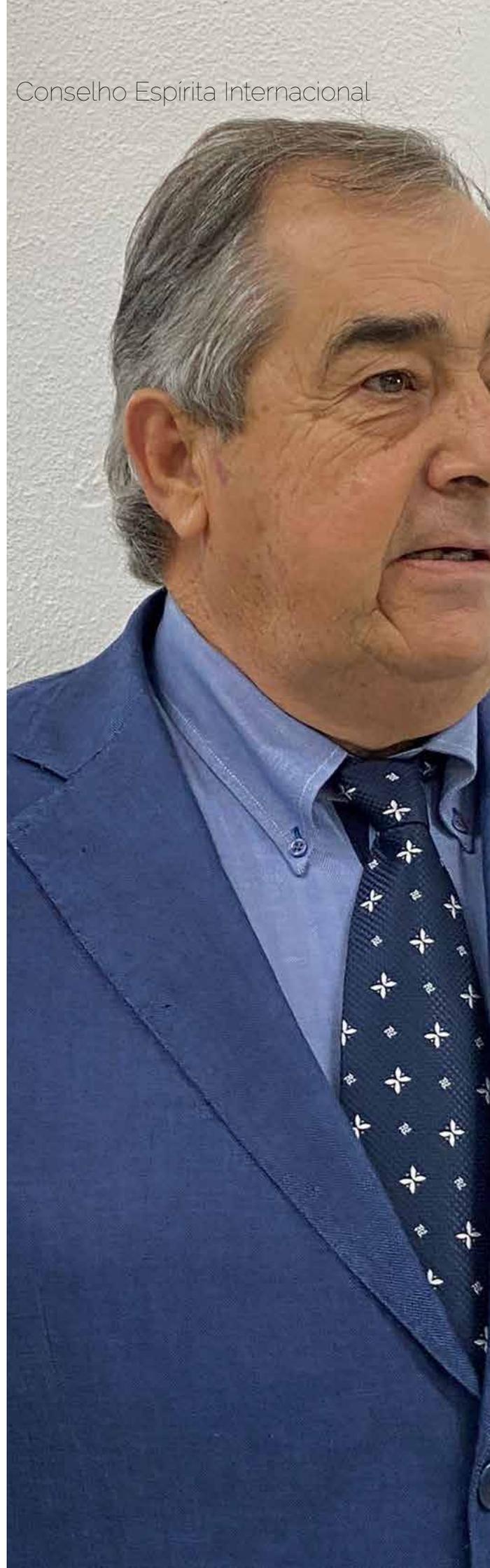


“o Movimento que tem como finalidade implantar a Doutrina Espírita no seio dos homens, cabendo à Federação Espírita Portuguesa o grato papel de unificação e divulgação



Entre
vista

Vitor
Féria



“

**É fundamental
manter a união, e (...)
para que possamos, de
facto, defender a
fraternidade universal,
que é essencial para
o nosso entendimento
e para o nosso
crescimento**

Entrevista

1 – Vítor, poderia falar-nos um pouco do seu primeiro contacto com a Doutrina Espírita?

O meu primeiro contacto com a Doutrina Espírita foi muito curioso, eu que tenho uma educação profundamente católica na origem, passei por várias fases, depois de me ter zangado, primeiro com os padres, depois com Deus, andei numa busca, passando por várias filosofias que não me satisfizeram, porque não encontrei nelas a resposta. Quando me falaram pela primeira vez no Espiri-

tismo, tudo aquilo fez sentido!... Tive oportunidade de visitar um grupo mediúnico que se reunia no Algarve e desde a primeira hora aderi com toda a naturalidade. A partir daí tive conhecimento de um Centro Espírita, o Luz Eterna de Olhão, onde, depois de várias peripécias, finalmente consegui entrar. Desde então, tornei-me um frequentador assíduo, mais tarde fui integrando o grupo de trabalho e cheguei à Direção, onde por volta de 1985-86 fui representar pela primeira vez a Associação na Federação e foi esse o meu primeiro contacto e ligação com esta instituição.



2 – Há quanto tempo se mantém a colaboração mais direta com a FEP através da participação nos seus órgãos sociais?

Desde finais dos Anos 80. Quando se fez a revisão dos Estatutos, em Setúbal, em que eu participei enquanto representante do Centro Espírita Luz Eterna, de Olhão, fui depois convidado para fazer parte dos corpos sociais da Federação. Entro então pela primeira vez para os quadros da Federação Espírita Portuguesa, isto quando esta estava sediada na Rua Maestro Freitas Branco, nas instalações da Associação Espírita de Lisboa. Posteriormente a FEP mudou-se para a Rua do Salitre, para umas instalações



cedidas pela D^a Maria Raquel, sendo que daí para cá esteve sempre ligado aos seus órgãos sociais, com um pequeno intervalo de um mandato, voltando depois ao trabalho federativo por volta de 1998 e desde então sempre ligado à Direção.

3 – Como descreveria as últimas décadas de Movimento Espírita em Portugal?

O Movimento Espírita em Portugal tem tido oscilações muito grandes... conseguimos chegar a um Movimento coeso, com uma certa preocupação com a união e a unificação; a dada altura acabaram por se criar Uniões regionais, com a intenção de descentralizar, de modo a que houvesse uma participação mais direta das diversas regiões do país. No entanto, essa experiência não resultou como tinha sido programada. Nestas décadas alternaram momentos de aproximação e afastamento, de modo bastante incerto, porque vamos encontrar no Movimento insti-

tuições muito fechadas sobre si mesmas, pouco participativas, sobretudo nas zonas mais a Norte, sendo que a nossa preocupação principal é aproximar para melhor divulgar a Doutrina Espírita, para que possamos chegar mais além, a um número maior de pessoas, levando o esclarecimento dentro dos nossos princípios.

4 – E o momento atual?

O momento atual é de alguma dispersão, embora possamos compreender nestes últimos anos o afastamento, provocado pela pandemia, o fecho das casas espíritas, e todas as contingências associadas a essa situação. No entanto, temo-nos mantido a trabalhar, no sentido de levar a nossa mensagem através dos meios de comunicação disponíveis, com o propósito de chegar o mais perto possível de todos, não só dos associados, mas do público em geral, tentando levar a mensagem de consolação que o Cristo nos traz.



Entrevista

5 - Quais são as prioridades da atual Direção da FEP, relativamente à expansão do Espiritismo em Portugal?

O nosso objetivo será sempre a unificação e nós pretendemos investir em campanhas de sensibilização para esse propósito, que não implica de forma alguma a imposição de ideias ou qualquer tipo de controlo, mas que nos sintamos como os verdadeiros espíritas, que se amam, que arrumaram a sua casa interior para partir para o exterior. E é esse o objetivo, que possamos estar unidos no trabalho que estamos a fazer em prol da divulgação da Doutrina.

6 – Qual o desejo que gostaria de formular para o futuro do Movimento Espírita em Portugal?

Que todos aqueles que nele participamos possamos entender, dentro dos princípios da Doutrina, que Jesus convida-nos a amarmo-nos incondicionalmente; que haja mais tolerância e entendimento; que cultivemos, nos nossos relacionamentos, essa fraternidade que nos é aconselhada por Jesus e por Kardec.





7 – Quão importante é a edição de livros espíritas por parte da FEP?

O objetivo do livro é a divulgação da Doutrina Espírita. A nossa preocupação tem sido, ao longo dos anos, conseguir ter na parte da livraria da FEP, uma diversidade de títulos que possam satisfazer, no fim de contas, a curiosidade dos leitores; alguém vai ler um livro porque tem curiosidade em saber o que se passa, qual o conteúdo que pode retirar das suas páginas. Mas para isso, é preciso também inculcar-lhe essa vontade de saber, de conhecer, porque é o conhecimento que esclarece e o livro é um meio por excelência, na diversidade de temas e formas que nos ajudam a

compreender a relação entre o mundo físico e o espiritual. Ligada a esta preocupação de abrangência, temos outra, que não é menos importante, e que tem a ver com a competitividade dos preços, de modo a que as obras se tornem acessíveis, para que a maioria tenha facilidade em adquiri-las. Obviamente que a Federação não tem meios para disponibilizar gratuitamente os livros, porque eles têm um custo elevado e nós temos que, dentro do possível, garantir a continuidade da divulgação por este meio, mas, nalguns casos, certos livros têm um preço simbólico, como acontece com as obras da Codificação, para que possam chegar a todos os que as desejem conhecer.

8 - De que forma vê o papel da Federação Espírita Portuguesa no Movimento Espírita Mundial?

O Movimento Mundial chama-se Conselho Espírita Internacional. O Conselho Espírita Internacional (CEI) foi fundado em 1992 e desde a primeira hora que a FEP esteve presente. São trinta anos em que estivemos sempre representados, fazendo parte de vários órgãos, marcando uma posição presente e ativa nesse trabalho.

Neste momento temos uma responsabilidade grande, porque assumimos cargos e encargos na divulgação da Doutrina, integrando vários grupos de trabalho, coordenando outros. Fomos responsáveis pela Campanha em Defesa da Vida - "Amar a vida, amar o próximo", que se desenrolou ao longo de vários anos e que culminou com o congresso feito em Portugal, que reuniu mais de 2000 pessoas. Assumimos também, mais recentemente, o compromisso a cinco anos (já passou mais de um ano) da recuperação da *Revue Spirite*, que tem apresentado uma qualidade excecional, elogiada e reconhecida por todos os países-membros do CEI, através de um grupo de trabalho que se tem dedicado de alma e coração à materialização deste projeto, deixando ao mundo um testemunho da presença de Federação Espírita Portuguesa no CEI.



9 – Poderia falar-nos um pouco da sua amizade com os médiuns Divaldo Franco e Raul Teixeira?

Temos realmente oportunidade de ser grandes amigos o que permite ver o trabalho de Divaldo de uma forma totalmente diferente. Às vezes ele confessava que o seu trabalho em Portugal tinha duas fases: uma antes deste nosso relacionamento e outra depois dele. A afinidade com a pessoa é uma realidade, mas o compromisso assumido com a divulgação da Doutrina, faz-nos senti-lo como um pai. Somos dois amigos profundos, com um objetivo comum. E graças a Deus conseguimos dar o apoio sempre que foi possível, para o êxito do trabalho desse apóstolo

abnegado que dedicou o seu tempo à divulgação da Doutrina no nosso país e ao qual devemos, de facto, muito do progresso que houve na divulgação espírita nos sítios mais recônditos desta terra.

O Raul Teixeira é outro amigo. É diferente, são personalidades diferentes, com quem também tivemos oportunidade de percorrer o país, acompanhando-o, naquela sua maneira de professor, na sua atitude didática de esquematização e de orientação, que se tornava tão bonita e nos ajudava a compreender o que nos dizia naquele seu tom agradável, às vezes forte, mas sempre com a preocupação de seguir Jesus e compreender os princípios de Kardec.





10 - Poderia falar-nos um pouco das suas memórias no CEI?

Tivemos oportunidade de acompanhar grandes personalidades, hoje parte delas já desencarnadas, grandes amigos. Podemos mencionar o Nestor Masoti, que foi muito tempo Secretário Geral do CEI, a Carolina Hernandez da Argentina, o Wanderley e o Benjamin Franklin dos Estados Unidos, o Roger Perès de França, o Rafael Molina de Espanha, enfim, e tantos outros; não gostaria que faltasse nenhum!... Estes já no Mundo Espiritual, mas com certeza dando o seu contributo e doando a sua inspiração, para que o CEI seja, cada vez mais, uma referência a nível mundial.

11 – Poderia dar-nos a sua opinião sobre o momento atual do CEI?

O CEI é um Movimento Espírita mundial, e dentro dos diversos interesses, haverá sempre os que se inclinam mais para um determinado tipo de questões, outros para outras. Haverá regiões do mundo, como por exemplo a Europa ou os Estados Unidos, em que as pessoas procurarão mais conhecer a doutrina através da filosofia ou da ciência, outros lugares onde preferem a abordagem da doutrina à parte moral, outros estão mais interessados no aspeto da mediunidade. Criam-se portanto núcleos de interesse que podem ser distintos. Então, é preciso usar de muita diplomacia para conseguirmos continuar nos



objetivos da unificação e da divulgação da Doutrina. E, logicamente, que só com muita tolerância isso será possível. Cumpre-nos tentar, como se diz na gíria, “acompanhar o barco”, porque quando não acompanhamos, esse lugar é ocupado por outro. Mesmo quando há discordâncias é necessário permanecer presente para dar o testemunho dos princípios da doutrina até ao final. Não vamos desistir só porque é mais cómodo! Vamos tentar divulgar sem impor; não temos ideias preconcebidas nem somos fundamentalistas, mas, sim, temos a noção que é fundamental manter a união e defendemos a união a todo o custo, para que possamos, de facto, defender a fraternidade universal, que é fundamental no nosso entendimento e para o nosso crescimento.

12 - Se estivesse frente a frente com Kardec, o que lhe diria/ perguntaria?

Perante Kardec, a minha atitude é de gratidão. Quando estamos perante uma entidade com determinada vibração, nós diminuimo-nos para ter oportunidade de beneficiar dessa vibração. A atitude perante Kardec seria de gratidão... não sei se teria algo para perguntar ou para dizer, além de ser grato pelo seu trabalho...

13 - Qual é a sua melhor memória de todos estes anos de trabalho na Doutrina Espírita?

Talvez a oportunidade de ter criado um Centro Espírita na minha terra natal - São Brás de Alportel, a Associação Espírita de São Brás...

14 – Poderia resumir, numa frase, o seu percurso como trabalhador espírita e como participante ativo do Movimento nacional e internacional?

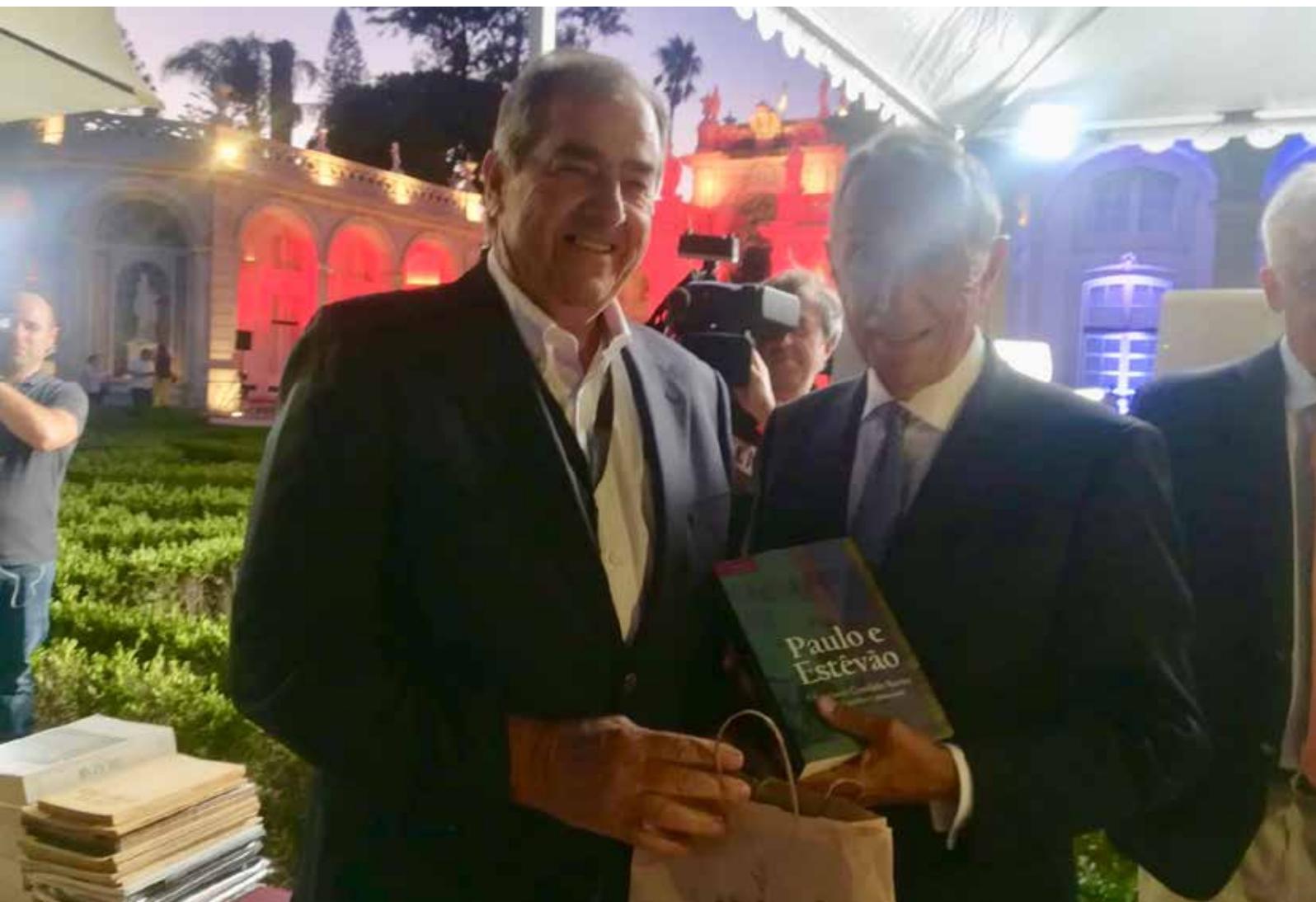
Dedicação incondicional ao Movimento, independentemente das dificuldades: foi dedicação de corpo e alma, ao Movimento Espírita, nacional e internacional... Dedicação!

15- Se pudesse fazer uma evocação de um Espírito, como na época de Kardec, quem evocaria? E que pergunta lhe faria?

Depois de trabalhar em grupos mediúnicos durante mais de trinta anos, a curiosidade foi ultrapassada. Nós admitimos a curiosidade no princípio, depois é um trabalho sério... não tem como. Quando estamos perante entidades de uma certa elevação espiritual, a vibração é de tal maneira grande, que não há nem perguntas nem respostas, há gratidão...!

Vitor Féria presidente da Federação Espírita Portuguesa na Feira do Livro nos Jardins do Pálacio de Belém em Lisboa, a oferecer livros Espíritas ao Presidente da República Portuguesa Marcelo Rebelo de Sousa

Fotos gentilmente cedidas pela Federação Espírita Portuguesa



Comunicação Social Espírita

Image by Greg Rosenke on Unsplash



***André Henrique de Siqueira** Diretor de Comunicação na Federação Espírita Brasileira. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília.



****Ismael de Moura Costa** Mestre em Ciência da Informação e bacharel em Sistemas de Informação. Atua na Federação Espírita Brasileira como colaborador voluntário no ESDE, encontros da AFAM e como Coordenador Nacional Adjunto da ACSE do CFN.

ANDRÉ HENRIQUE DE SIQUEIRA* & ISMAEL MOURA COSTA**

Comunicação **Bene** volente





Resumo

A comunicação consagrou-se como instrumento mediador da verdade desde a chamada revolução científica, no século XVI. Para o Espiritismo ela é um instrumento de progresso dos seres e das coisas. À luz do pensamento espírita, a comunicação se estabelece com propriedades específicas, decorrentes da própria filosofia espírita. O caráter benevolente da comunicação espírita decorre de uma fundamentação filosófica que compreende o Mal como conceito alheio à realidade da natureza e o Bem como a essência do real, e expressa-se como prática na busca efetiva pela Verdade.

Palavras-chave Espiritismo, Comunicação, Prática comunicativa.

Print maker Philips Galle "Printing press
New inventions and discoveries" (1589).
Engraving, Rijksmuseum

A temática da comunicação invadiu o mundo moderno desde que a Ciência desenvolveu seu método de investigação e pretendeu dominar a natureza e suas leis para desenvolver os plenos poderes da Humanidade.

A prensa de Gutemberg e as modernas plataformas de interação virtual oferecem a representação da realidade como técnica essencial para impregnar a verdade com ares de transparência. O ideal de descobrir a realidade e o seu funcionamento, centrado na ideia de que a empiria e o racionalismo poderiam comunicar as essências da realidade para o espírito humano, transformaram-se no elemento conceitual chave que norteia nossa moderna sociedade do conhecimento: a informação.





“

O Espiritismo

se propõe a promover o desenvolvimento moral e intelectual dos indivíduos, mas sempre respeitando a liberdade e o tempo de amadurecimento de cada um

A informação notabilizou-se como elemento central portador da verdade, para o idel positivista do mecanicismo: a verdade da natureza é comunicada ao homem por meio da experiência e da formulação teórica racional. Depois, o conceito de que representações da realidade podem ser codificadas e comunicadas, ganhou mais ênfase com o desenvolvimento das práticas comunicativas que pretendiam noticiar os fatos da realidade à medida em que fossem descobertos. O desenvolvimento da imprensa trouxe singulares contribuições para o desenvolvimento de uma visão da realidade fática, ao mesmo tempo que as tergiversações do pensamento abriam espaço para a criação de informações ficcionais, nas obras de literatura. Foi preciso diferenciar informações reais e informações ficcionais, na tentativa de separar os espaços de conteúdo de que as informações se faziam portadoras.

A própria natureza da informação passou a ser investigada. Sendo um ativo fundamental para a sociedade, a informação passou a ter valor e sua posse garantia poderes ao detentor. Ao ganhar um caráter técnico de instrumento de ação sobre a realidade, a informação ultrapassou a dimensão de unidade de conhecimento e transformou-se em ferramenta para atuação da realidade. E o seu modo de ação centrava-se na comunicação.

Muitos problemas decorrem da manipulação da informação - ora como instrumento ficcional, ora como agente de consolidação de poderes. Mas é notável assinalar a mediação

da comunicação por diferentes mecanismos de representação - oferecidos pelos diferentes canais comunicativos - que ampliou o poder de ação da informação e transformou em objeto de preocupação a ética comunicacional aplicada em nosso dia-a-dia.

O problema epistemológico da comunicação - caracterizado pelos elementos que possibilitam o conhecimento da informação, seus modos e natureza - transformou-se em um problema de ética da comunicação, considerando-se o profundo impacto que a representação da realidade passou a desempenhar nas sociedades contemporâneas.

Questões relativas à veracidade da informação foram contrastadas com os interesses comunicativos que respaldam as ações de indivíduos e de sociedades. Vender ou impor ideias, opiniões e conceitos passou a ser modo de interação social e a emergência das redes sociais - como instrumentos de uma vida virtual - acentuou as dificuldades de discernimento e agravou os problemas éticos relativos à comunicação.

Como saber o que é verdadeiro nas informações? Como identificar as intenções que orientam os atos comunicativos? Como distinguir opiniões e fatos num cenário midiático em que poucos se esforçam por diferenciá-los?

Tornada a comunicação uma técnica de construção da realidade, por meio da representação, todo o cuidado passou a ser necessário na produção, disseminação e consumo de informações no ambiente tecnológico da midiatização.

I. Uma linguagem própria para a Comunicação Espírita

Nada a se estranhar que o problema ético da comunicação afete o processo de uso da comunicação nos meios espíritas. Sem o cuidado de pensar o impacto do Espiritismo, como doutrina filosófica de consequências morais, sobre os atos da vida, corre-se o risco de tratar a comunicação em sua exclusiva função midiática e imitar, nos atos comunicativos do Movimento Espírita, as mesmas práticas exploratórias de vender ideias ou impor opiniões, sem o devido respeito com a autonomia espiritual do interlocutor.

Há que se desenvolver uma linguagem própria, uma semiótica específica para os atos comunicacionais propostos pelo Espiritismo. E isso por um motivo filosófico fundamental: "Pelo Espiritismo a humanidade deve entrar numa nova era de progresso moral, que lhe é consequência inevitável" - como afirmou Allan Kardec¹.

A linguagem de comunicação do Espiritismo há que ser diferente do modelo propagandista que pretende influenciar o comportamento, utilizando técnicas de venda de informação para gerenciar a opinião das pessoas. Ao definir-se como proposta educativa para o progresso dos Espíritos, o Espiritismo se propõe a promover o desenvolvimento moral e intelectual dos indivíduos, mas sempre respeitando a liberdade e o tempo de amadurecimento de cada um.

Dessa forma, o Espiritismo se distancia de uma proposta comunicacional proselitista, que pretende fazer de

tudo para converter o outro a alistar-se nas lides espíritas. Ao contrário, o movimento de comunicação empreendido pelo Espiritismo é o de busca da Verdade, aliando-se à Ciência em suas descobertas e investigações sobre o mundo material e desenvolvendo suas próprias práticas de estudo e investigação da Mediunidade, como instrumento de acesso às realidades espirituais - conforme estabeleceu *O Livro dos Médiuns*, como guia investigativo e prático da comunicabilidade com os Espíritos.

Ao propor o critério da Universalidade dos Espíritos como base para aferição das revelações espirituais - recomendando ser melhor rejeitar dez verdades a aceitar uma só mentira² - o Espiritismo centra sua linguagem comunicativa sobre o fundamento da Verdade e estende sua estética comunicativa para padrões de beleza e de utilidade, considerando-se os aspectos de forma e de propósito dos modos comunicativos.

A linguagem de comunicação proposta pelo Espiritismo é a de uma Comunicação Caridosa: fundamentada em práticas de benevolência, indulgência e perdão - seus modos de interação comunicacional.

1. Ver Kardec, "O Livro dos Espíritos", Conclusão, parte V.

2. Ver Kardec, "O Livro dos Médiuns", Comunicação do Espírito Erasto, Cap. XX, item 230.



O movimento de comunicação

empreendido pelo
Espiritismo é o de
busca da Verdade,
aliando-se à Ciência em
suas descobertas

“

O Espiritismo

centra sua linguagem comunicativa sobre o fundamento da **Verdade** e estende sua estética comunicativa para padrões de beleza e de utilidade

II. Relação entre o Espiritismo, como modalidade de pensamento, e a comunicação

Caracterizando-se como proposta filosófica, cuja origem reside nos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos a partir de uma perspectiva imortalista apoiada na mediunidade, o Espiritismo parte de uma ontologia geral centrada na existência do espírito e da matéria como elementos gerais do Universo e tendo em Deus a Causa Primária de tudo, a Inteligência Suprema que criou e mantém o Universo e suas leis.

Asseverando ser o espírito o princípio inteligente e a matéria o instrumento do qual se serve e sobre o qual atua, a Doutrina Espírita propõe sobre a base da comunicação a estruturação do progresso do espírito por meio de sua interação com o mundo material, que o acolhe e facilita a assimilação das leis gerais do universo, que ele passa a assimilar, progredindo por meio de sua prática.

Decorre de tais conceitos que o modo comunicacional, pelo qual o Espírito promove seu desenvolvimento, é constituído por interações consigo, com o outro e com Deus - resultando num longo processo de transformação e aprendizado, que utilizará a informação como unidade de entendimento e a educação como modo de adaptação à realidade das coisas, para depois interferir na sua melhoria.

A proposta filosófica do Espiritismo coloca o problema da comunicação em estreita relação com os fundamentos ontológicos da realidade e implica na necessidade de uma concepção ética para as práticas comunicativas, desde as mais simples interações com a natureza - pelas quais se busca a verdade das coisas, até às relações entre os sujeitos espirituais, a consolidarem uma cosmo-sociedade entrelaçando seres e coisas, em um modelo de fraternidade universal.

III. O caráter integrador e benevolente da Comunicação Espírita

Destaca-se, portanto, o caráter integrador da comunicação espírita: um princípio de entendimento que convida todos os atos comunicativos a reconhecer a integração entre seres e coisas numa concepção ecológica estendida, que considera as dimensões materiais e espirituais e que propõe sermos todos parte de uma grande sociedade espiritual, na qual se desenvolve o progresso intelectual e moral de todas as criaturas.

Mas a direção do progresso não é aleatória: firma-se na proposição de que, existindo leis na natureza, o correto procedimento é aquele que lhe é conforme: o ser só é feliz quando age de acordo com as leis que vigem no universo. Daí a importância do progresso intelectual que compreende tais leis, e do progresso moral que as torna práticas de nosso cotidiano.

Com esse conceito de conformidade às leis universais, o Espiritismo define o conceito de Bem e de Bom: o Bem é tudo aquilo que está em conformidade com as leis divinas ou naturais, e conseqüentemente o Mal é tudo o que lhe é contrário. Mas observe-se que tal conceituação transforma a noção de mal em epifenômeno transitório, o mal é tudo aquilo que, ainda inconforme às leis, submeter-se-á às modificações da experiência e naturalmente se ajustará à realidade das coisas.

Bem é, portanto, uma condição de realidade. E o próprio mal converte-se em instrumento impulsionador de progresso, na medida em que sua presença implica em experiências demonstrativas da incompatibilidade com as leis universais.

O caráter benevolente da comunicação espírita decorre, igualmente, de tal estrutura conceitual. E expressa-se na busca efetiva pela Verdade: o mal não corresponde à realidade da natureza, o bem é a essência do real.

Destaque-se que o bem não é entendido como aquilo que nos agrada! A lei de destruição, que traz dificuldades para muitos, é uma lei natural, portanto um bem! A crueldade, por outro lado, apresenta-se como um mal temporário, característico dos que ainda não assimilaram a essência da lei de destruição vigente na natureza.

Havemos de buscar, portanto, o caráter benevolente nos atos comunicativos. E esse caráter é assente na busca da verdade expressa em todas as coisas. Na construção de entendimentos comuns que nos permitam o progresso intelectual - pelo entendimento, e o progresso moral - pela prática da verdade.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 1995. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 1996. *O Livro dos Médiuns*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

“

O bem

é a essência do

real

Notícias

01. Oficina de Planejamentos Criativos

A Área de Infância, Juventude e Família do CEI realizou, nos dias 23 e 24 de abril de 2022, uma Oficina de Planejamentos Criativos na Evangelização/Educação Espírita, destinada a evangelizadores/educadores espíritas.

O evento realizou-se online, na plataforma Zoom, em três idiomas em simultâneo: Português, Espanhol e Inglês.

Ao todo, evangelizadores/educadores espíritas oriundos de 20 países se inscreveram para o evento: Alemanha (10), Arábia Saudita (1), Argentina (1), Bolívia (7), Brasil (129), Canadá (16), Chile (3), Equador (1), Espanha (1), EUA (14), Itália (4), Luxemburgo (1), México (1), Panamá (3), Peru (5), Portugal (8), República Dominicana (1), Suíça (3), Uruguai (3) e Venezuela (6).

Cada momento foi permeado por especiais experiências, reflexões, emoções e muito aprendizado, que ficarão guardados nos corações de todos.

02. III Congresso Regional Virtual de Jovens Espíritas América Central, México, Panamá e Caribe

Realizou-se, no dia 15 de maio de 2022, o III Congresso Regional Virtual de Jovens Espíritas América Central, México, Panamá e Caribe.

O tema central do congresso foi "Influência da Sociedade na Estrutura Familiar". Este congresso foi promovido pelo Conselho Espírita Internacional e realizado pela Cadena Heliosófica Guatemalteca.

03. Assembleia Geral do CEI

No dia 10 de Abril de 2022 o Conselho Espírita Internacional realizou a sua primeira Assembleia Geral do ano, com a presença de 21 países dos 22 que o compõem. Foi feito um balanço das várias actividades e projectos desenvolvidos, com a apresentação do Relatório de Actividades de 2021 das sete áreas do CEI.

04. 165 anos de *O Livro dos Espíritos*

No dia 18 de abril de 1857 foi lançado *O Livro dos Espíritos*, obra fundadora da Doutrina Espírita ou Espiritismo. É a primeira de um conjunto de cinco obras, conhecidas como "Obras Básicas", organizadas por Allan Kardec (1804-1869) e que constituem um corpo doutrinário, de triplice carácter (científico, filosófico e moral ou religioso), resultante das informações universalmente concordantes, fornecidas pelos Espíritos, através de centenas de médiuns de todo o mundo.

Hoje, 165 anos depois do seu lançamento, *O Livro dos Espíritos* é um inesgotável compêndio de conhecimento para o ser humano, na sua dimensão integral e, por isso, um livro intemporal!

05. Roda de conversa sobre Mediunidade

A Área de Estudo e Prática da Mediunidade do CEI realizou, nos dias 22 e 29 de maio de 2022, um conjunto de Lives em vários idiomas, com o tema "Despertar da Mediunidade".



01



02



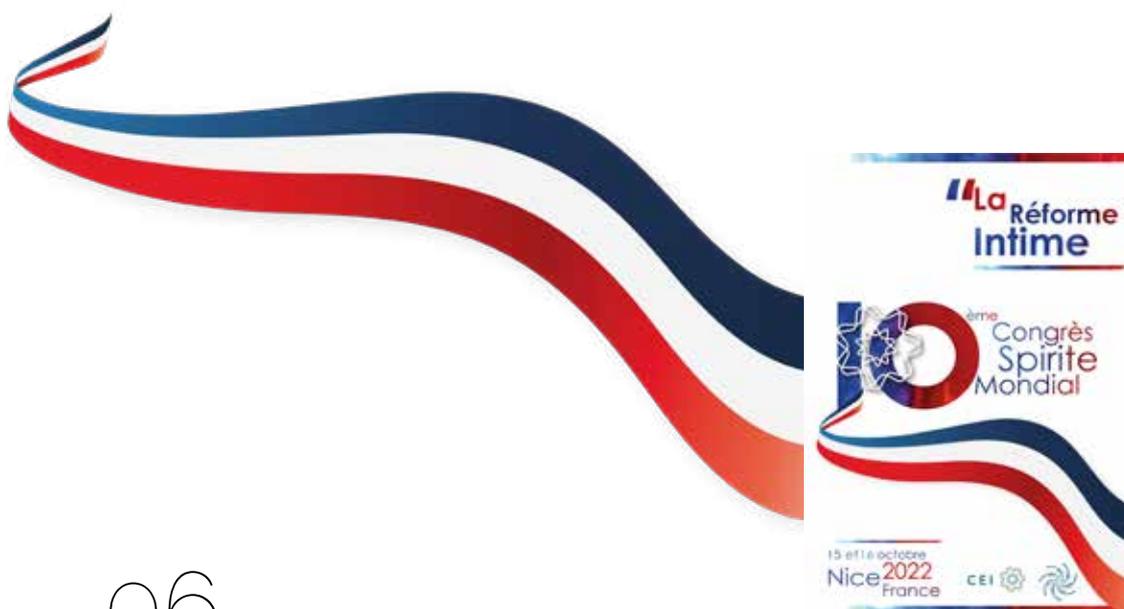
03



04



05



06 ● 10º CONGRESSO

ESPÍRITA MUNDIAL 2022

Caros amigos,

Devido à crise sanitária e às incertezas sobre a evolução dos acontecimentos, a Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional, em conjunto com os organizadores do próximo Congresso Mundial, decidiu modificar o projeto inicialmente previsto para Nice, França, para o formato virtual.

Assim, o 10º Congresso Espírita Mundial, que decorrerá nos dias 14, 15 e 16 de Outubro de 2022, e terá como tema "A Reforma Íntima", será reali-

zado em formato inteiramente virtual e será transmitido gratuitamente para todo o mundo nos canais filiados do YouTube.

O evento será transmitido em várias línguas, incluindo Inglês, Francês, Português e Espanhol e compreenderá palestras e mesas redondas sobre vários tópicos relacionados com o tema da **Reforma Íntima**.

Reserve, desde já, estas datas na sua agenda! Teremos todo o prazer em recebê-lo neste grande evento espírita de dimensão planetária!

Mais informações em breve no [site do 10º CEM](#)

CEI



COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2019 - 2022

Conselho Espírita Internacional





Social Media

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Youtube](#)

[Online](#)

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

